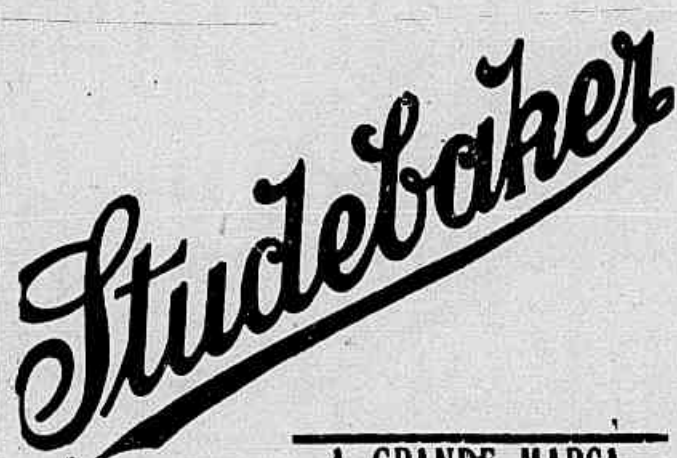
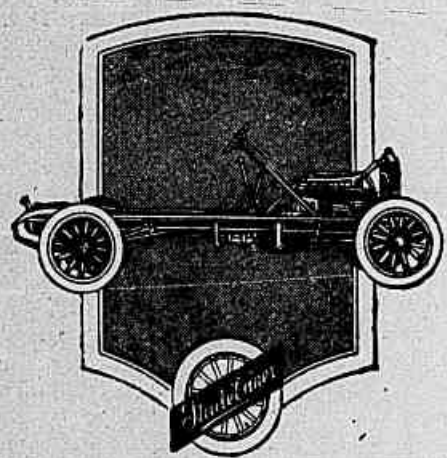
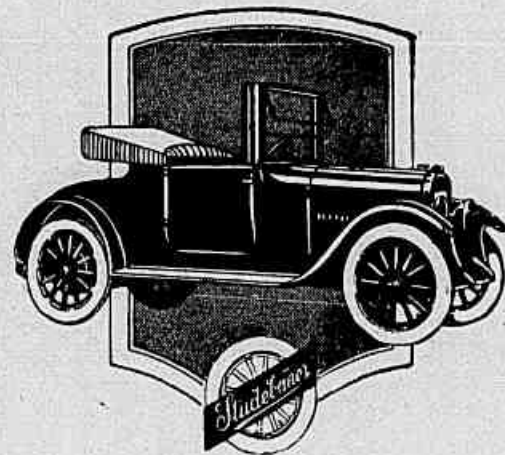
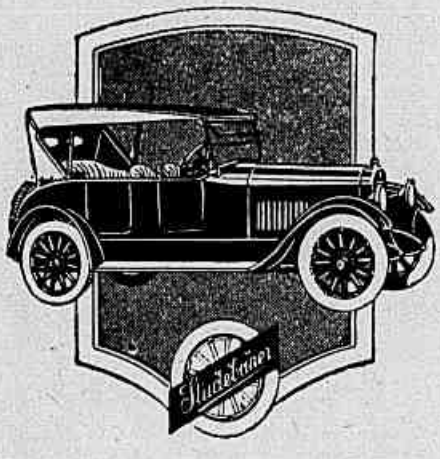
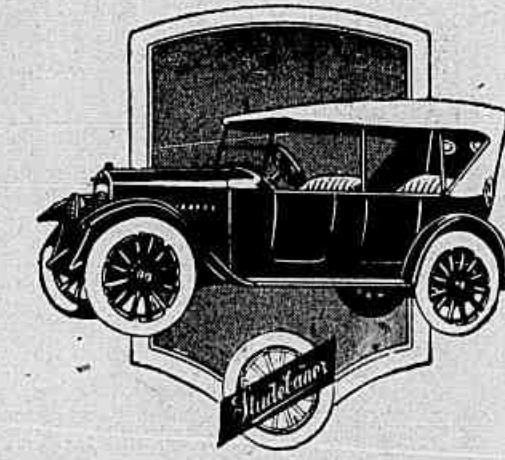
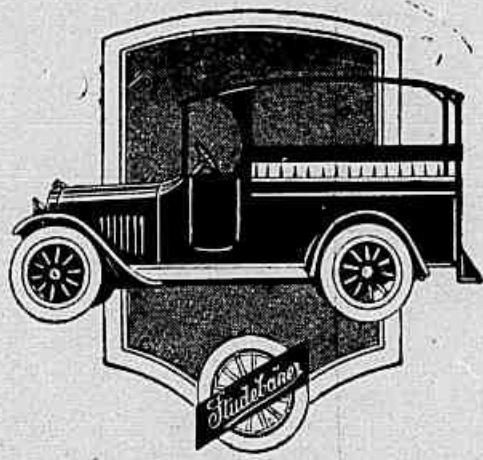
Preço para todo o
Brasil 1$000 réis

ANNO XXII - N. 2
RIO DE JANEIRO
8 de Janeiro - 1921

REVISTA DA SEMANA

FABIAN
RIO

Irmã Eugenia

Conto de André de Régis

A minha primeira historia amorosa? Visto fazerem questão e ter chegado a minha vez, de bom grado a contarei. Vão rir-se della sem duvida e todavia eu conservo do caso — a mais de vinte annos de distancia — tal impressão que rasgaria, sem sacrificio, todas as paginas do romance banal da minha vida, para só conservar aquella...

Devo, antes de mais nada, confessar-lhe que nunca fui nem serei homem de ter uma grande paixão. Timidez, temor ou respeito, não sei qual desses sentimentos tem prevalecido nas minhas relações com as mulheres: o facto é que vejo, em qualquer dellas, um ser de natureza superior á nossa. A mulher é para mim a deusa, o idolo, o ideal; e, se desejo ardentemente saborear os beijos dos seus labios e passear os meus olhos perturbados e enternecidos pelo lago mysterioso e profundo do seu olhar, nada faço — ouçam bem — nada faço para lhe deixar perceber a onda de desejo que me invade á caricia da sua voz, á pressão tepida e fugaz da sua mão, ao appello que vem de toda ella, á offerenda discreta das suas graças e encantos... Fujo estupidamente ou respondo com as mais desconcertantes banalidades. E vou-me embora, furioso commigo mesmo, e passo a viver horas de mortal tristeza e ansiedade, esperando em minha casa aquella a quem adoro — e que, naturalmente, não vem jamais.

Só uma vez, uma unica, tive a audacia de beijar labios que se recusavam, olhos com que, todos as noites, incessantemente, sonhava.

Vinte annos passaram já sobre essa temeridade insensata.

Foi no Collegio de M. onde todos nós, pensionistas da classe dos «graudos», andavamos apaixonados pela Irmã Eugenia, a mais moça, delicada e linda das Irmãs encarregadas da Enfermaria e da Rouparia. Raramente a viamos; sabiamos apenas que os seus olhos eram dulcissimos e as suas fallas tinham o encanto harmonioso de caricias... Formara-se, porém, em torno della, um verdadeiro romance: fallava-se duma paixão contrariada que a levara ao claustro; e parecia que desse transe pathetico ainda restava nos seus olhos cor de myosotis uma especie de languor e de infinita tristeza... Era essa romantica formosura que nós cantavamos em versos, onde, á falta de correcção technica, sobrava a sinceridade, o enthusiasmo. Mas tempo veiu em que, forçado pelas contingencias do meu bacharelato em letras, eu tive que pensar mais nos exames que naquella graciosa figura, aureolada da sua touca branca de religiosa...

Ora, uma bella manhã, fui accomettido duma febre violenta que o medico receiava ver transformar-se em typhoide e que exigia a minha transferencia para a Enfermaria. Durante os dois primeiros dias da molestia, debati-me em crises terriveis, nas quaes a razão inteiramente me fugia...

A Irmã Eugenia, encarregada especialmente da minha guarda, havia supportado com angelica paciencia os arranhões com que eu flagellava as suas alvas e finas mãos, e os rugidos ferozes com que, dalgum modo, insultava a sua candidez. Depois, pouco a pouco, foi me voltando a consciencia das coisas; sorri ao rosto pallido que me sorria... E comecei então a amal-a, a amal-a tanto e de tal modo que me dava prazer tyranisal-a, para a ter continuamente ao pé de mim...

Uma noite, estando nós sósinhos na sombra tranquilla da sala, a Irmã Eugenia aproximou o rosto do meu, a ver se eu dormia, e como estava a minha respiração. Os meus braços enlaçaram-lhe o pescoço, puxaram-lhe o rosto para a minha bocca e desatei a beijal-a nos olhos, na testa, nos labios, murmurando: «Mamãe! Mamãe!» Ella, evidentemente, não percebeu o meu estratagema; acreditou que sonhava com minha mãe distante — e senti, senti perfeitamente o sabor dos beijos que correspondiam aos meus. Quando me pareceu que me podia revelar sem perigo, segredei-lhe ao ouvido, docemente, como em sonho:

— Ah! Se soubesse como eu a amo, Irmãzinha Eugenia...

A Irmã recuou vivamente, assustada, perturbada, toda rosada de pudor. Afastou-se sem ruido e vi-a depois ajoelhada deante do immenso crucifixo negro que se erguia tragico, ao fundo, contra a parede branca do dormitorio.

Não repeti a louca tentativa...

Ao demais, desde esse dia não mais os olhos da Irmã Eugenia deixaram de evitar os meus. Não mais tiveram para mim a caricia de luz que me envolvia e aquecia a alma... Quando deixei a Enfermaria, despedi-me, com um simples cumprimento de cabeça, da minha linda enfermeira; ella inclinou-se fria, ou indifferente, ou tristemente, não sei... Vi, porém, o seu rosto grave e delicado animar-se dum ligeiro cor de rosa.

Pois bem! Durante muito tempo me doeu na consciencia aquella má acção; e nunca me perdoei de todo a emoção, a especie de soffrimento que causei áquella creaturinha e que lhe fez subir o ardor e a cor do sangue ao doce rosto virginal...

ANDRÉ DE RÉGIS.

«N'esse dia, o seu vestido era da mais linda côr, d'um ouro avermelhado, e com os enfeites que melhor condiziam com a sua juventude».

Dante, o exilado florentino, o homem cujo olhar tinha penetrado a deslumbrante belleza do paraizo e os horrores do inferno, baixou a voz; mas madonna Pietra degli Serovigni inclinou ainda mais a cabeça, para não perder uma palavra do que elle dissesse, porque o grande exilado estava descrevendo o seu amor pela divina Beatriz, esse amor superior a todos os amores.

«A primeira vez que ella appareceu ante os meus olhos teria talvez nove annos, e assim que eu vi aquella deliciosa creança murmurei á minha alma: «A suprema belleza acaba de te ser revelada». — Dante fez uma pausa; o seu rosto tornou-se brilhante: — «Oh! Era um anjo!» — exclamou; depois, suspirou fundamente. — «Foi o começo de tudo, para mim. Desde aquella hora, fiquei para sempre preso ao encanto da mais divina creatura que viveu na terra. Emanava d'ella todo o encanto feminino. Movia-se n'uma atmosphera de luz tão pura que o olhar humano não podia fital-a, sem deslumbrar-se. Tinha uma voz onde se ouviam gorgeios de passaros, murmurio do mar, o canto da brisa, o terno som da lyra».

«Via-a muitas vezes?» — perguntou Pietra, brincando com o seu collar de diamantes, entretecendo-o nos dedos delicados. Dante curvou a cabeça.

«Muitas vezes, na minha mocidade, fui procural-a. Seu digno pae, Folco Portinari, recebia-me com grande amizade, e eu achava Beatriz tão nobre e tão digna de admiração que só podia dizer d'ella o que Homero disse de uma outra: — «Não parecia da terra, parecia do céo».

Ergueu a cabeça, olhou em torno de si, depois para madonna Pietra, sem reparar sequer no seu rico vestido de velludo, verde como um campo na primavera, nem para o seu diadema de brilhantes, nem para o cabello annelado e louro; — porque todas as mulheres do mundo eram tão indifferentes a Dante Alighieri como as flôres d'um jardim. Para elle, só havia uma mulher; as graciosas creaturas que pretendiam a sua amizade nada o interessavam, eram sombras que passavam; e madonna Pietra como as outras.

Madonna Pietra córou; o seu collo, branco como alabastro, purpureou-se tambem, e os seus olhos tomaram uma expressão de profundo interesse.

«E' admiravel — murmurou ella, — ouvir a sua narrativa, Dante; mas diga-me, quando foi que esse amor tão puro, pela sua dama, floriu e se transformou? Porque essa paixão infantil devia ter-se tornado mais forte, mais poderosa, quando ambos cresceram e se tornaram um homem e uma mulher. Ha sempre uma occasião em que um rapaz novo olha para uma rapariga e comprehende o que é amar, como seu pae já o comprehendeu, antes d'elle.

Dante franziu a larga fronte e Pietra, sentando-se melhor entre as almofadas bordadas da sua cadeira de espaldar, sorriu docemente, dizendo comsigo que havia de obrigar Dante a dizer-lhe como tinha amado essa mulher que morrera, Beatriz Portinari; se a tinha amado com

Madonna Pietra inclinou-se para trás com um pequeno grito...

paixão espiritual e pura, como diziam todos os que o conheciam, ou com paixão humana, quente e poderosa.

«Quereria fazer-lhe comprehender, madonna — murmurou o grande exilado, depois d'uma longa pausa — que nada havia de vulgar na minha verdadeira paixão por Beatriz; e comtudo, um dia, n'aquelle justamente em que fazia nove annos que os meus olhos pela primeira vez contemplaram a mais graciosa fórma humana, — sorriu ternamente ao evocar aquella imagem — um dia, appareceu-me essa divina creatura, vestida de branco, entre duas outras lindas mulheres mais velhas do que ella, e passando por uma rua pousou em mim o seu olhar. Senti então como se uma doce confusão dos meus sentidos me perturbasse; por certo foram esquecidas as phantasies infantis, no extranho deslumbramento que se apoderou de mim, provocado pela adoravel belleza d'aquella linda mulher. Os seus labios deviam ser tão doces e quentes ao contacto como as petalas cahidas d'uma rosa vermelha, e o seu halito mais perfumado que ellas. As suas mãos! eu bem sabia que aquellas pallidas mãos tocariam as fibras do meu coração e inspirariam a minha alma a todas as harmonias do amor, emquanto eu mal tocava nos seus delicados dedos. Sim, notei os divinos contornos do seu busto, sob o velludo do riquissimo vestido, a graça do seu andar. Nenhuma flôr, ainda a mais delicada, poderia egualar aquella belleza feita de castidade, coroada de pureza».

A sua voz era intensa e persuasiva, os seus olhos brilhavam, os labios tremiam; depois, continuou vagarosamente:

« Saudou-me com inexcedivel cortezia, e devo confessar-lhe, madonna — Dante sentou-se e approximou-se mais da linda mulher com quem estava fallando — que na subita presença da minha amada, que agora attingiu os limites da perfeição, me senti desfallecer, como todos os amantes desfallecem, e sonhei o que outros homens sonham. Vi no horizonte da minha phantasia Beatriz, como minha esposa. Corri brandamente as cortinas do nosso leito nupcial. Tive sonhos febris, loucos, embriagantes. Ah! Abandonei a sua presença com os labios ardentes, labios queimados de sêde, porque ainda não tinha aprendido que o amor tem sentimentos mais sublimes que o casamento humano, e que as mais profundas paixões da alma ultrapassam todas as emoções da carne. »

« Madonna Beatriz casou — observou ella lentamente — e deixou a casa de seu pae para ser noiva. O que pensa d'esse casamanto, Dante? »

Havia uma leve malicia na voz de madonna Pietra, e os seus olhos observaram-n'o.

Estaria só?...

A Declaração de Amor

Concurso da "Revista da Semana"

AOS HOMENS:

— Como declararieis o vosso amor numa carta de vinte linhas, no maximo?

A'S MOÇAS:

— Como responderieis, numa carta de vinte linhas, no maximo, a uma declaração de amor?

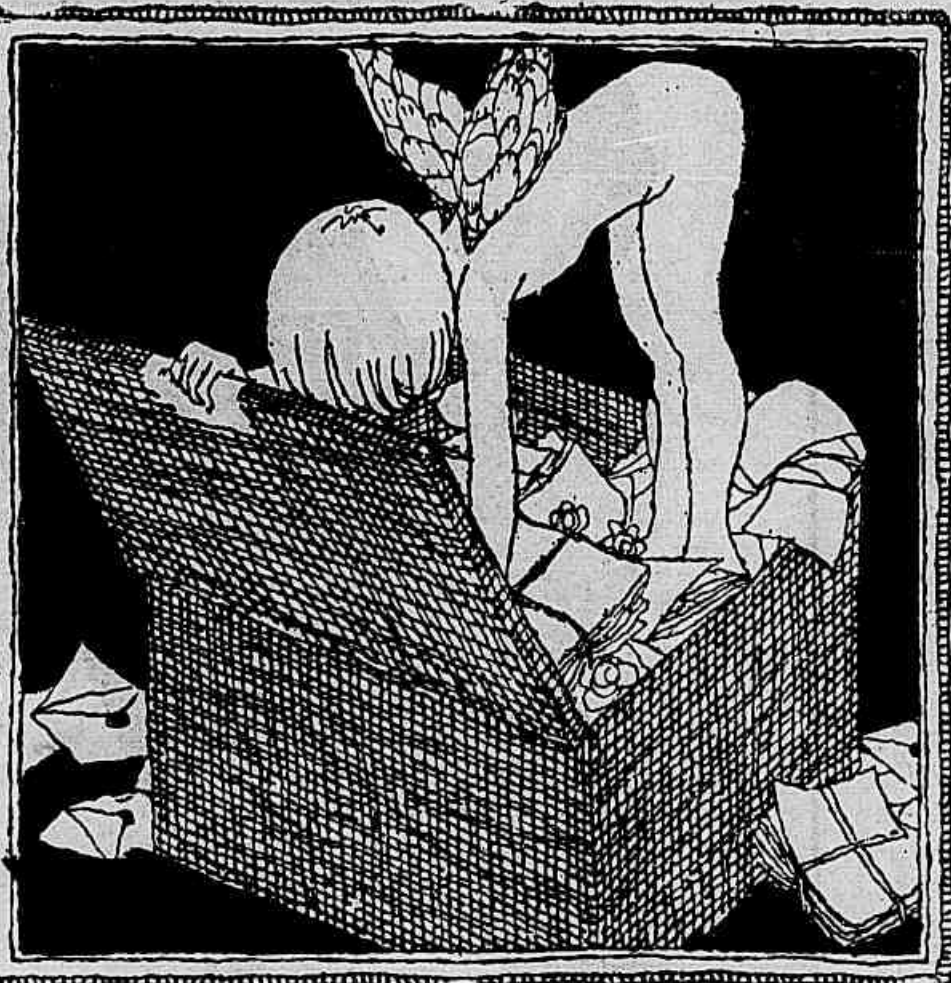
A REVISTA DA SEMANA publicará as cartas que lhe forem enviadas para este concurso, e que devem obedecer ás seguintes condições:

1.ª — Não excederem de 20 linhas de texto manuscripto;

2.ª — Não conterem expressões improprias da compostura moral desta «Revista».

3.ª — As cartas deverão ser assignadas com pseudonymo ou pelo primeiro nome seguido pelas iniciaes dos restantes, podendo ser endereçadas nas mesmas condições.

O concurso está aberto pelo espaço de seis mezes. Terminado o praso (que pode ser prorogado caso haja concorrentes cujos trabalhos esperem ainda publicação nessa data) um jury composto de tres homens de letras procederá á classificação. Os premios deste concurso serão opportunamente annunciados.

Desde o proximo numero iniciaremos a publicação das cartas recebidas.

Dante escondeu o rosto entre as mãos, calou-se durante algum tempo, e respondeu á pergunta com grande cortezia:

« Que havia eu de pensar sobre o casamento de Beatriz? Em que poderia elle affectar qualquer de nós? Seus paes mandaram, ella obedeceu; o casamento significava tão pouco para ella que o acceitou pacientemente, como supportaria qualquer outro destino na terra; a sua doce alma foi vestal até ao ultimo dia, uma vestal consagrada a Deus... »

«— Não o amava a si, n'esse tempo; era fria como a neve, era uma pallida amante desapaixonada, insensivel..»

Madonna Pietra ao dizer isto franziu levemente os labios vermelhos e concertou uma prega do vestido. Habituada como estava a ter o elogio e o amôr de todos, mal podia comprehender a belleza da paixão que Dante e Beatriz tinham um pelo outro, e julgava que o grande exilado a estava ludibriando. Não percebia como tão poucas provas d'amor tinham produzido o maior dos amores da terra, e que o homem cujos versos tinham immortalisado Beatriz nunca tivesse beijado os labios que adorava, nem acariciado o seu cabello, nem apertado nas suas as mãos d'ella. Pietra degli Serovigni estava descontente e mostrou-o n'um gesto petulante.

Dante ergueu-se da cadeira. Era um homem alto, e a sua figura esbelta, mais alto o fazia parecer; havia n'elle um não sei que, que o distinguia dos outros homens. Tinha uma expressão altiva e triste ao mesmo tempo. No seu olhar brilhava o genio.

Madonna Pietra inclinou-se para traz na cadeira d'espaldar, com um pequeno grito, assustada, quando elle se levantou e ficou erecto em frente d'ella.

Assustada d'aquelle homem tão alto e delgado, na sua veste de velludo, o homem que uns chamavam diabo e outros santo, assustada como uma criança que teme o que não comprehende, receiando ter provocado a sua ira pela ultima referencia a Beatriz — pois bem sabia que incorrer no ódio de Dante era arriscar-se a uma vingança que podia ser eterna — porque este grande poeta entre os poetas assim procedia com os seus amigos e inimigos, achando logar para os que amava, nas suas visões do paraizo, e para os que odiava, nas mais horriveis descripções do seu inferno.

«Diz que a minha dama me não amava, a minha divina Beatriz, porque os nossos encontros não tinham caricias, e porque o seu destino a conduziu para o caminho do dever, longe, bem longe d'aquelles que se divertem amando?»

Erguendo as mãos, continuou:

«Madonna Pietra só vê o Desejo, esse que se disfarça em Amor e não o eguala nunca, pois o amor puro, innocente, caminha despido por nada ter que esconder».

Dante parou um momento; depois dirigiu-se para a janella pela qual ia entrando o clarão avermelhado do pôr do sol. Encostou-se ao peitoril e fixou o olhar ansioso no céo.

Pietra degli Serovigni respirou mais á vontade; o olhar do poeta era extranho; agradou-lhe que elle se tivesse encaminhado para a janella.

«Madonna Beatriz tem no seu peito uma lampada que arde e se queima, de fórma que o seu espirito vive em fogo ardente. — Dante ergueu a voz triumphante — Ella, que era da pallidez da perola, não podia viver entre os homens; assim, foi para o céo, onde está gozando a côrte celeste, e banhando-se de harmonia e paz. Não foi a morte que m'a roubou; foi um anjo que de novo a fez nascer. Além d'isso, a lampada que arde no seu peito queimou-lhe a carne e vestiu-a de immortalidade. Nada havia n'ella de humano; assim, a morte lhe foi suave. Fechou os olhos e abriu-os no céo».

Dante baixou a altiva cabeça.

«Oh! profunda admiração, de que uma tão divina creatura pudesse pensar em mim! E comtudo a sua alma e a minha experimentaram os mais profundos mysterios da união, e desposaram-se para sempre. Nós, cujos labios nunca se uniram na terra, conhecemos um tal amplexo d'espirito que podemos lamentar aquelles cujo amor termina com a morte e se satisfazem com o triste prazer que a carne concede, desconhecendo o delicioso extase que sentem os que amam com o espirito, com o que teem em si de melhor, com a alma! Oh! madonna, madonna, — voltou o rosto, e olhou solemnemente para Pietra — confesso-lhe que Beatriz me amou desde o primeiro momento da sua vida, e foi-me dada pela sua alma e é minha para sempre. Isto posso eu jurar-lh'o, e não me lamento. Pense bem no que eu ganhei, em compensação do que perdi. Em verdade, o corpo d'aquella divina creatura não era nem para o meu culto nem para o meu amor; os vermes destroem-n'o talvez agora; mas a alma, quem tem o poder de a destruir? Para mim, ella está viva! — O seu rosto brilhava emquanto dizia isto e os seus olhos tinham uma expressão sobrenatural. — Oh! a communhão de que gozamos! exclamou elle; — Beatriz inclina para mim o seu rosto, e eu ergo para ella o meu! E dou graças A'quelle que a tudo dá vida, por ter podido escrever sobre a minha divina amada o que nunca foi escripto de mulher alguma. Agora espero que o meu espirito possa ir ver a gloria da sua dama, para eternamente repousar junto d'ella».

Deixou de fallar e ficou como que extasiado; pareceu a madonna Pietra que um extranho e subtil aroma perfumava a sala com uma indescriptivel fragancia e sentiu como que o bater d'umas azas.

Fugiu da sala escura, porque aquella mulher de ligeiros amores e facil humor, essa cortejada belleza, teve uma curiosa sensação de que, se estivesse alli mais tempo, tiraria os seus braceletes, o seu diadema, os seus anneis, os seus velludos e sedas, a sua vaidade, reconduziria os seus apaixonados e sentar-se-hia na escuridão, ouvindo a voz da sua alma; mas depressa afastou de si aquelle pesadello.

«Creio que Dante e Beatriz estão communicando um com o outro! Que Deus me preserve d'estes amores a distancia!» — murmurou ella fechando a porta atraz de si.

Depois foi procurar Cino e Guido e outros amigos, madonna Selvaggia e Diamante. a sua aia preferida, a que sabia, entre todas, fazel-a bella.

«Vamos jogar qualquer coisa — disse Pietra — — ou vamos contar alguma historia alegre. Dante encheu-me o espirito de trevas».

Mas corou ao dizer isto, porque sabia que Dante, sosinho na sala, Dante o exilado, estava gozando um bem que ella nunca conheceria. Estaria só? Pensou em Beatriz.

«Vamos comer e beber porque a morte vem sempre demasiado depressa, — continuou rindo; depois abriu nervosamente o leque de plumas; — o que quereria Dante dizer com o seu: «Nascer de novo?»

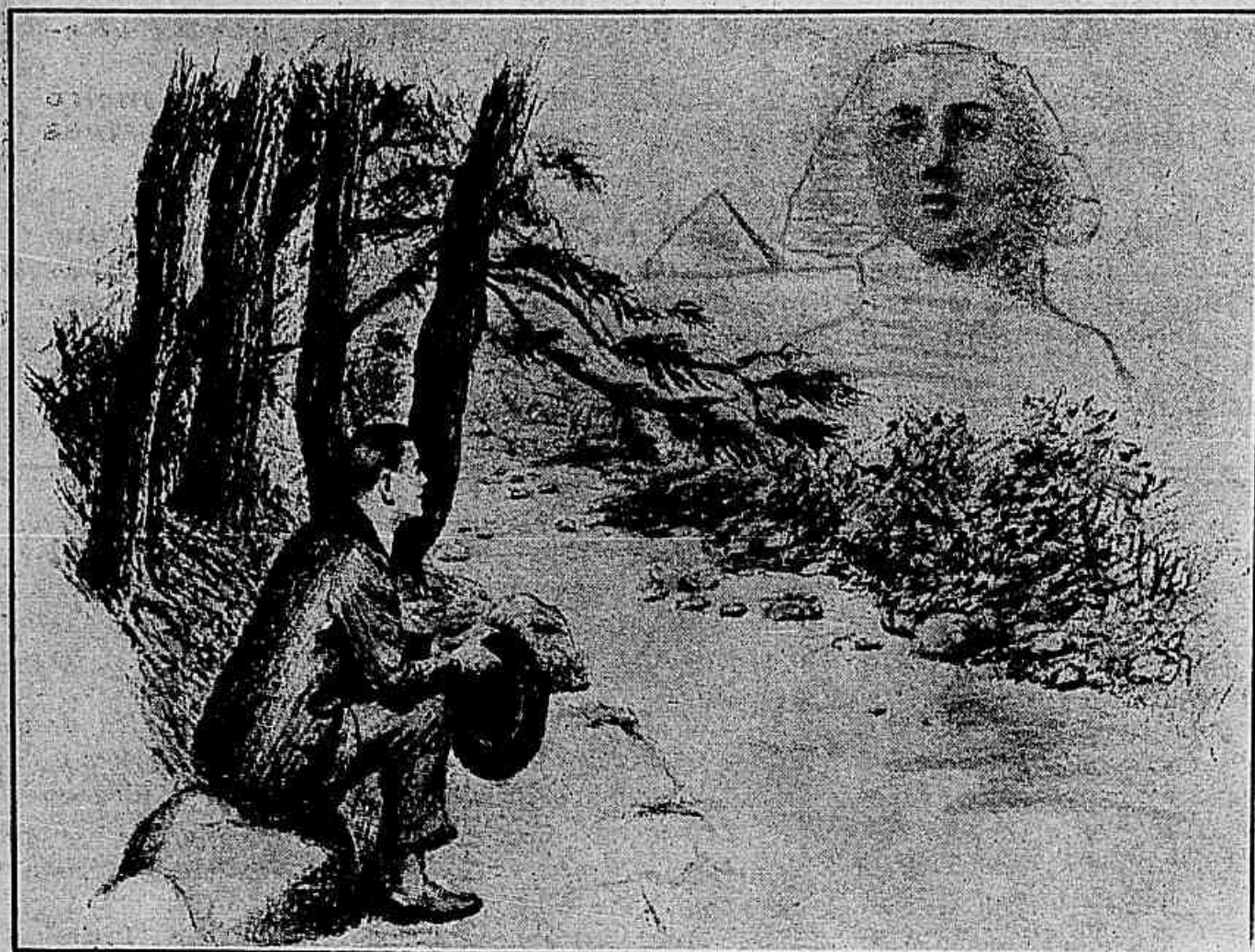
. . . .

Mas Dante, de joelhos, na sala escura de carvalho esculpido, poderia explicar-lh'o, se ella lh'o fosse perguntar.

Dante ajoelhava perante o Amor!

(*De Alice e Claude Askew*) *Traducção de* B. DE SALLES

— Olha, meu querido, aqui está annunciado um remedio, que é o que te convem. Tira as dores nas costas, evita os accessos de asthma, cura a tosse e fortifica os pulmões.

Pelo Mundo fóra

Como elle ás vezes vê a mulher que elle ama!

elle assegura ser egualmente veridica.

O poeta Jehan Rictus, graças a uma recommendação de José-Maria de Heredia, tinha arranjado um emprego na Prefeitura do Sena, na secção do registro civil. Um dia, apresenta-se alli um empregado ferroviario, trajando o respectivo uniforme, para registrar um filho.

— E como se vae chamar a criança? perguntou Jehan Rictus.

— Paris - Lyon - Marseille! respondeu, todo ancho, o homemzinho.

— Mas isso não pode ser. E' preciso um nome de calendario...

— Queria prestar esta homenagem á Companhia que me dá o pão a ganhar...

E tanto insistiu, tanto pediu que o poeta funccionario cedeu em parte e o menino ficou se chamando Paris.

As exigencias do cantor

Parece que Chaliapine — o grande cantor russo que, apezar de tantas vezes annunciada a sua morte, está tão vivo como qualquer de nós — vae deixar as regiões desoladas do Este europeu e voltar a encantar com a excellencia da sua voz e os primores da sua arte os dilettanti do Occidente. Ultimamente, tem elle cantado em Moscou e Petrogrado. E o professor Koroutchevski, a quem as vicissitudes da epoca expulsaram do paiz dos soviets, contou em Londres esta divertida historieta:

Pediram a Chaliapine para se fazer ouvir na opera, de Nijni, Novgorod.

— Valeu, respondeu o artista, mas hão de me pagar o que eu exigir. Antes de cantar, quero receber um sacco de farinha, quarenta arraleis de assucar e vinte de doce de calda.

Foram necessarios oito dias para se juntar o fornecimento exigido por Chaliapine. Mas este teve as doçuras exigidas e os seus fanaticos gosaram daquella voz privilegiada e magistral.

S. Lenine

Um casal de Zurich pretendeu recentemente dar a um filho, no registo civil, o nome de Lenine. A isso, porém, se oppoz a autoridade municipal, declarando que Lenine não estava ainda no Flos sanctorum e o uso era dar ás crianças nomes do calendario christão.

A proposito deste caso recente, conta um jornal parisiense outra historieta que data dalguns lustros, mas que

A mysteriosa Venus Negra de S. Sebastian

Na ultima temporada de banhos na praia hespanhola de S. Sebastian surgiu um dia na praia, á hora do banho, uma mulher desconhecida, vestindo um *maillot* de seda preta, que ninguem conhecia, que ninguem vira antes daquella manhã. Durante quinze dias, á mesma hora, a Venus Negra appareceu, tomou o seu banho e desappareceu deixando atraz della o mysterio e a impressão de sua plastica venusina.

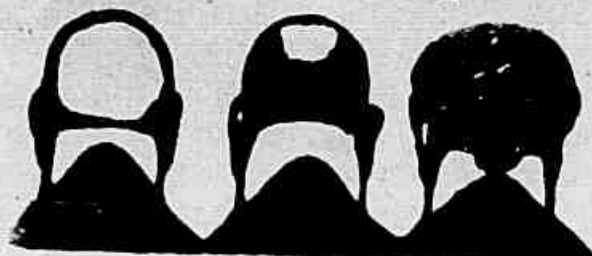
Photographia de A. Franck.

O THEATRO NOS ESTADOS-UNIDOS

Um quadro da peça de grande espectaculo "Mecca", em scena no *Century Theatre*, de Nova York, com bailados de Fokine. A scena representada na gravura é a *Bachanal Egypcia*, considerada a maior das maravilhas coreographicas.

Para ter bôa saude

A theoria segundo a qual só o vegetarianismo pode assegurar uma boa saude — diz um colaborador da Occult Review — é perfeitamente absurda. Muitos pratos em que não entra carne são maus para a saude e «parecem explicar a estreiteza de espirito de que muitos vegetarianos dão prova, quando expoem a sua doutrina».

O grande erro dessas theorias relativas á saude está em fazerem abstracção do elemento pessoal. O segredo duma boa saude não é apenas uma sciencia, mas tambem uma arte. A abstenção da carne não constitue, por isso, uma

reforma de alimentação, assim como a execução dalguns movimentos adoptados ao acaso não resolve, por si só, o problema da cultura physica.

A difficuldade está em se saber coordenar a escolha dos nossos alimentos e as manifestações da nossa actividade physica, de maneira a determinar uma real harmonia entre a nossa alma e o nosso corpo. Para isso, no emtanto, basta a applicação rigorosa dos cinco mandamentos que se seguem:

1 — Procurar sempre os melhores pratos e as melhores bebidas, os melhores exercicios e os melhores repousos que possam favorecer a saude propria. Esse designio exige leituras, discussões e certo saber proprios duma applicação racional dos nossos conhecimentos;

2 — Fazer algumas experiencias escrupulosas;

3 — Depois que uma experiencia deu bom resultado, aplicar o regime respectivo durante muitas semanas ou mezes;

4 — Apreciar-se a si mesmo segundo os resultados physicos (aspecto geral, disposições, resistencia), intellectuaes (capacidade laboriosa, facilidade de composição) e economicos.

5 — Tirar de todos esses dados não apenas a significação physica mas tambem a sua quintessencia espiritual.

O autor do artigo, Sr. Eustace Miles, conclue affirmando que quem seguir essas regras na vida conseguirá traçar uma linha de conducta physica e intellectual que lhe assegurará a felicidade.

A impossibilidade de nova guerra

No entender do grande publicista inglez H. G. Wells, não pode haver mais guerras. E assim elle fundamenta a sua theoria: Em todos os tempos os homens se guerrearam, como sempre as crianças, nos quartos de brinquedo, brigaram e continuarão a brigar. A' medida, porém, que os progressos scientificos pozeram nas mãos dos homens engenhos de maior poder mortifero, as guerras se foram naturalmente tornando mais desastrosas — e mais raras. As guerras hão de acabar, não por uma questão de civilisação, mas por necessidade da conservação da especie. Se a ultima guerra foi terrivel, a proxima o seria muito mais. Pode-se até admittir que os povos combatentes fossem inteiramente exterminados. A humanidade acabaria, pois, por se aniquilar a si propria se, com armas cada vez mais aperfeiçoadas, continuasse a guerrear. Eis a razão, a razão unica por que as guerras se vão tornar impossiveis.

A Liga das Nações assumiu a missão nobilissima de fazer cessar as luctas entre os povos; e pensa-se geralmente que a sua intervenção bastará para se obter tal resultado. Deve-se, porém, considerar que todas as instituições humanas, sociaes e politicas se baseiam na guerra e nos seus principios; e a tarefa da Liga das Nações, se esta chegasse realmente a supprimir o flagello, importaria, nem mais nem menos, em reorganisar as bases da vida social da humanidade.

Terceira dentição

As successivas dentições das crianças representam para os paes motivos de preoccupação e ansiedade, como doenças verdadeiramente perigosas. A primeira faz sempre que a mãe ou a ama deixem de dormir noites seguidas; e a segunda, embora permitta aos paes descançarem de noite, não os apoquenta menos, por causa da lentidão com que os novos dentes — que talvez sejam feios ou ruins — vêm substituir, nas gengivas agora tão desgraciosas e ridiculas, os antigos.

Por mais, todavia, que as crianças possam soffrer durante as crises da dentição, não ha velho que se não sujeitasse de bom grado a taes tormentos, para vir a ter, outra vez, uma bella e solida dentadura... Esta prodigiosa felicidade, concederam-na recentemente os fados a um venerando ancião de cento e oito annos de idade. Assim o noticiam os jornaes norte-americanos — e em

que outro paiz poderia ter-se operado tal maravilha? O ditoso velhote mora numa modesta localidade do Mississipi e de todo o Estado vae gente visital-o e apreciar os seus formosos dentes... recem-nascidos.

Parece, no emtanto, que o macrobio não está muito satisfeito com os seus novos elementos de mastigação. Achaos um tanto molles. Mas um jornal, para o consolar, dizlhe que tenha esperança, que é muito provavel que os dentes, com o tempo, endureçam.

A carestia da vida na Allemanha

Quem se applicar a discernir as causas do encarecimento progressivo da vida na Allemanha — diz a Zukunft — forçosamente chegará á conclusão de que essa calamidade deve ser attribuida, em larga escala, aos erros do actual regime. Os srs. Calwer e Elias desempenharam a louvavel tarefa não só de mostrar, com o auxilio dos estatisticas, o mecanismo geral desse encarecimento mas tambem de o estudar nos casos particulares. Os trabalhos de Elias levam á convicção perfeita da incapacidade dos dirigentes economicos allemães. E esse veredictum não se baseia unicamente na impressão causada pelos ultimos resultados. Na media obtida de trinta e quatro cidades allemãs, o custo da vida duma familia é onze vezes mais elevado do que em Janeiro de 1914. Esses resultados poderiam ser determinados por uma força superior, «pelas circumstancias», como dizem os burguezes estupidos. Se, porém, se considerar a rapidez com que se produz o encarecimento, ver-se-ha quanto elle tem de alarmante. A 1 de Abril de 1919, *era elle quatro vezes mais elevado; a 1 de Janeiro de* 1920, *seis vezes mais; a 1 de Março de* 1920, *sete vezes mais elevado que no tempo de paz. Mas, a 1 de Maio de* 1920, *tornou-se elle superior dez vezes e meia. Obedecerão taes algarismos a uma lei ou serão apenas a expressão da «velocidade adquirida»?*

A carestia da vida não attinge apenas as necessidades exteriores dos Allemães; apezar dos billiões addicionaes que têm abarrotado os cofres do fisco, para o povo contentar o estomago precisa de gastar:

12 *vezes mais que em* 1914;

4 *vezes mais que ha anno e meio;*

2 *vezes mais que ha tres mezes.*

Apezar de todos os ataques á grossa industria, o preço do carvão é dezesseis vezes superior ao de 1914;

4 *vezes superior ao de ha um anno;*

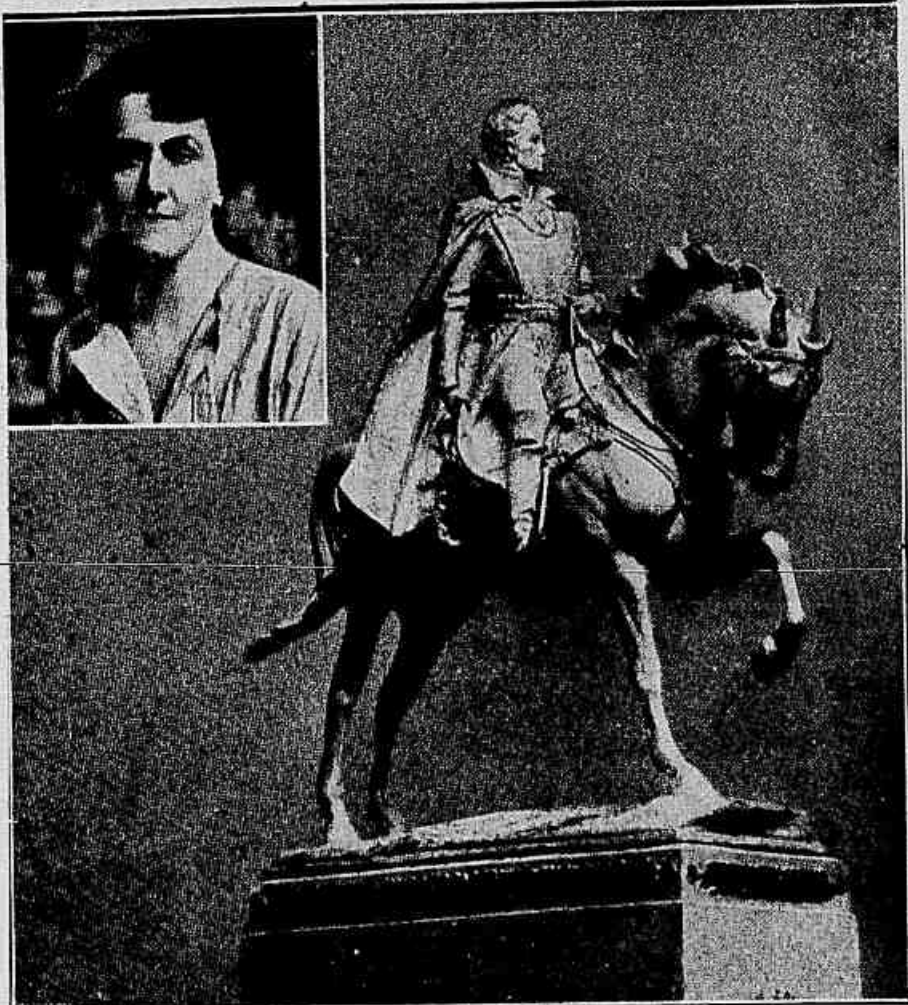
o dobro de ha cinco mezes.

E quanto tempo se manterão os actuaes alugueis de casa?

Não, conclue o artigo da Zukunft, a carestia da vida não declina na Allemanha; agora é que ella começa!

A cruzada contra o tabaco

Depois da cruzada contra o alcool, eis que se levanta, nos Estados Unidos, a cruzada contra o tabaco. E parece que a causa principal desta segunda campanha é a inactividade e o tedio daquelles que se bateram contra o alcool e agora precisam doutro inimigo a quem vencer...

O mez passado, foi distribuida, em muitas centenas de milhares de exemplares, uma brochura: «E agora, acabemos com a nicotina!» Ahi se descrevem, com cores carregadas, todos os maleficios do tabaco de fumo. Diz-se que nenhum dos grandes homens norte-americanos das duas ultima gerações era fumante. Chama-se a attenção dos amigos do charuto ou do cachimbo para a maneira estupida como elles gastam o seu dinheiro «queimando-o». E appella-se para as donas de casa, afim de não permittirem que os maridos ou os amigos da familia empestem, com as suas baforadas, o ar das habitações.

Mas a propaganda visa sobretudo os jovens fumantes. As mamãs começam, pelos modos, a impressionar-se com os argumentos aduzidos, os exemplos citados; vêem já com horror os filhos de cigarro na bocca; e a cruzada trata de obter esse importante apoio feminino para conseguir que seja prohibida a venda do tabaco aos rapazes até certa idade.

A liga contra o tabaco fez já sahir 300.000 linhas em 400 publicações differentes, para mostrar os damnos causados por esse «veneno mais perigoso que o rhum».

Já em varios Estados se cuida da promulgação de leis contra o tabaco. No Kansas, é illegal «ter comsigo ou vender cigarros» e «vender tabaco a pessoa de menos de vinte e um annos». Eé prohibido a qualquer vigia de armazem commercial, de estação ferro-viaria, etc. deixar fumar, na area confiada á sua guarda, pessoa de menor idade, sob pena de multa de 20 a 100 dollares.

A reacção contra essa campanha é sustentada naturalmente pelos fumantes e por todos aquelles que têm interesse no consumo do tabaco. Lucta formidavel... Quem vencerá?

OS HEROES DA AMERICA

Estatua equestre de Bolivar, presente da Venezuela á cidade de Nova York, e a esculptora norte-americana Sally Janes Farnhem, a quem o governo venezuelano confiou a execução do monumento.

Um presentimento de Sienkiewicz

Num trabalho recentemente publicado pelo sr. Anton Niederweier sobre a vida e obra do autor do Quo vadis? *vem esta historia, tal como o illustre escriptor polaco a contava, sempre que vinha a proposito:*

«Durante uma estadia em Biarritz, dei-me com uma senhora ingleza, com quem frequentemente conversava sobre espiritismo. Uma noite depois duma dessas palestras, vou me deitar e sonho que, diante duma casa altissima, vejo um carro funerario e por trás delle um rapaz louro, de olhos muito claros e trajando uma farda azul com botões amarellos. Esse sonho persegue-me depois, noites seguidas. Começo a andar nervoso, perturbado. Algumas semanas depois, parto para Paris. A senhora ingleza está já morando no hotel onde me vou hospedar. No dia seguinte, quando vou para tomar o ascensor, afim de descer ao primeiro pavimento do hotel, vejo de repente diante de mim o rapaz encarregado desse serviço — e é perfeitamente a figura do rapaz que muitas vezes me appereceu em sonho. Para me convidar a entrar no ascensor, faz o mesmo gesto que «o outro» fazia, convidando-me a subir para o carro funerario. Basta isso, está claro, para que eu resolva descer as escadas a pé. Chego em baixo, entro, impressionadissimo, no salão de leitura. Nesse momento, um infernal

estardalhaço. O terror faz-me perder os sentidos. Quando volto a mim, vejo varios cadaveres estendidos no vestibulo...

O ascensor tinha cahido de grande altura. E, entre os outros corpos, lá estava o do groom do ascensor... e do carro funerario!

As flôres e a mythologia

Violeta era uma joven nympha do sequito de Diana. Um dia, perseguida por Apollo, invocou a deusa, que a metamorphoseou na flôr que tem o seu nome.

Narciso, *filho do rio Cephiso, era dotado de maravilhosa formosura. Tendo-se enamorado da sua propria imagem, ao mirar-se nas aguas limpidas duma fonte, morreu de langor. Venus o transformou na flôr a que o seu nome foi dado.*

Jacintho, *heroe espartano, amigo de Apollo, jogava um dia com o deus, que, involuntariamente, o matou, lançando-lhe á cabeça um disco. Do seu sangue nasceu uma flôr, o jacintho.*

O rei de Hespanha paga uma multa

Um episodio interessante deu motivo a que o rei de Hespanha tivesse um daquelles rasgos sympathicos em que demonstrou o seu respeito á lei. Ao attravessar os jardins da Exposição de Pintura, em Sevilha, Alfonso XIII pisou inadvertidamente a grama de um canteiro, nn companhia do marquez de Viana. Como lhe advertissem que incorria numa contravenção das posturas municipaes, castigada com multa de cinco pesetas, o Soberano apressou-se a pagal-a.

Tulipa, *filha de Proteu, amava os adornos. Perseguida por Vertumno, deus das estações, foi mudada em flôr por Pomona.*

Ranunculo, *joven pastor, sabia suaves canções, e a sua voz era tão melodiosa que as nymphas se sentiam enlevadas ao ouvil-o. Ellas o transformaram numa flôr, que depois invadiu os prados e os campos. Ranunculo se deriva do latim ranuncula, pequena rã, porque uma especie dessa flôr é aquatica.*

Heliotropio, *palavra grega, significa «Eu me nutro de sol». Diz-se que Clicia amava ternamente o voluvel Apollo e que, desdenhada, se deixou morrer e foi metamorphoseada em flôr. O heliotropio é, por isso, o emblema do mais dedicado amor.*

Os heroes do film

William S. Hart, o interprete da energia

Peonia *era uma graciosa pastora, que guardava os rebanhos de Alcinous, pae de Nausica. Ella acolheu Ulysses, naufrago; e, tendo um dia ouvido as suas palavras apaixonadas, tão fortemente enrubesceu que Juno a transformou numa flôr vermelha.*

Anemona *era uma nympha da côrte de Flora. Zephyro amou-a e a deusa, ciumenta, mudou numa flôr a sua innocente rival.*

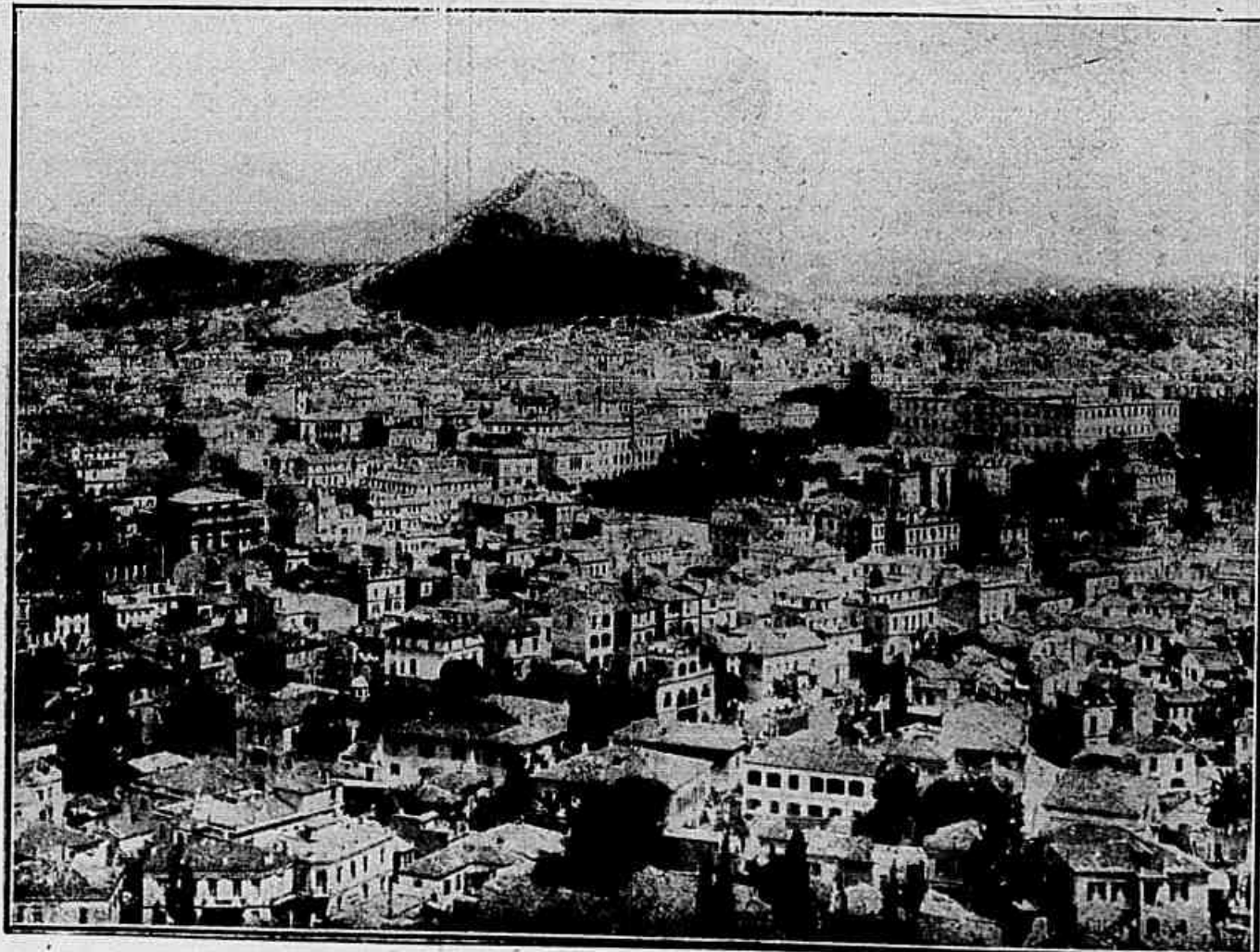
VARIEDADES

Sabe-se que os pretendentes que, na Roma antiga, solicitavam os suffragios do povo vestiam uma toga branca, «candida», da qual vem o nome de candidato. E dizia Plutarcho que elles não revestiam a tunica, a fim de eliminar toda a suspeita de que occultassem dinheiro para comprar os votos.

A lei romana era, de facto, severa no tocante á corrupção eleitoral. Ella previa que todo o candidato que, em troca de voto, désse dinheiro seria condemnado a pagar annualmente, até á sua morte, uma multa de 100.000 sestercios (100.000 francos, approximadamente). Mas a lei especificava, todavia, que uma transacção d'esse genero a que não se seguisse a entrega da somma promettida não constituia delicto.

A proposito dessa clausula observava Cicero: «Ha muito tempo que certos candidatos se conformam com as prescripções da lei, promettendo sempre, mas não cumprindo a promessa».

Os poetas teem cem vezes mais bom senso que os philosophos. Procurando o bello, elles encontram mais verdades que os philosophos acham procurando a verdade.

JOUBERT.

Athenas, antiga metropole das artes e da eloquencia. O grande edificio, em plano medio, á direita, é o palacio real, onde desde o dia 20 voltou a residir o rei Constantino

Revista da Semana
Director C. MALHEIRO DIAS
EU SEI TUDO (Magazine mensal)
ALMANACH EU SEI TUDO

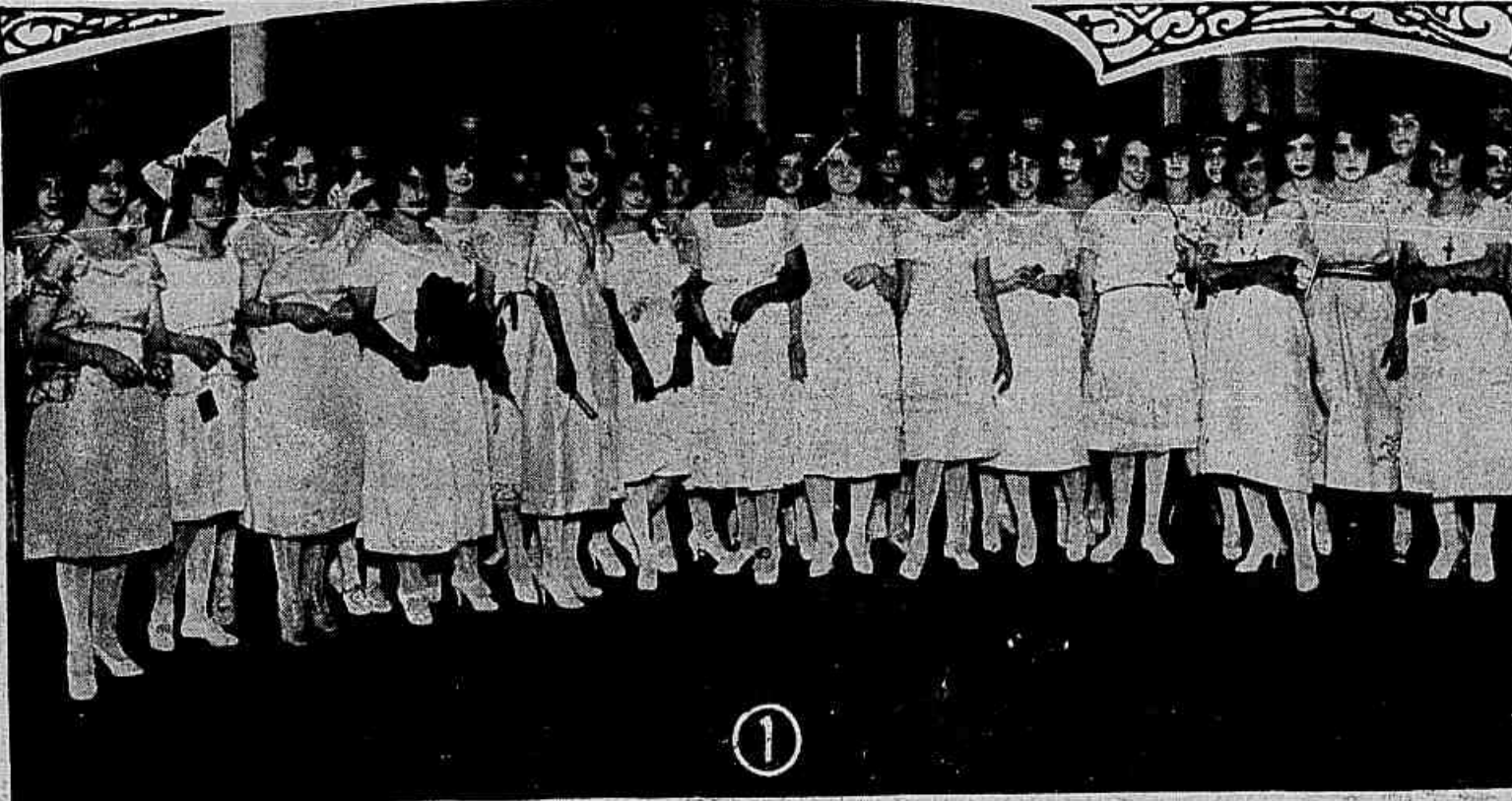
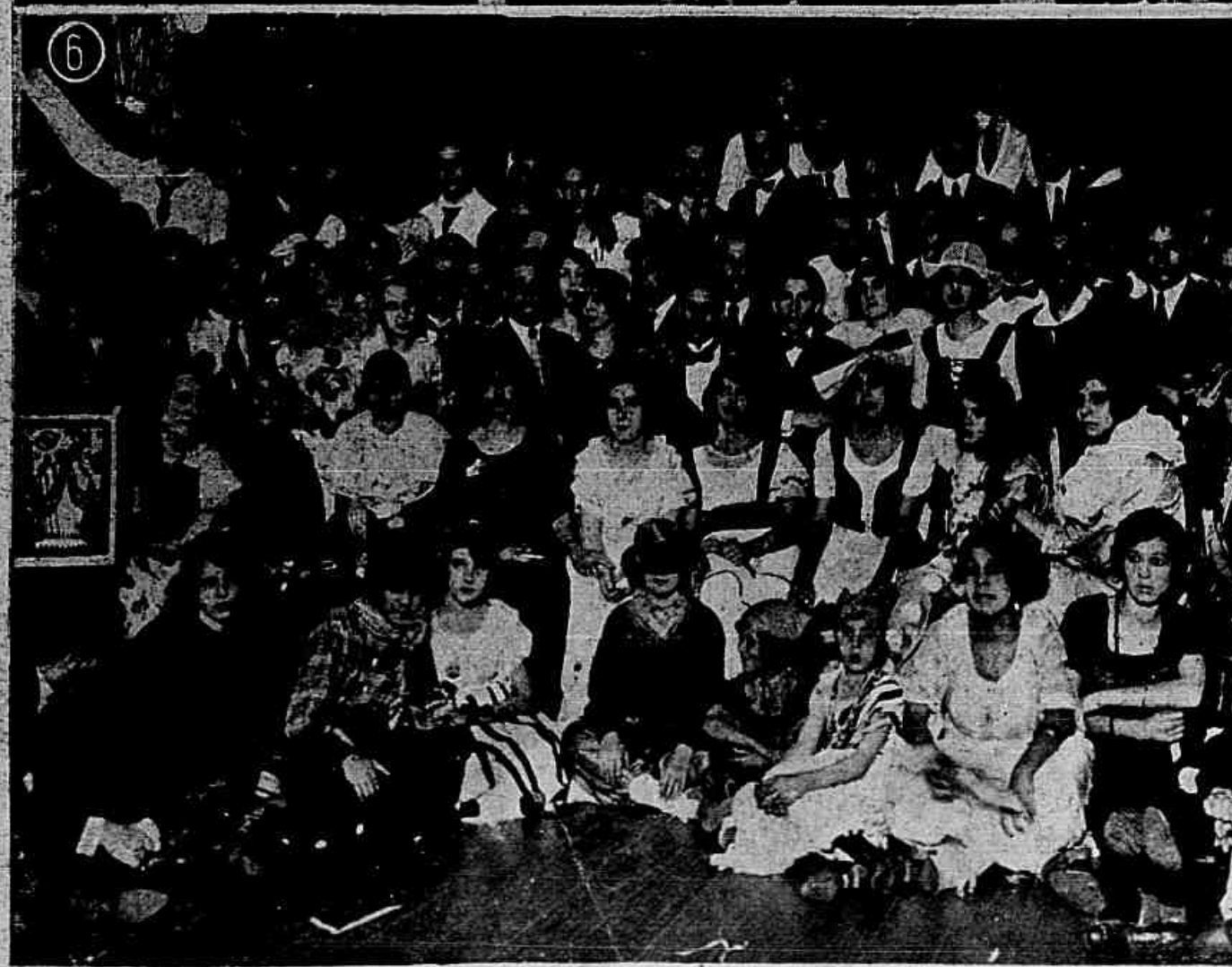
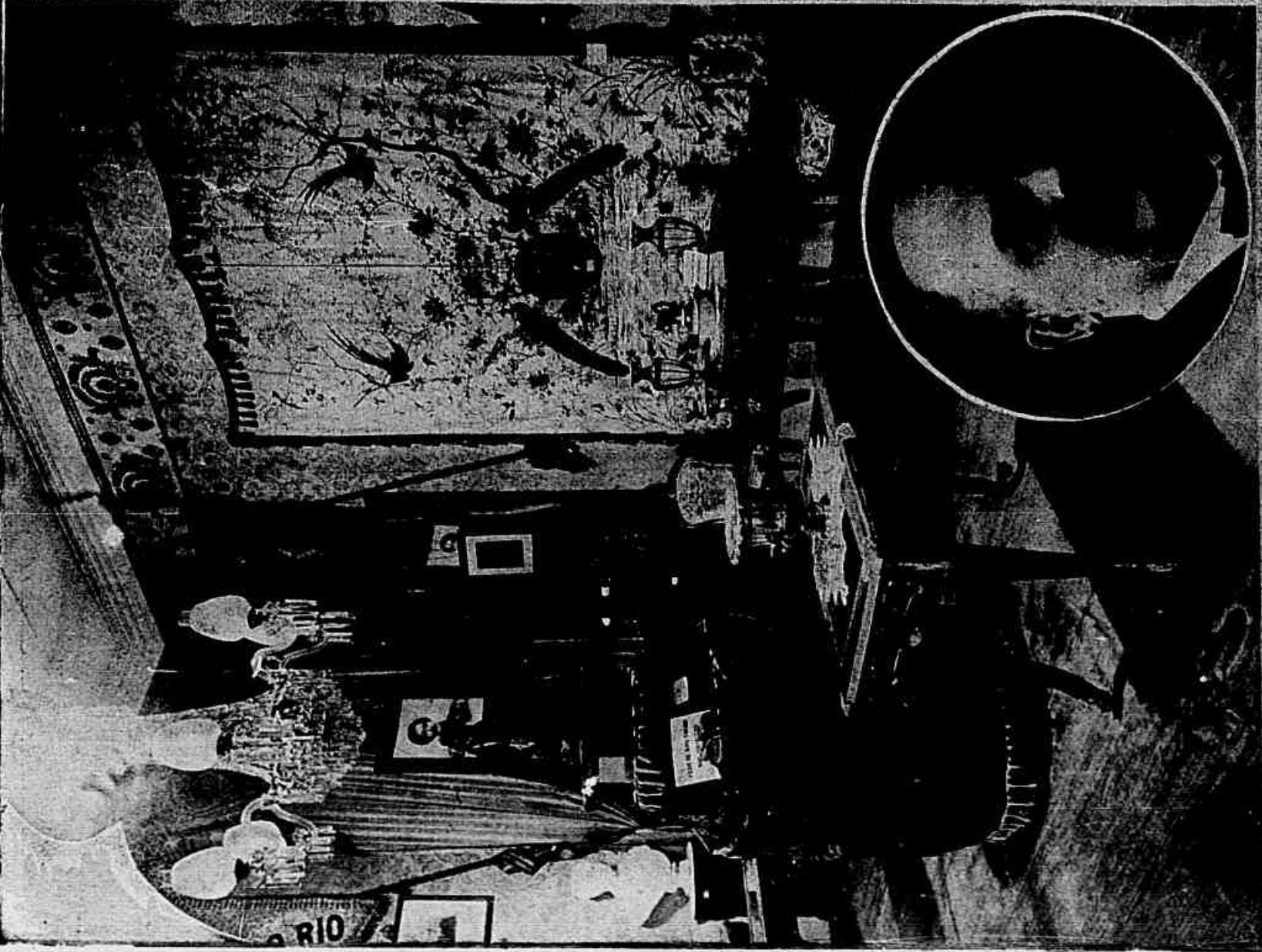
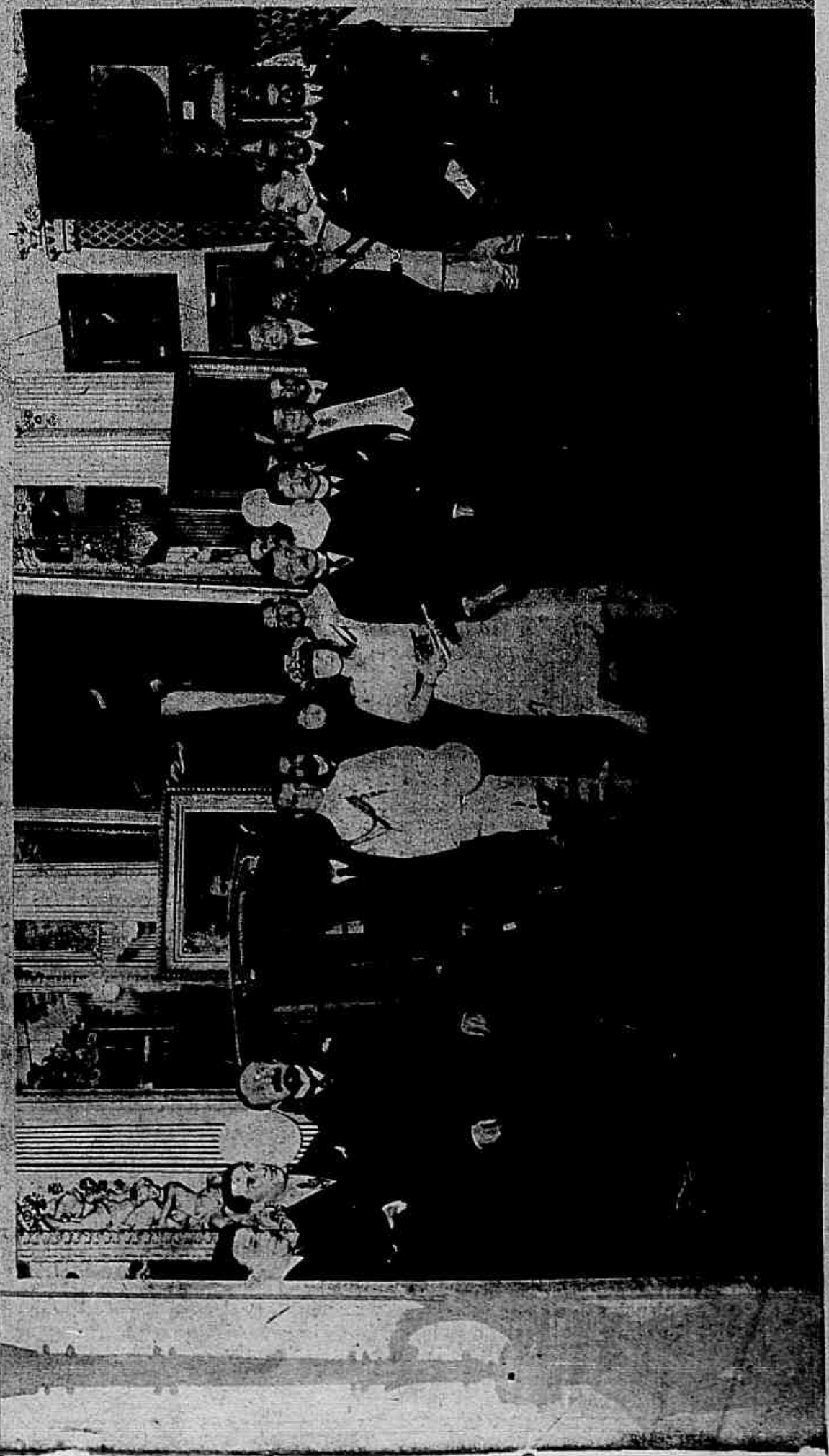
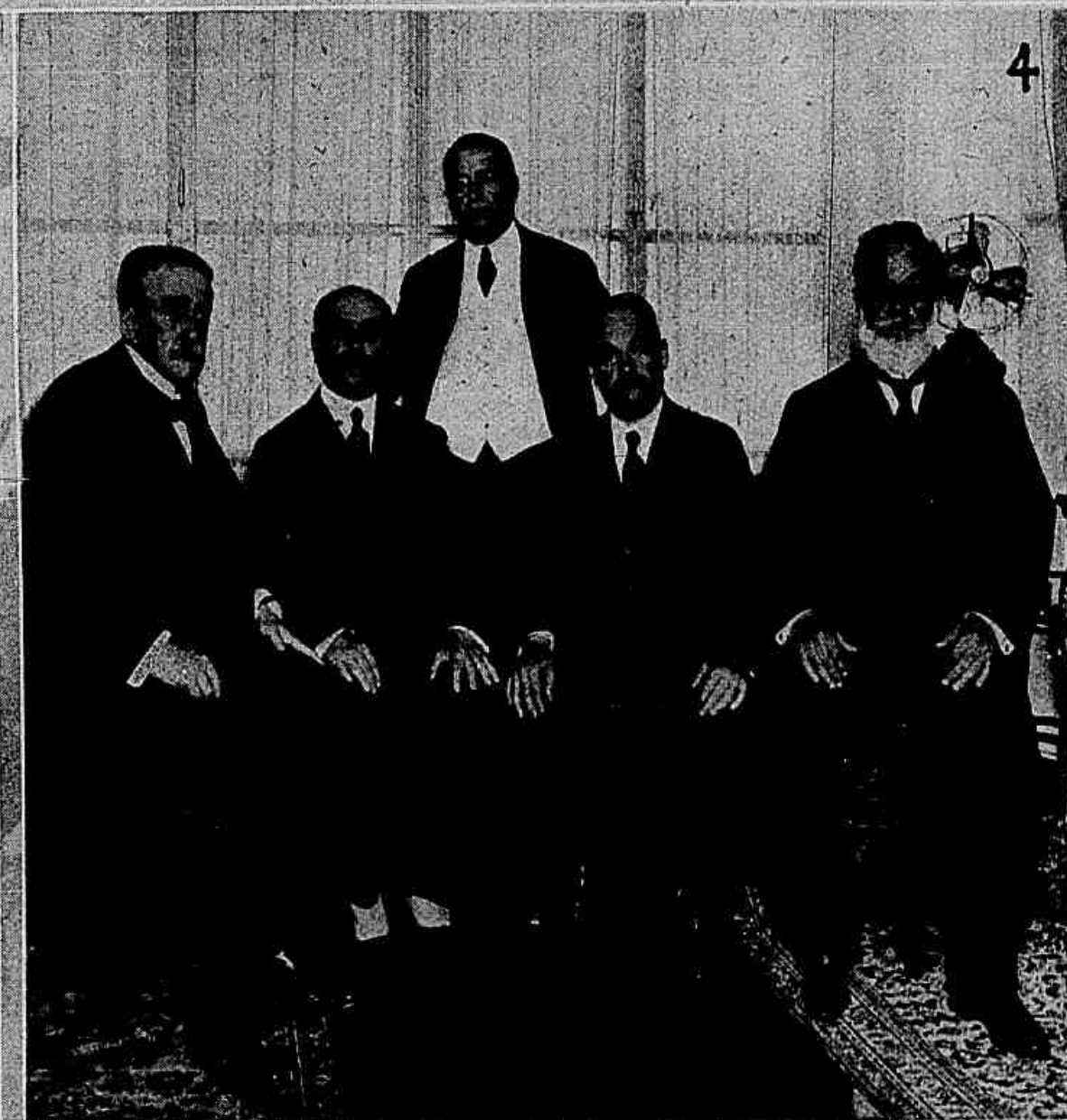
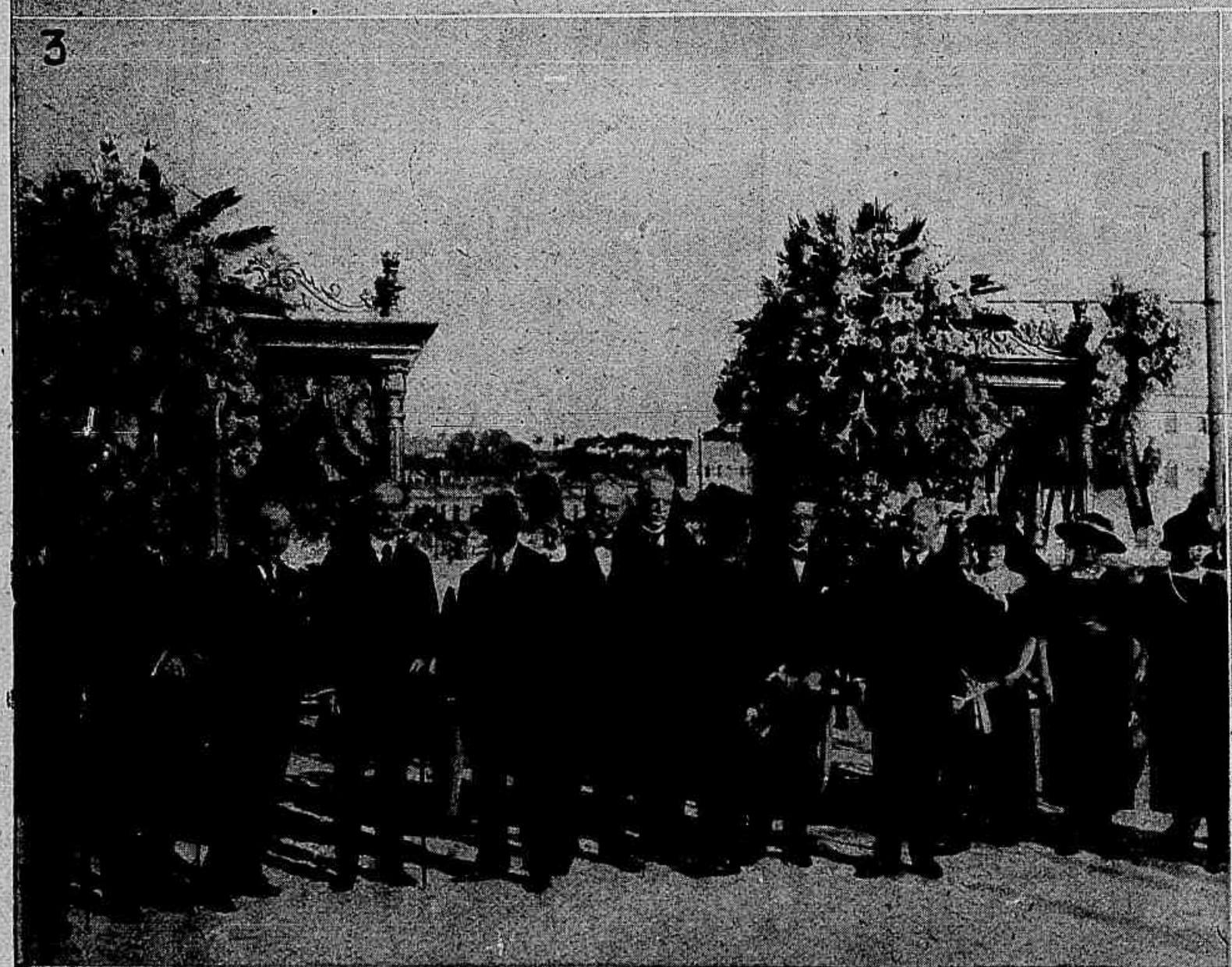
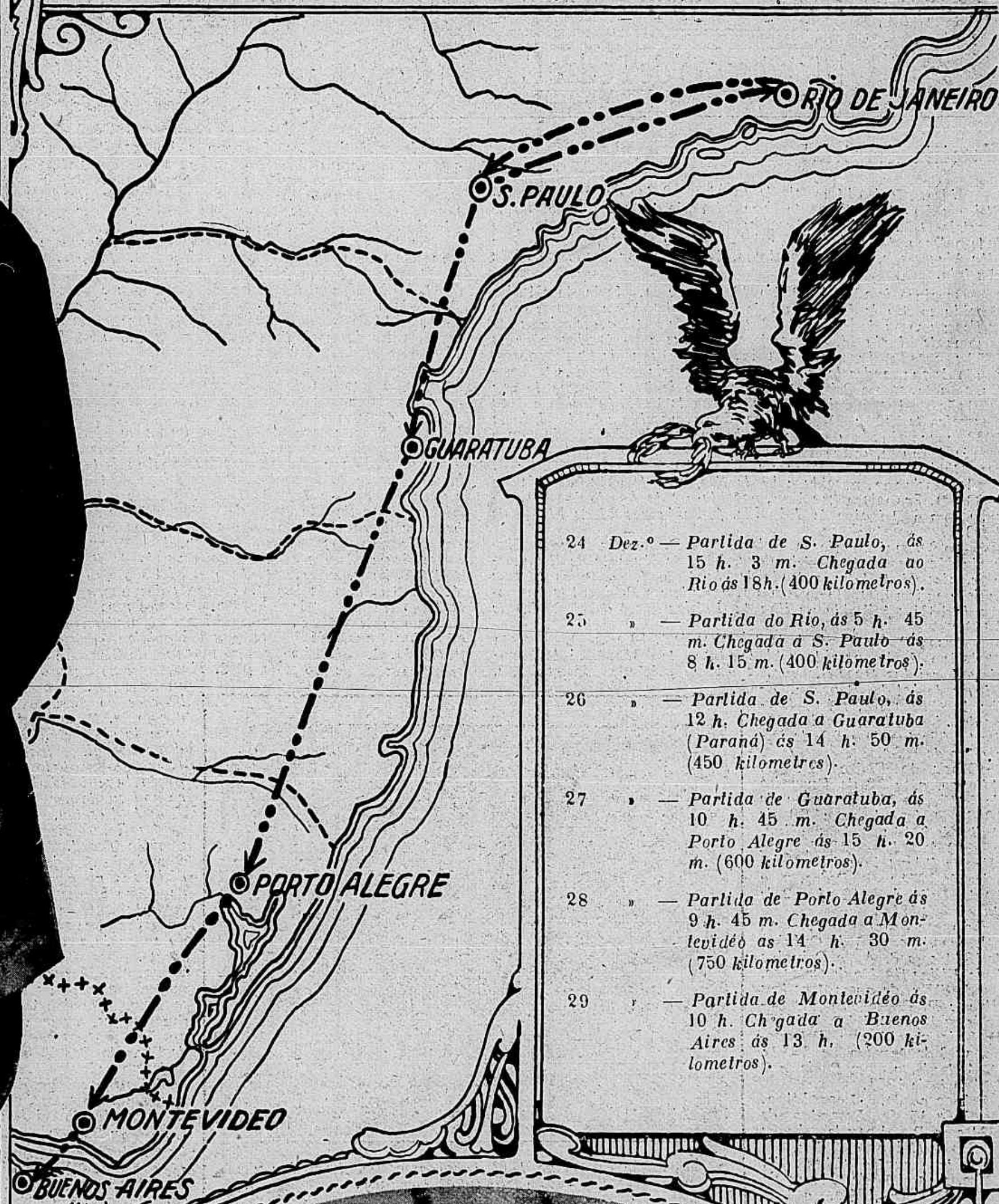
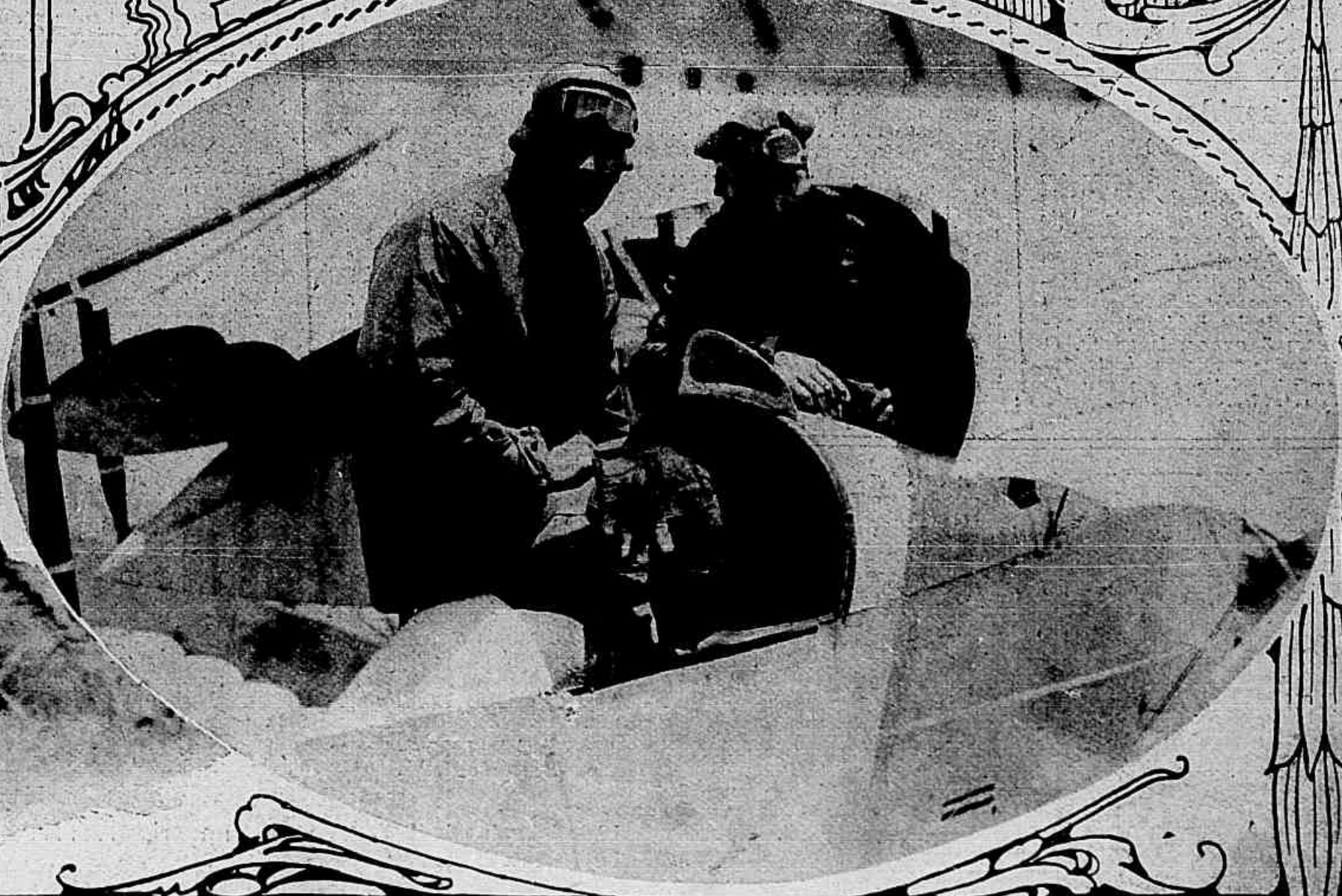
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911
Propriedade da Companhia Editora Americana
SOCIEDADE ANONIMA. Capital realisado 500:000$000
Praça Olavo Bilac, 12 e 14, e Rua Buenos Aires, 103
RIO DE JANEIRO
Endereço Telegraphico REVISTA — Telephones: Directoria N 112 - Redacção e Administração N 3660
Correspondencia dirigida a Aureliano Machado Director-Gerente

Condições de assignatura
Por série de 52 numeros (1 anno) 48$000; 6 mezes 25$000.
Estrangeiro 65$000
NUMERO AVULSO 1$000

Anno XXII | Rio de Janeiro, 8 de Janeiro de 1921 | N.º 2 da Nova Série

Ante os despojos de Pedro II

Voltas hoje a imperar, sereno, entre o teu povo,
Que te recebe e acclama, e és o seu Rei de novo !
Mas o throno que ruiu renasce e esplende em gloria,
— A mais pura que fulge em fastigios da historia ! —
E não suscita inveja e odios não mais suscita :
Repousa em muita paz, brilha em graça infinita
E infunde tal fervor que relembra o Evangelho,
Obriga a meditar e faz dobrar o joelho.
E o sceptro, que o tufão de ideaes não mais contidos
Fez tremer e arrancou dos teus dedos ungidos
Pelo bem que semeaste (extranha e esteril seára
Que fez medrar a ortiga, em vez da planta rara
Do affecto !) — o sceptro teu transfigurou-se e é palma
Do martyrio e da dor, é o crucifixo da alma
Nobre, como foi sempre a tua alma de eleito,
E á qual o teu viver esteve tão sujeito !
Voltas hoje a imperar, sereno, entre o teu povo
Que te recebe e acclama e és o seu Rei de novo !
Mas trocaste a corôa — a realeza e o esplendor —
Pela aureola do santo, e o reinado é maior,
Triumphando mesmo além das terras do Cruzeiro,
Onde palpite uma alma em peito brasileiro !

LAURITA LACERDA.

1 — O baile do Club Militar.
2 e 3 — O *réveillon* no Palace Hotel.
4 — O baile *réveillon* do Fluminense Football Club.
5 — O baile da passagem do anno no Club Gymnastico Portuguez.
6 — No baile á fantasia do Recreio dos Artistas.
7 — O festival do fim de anno no Orphéon Club.

A inauguração da Exposição de Arte e Historia dos tres Reinados

1 — A sala da Princesa; 2 — O sr. Bastos Dias, que concorreu com o maior numero de objectos para a Exposição; 3 — Membros da commissão organisadora srs. João Rego Barros, Americo dos Santos, José Marianno, J dos S. Liborio, Galeno Martins, Eugenio Gudin, Simoens da Silva, José Custodio Velloso; 4 — Recanto do Salão da Dynastia, com duas cadeirinhas do seculo XVIII; 5 — S. Exª. o sr. Presidente da Republica inaugurando a Exposição; 6. — O Salão da Dynastia.

Acontecimentos da Semana

1 — O cortejo funebre da transladação dos restos de Raymundo Corrêa e Guimarães Passos. 2 — Os feretros dos dois poetas, transportados da França, 3 — Os membros da Academia e a familia dos poetas. 4 — O sr. dr. Carlos Campos, a quem foi offerecido um almoço no Jockey pelas bancadas paulistas, e os srs. senadores Alvaro de Carvalho e Adolpho Gordo e deputados Carlos Garcia e Palmeira Ripper. 5 e 6 — A collação de grão na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes. 7 — Grupo tirado no *bar* do Leme por occasião do almoço offerecido pelo sr. Medeiros e Albuquerque á redacção de *A Folha*, no dia do primeiro anniversario.

Edú vencedor!
RIO DE JANEIRO
S. PAULO
GUARATUBA
PORTO ALEGRE
MONTEVIDEO
BUENOS AIRES
24 Dez.º — Partida de S. Paulo, ás 15 h. 3 m. Chegada ao Rio ás 18 h. (400 kilometros).
25 » — Partida do Rio, ás 5 h. 45 m. Chegada a S. Paulo ás 8 h. 15 m. (400 kilometros).
26 » — Partida de S. Paulo, ás 12 h. Chegada a Guaratuba (Paraná) ás 14 h. 50 m. (450 kilometros).
27 » — Partida de Guaratuba, ás 10 h. 45 m. Chegada a Porto Alegre ás 15 h. 20 m. (600 kilometros).
28 » — Partida de Porto Alegre ás 9 h. 45 m. Chegada a Montevidéo as 14 h. 30 m. (750 kilometros).
29 » — Partida de Montevidéo ás 10 h. Chegada a Buenos Aires ás 13 h. (200 kilometros).
A. L.

Familia Imperial

Nasceu Pedro II no Rio de Janeiro, a 2 de Dezembro de 1825. Foi o ultimo dos 6 filhos do 1º matrimonio de Pedro I com a Imperatriz D. Leopoldina, Archiduquesa d'Austria. Era neto, pelo lado paterno, de D. João VI, rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e, pelo lado materno, do Imperador Francisco II da Austria.

Os cinco irmãos de Pedro II foram: D. Maria da Gloria, *nascida no Rio de Janeiro a 4 de Abril de 1819, em quem seu pae abdicou a corôa de Portugal a 3 de Maio de 1826, e que reinou sob o nome de Maria II, fallecendo em Lisboa a 15 de Novembro de 1853; casada duas vezes: a 1a. com o Duque de Leutchenberg, irmão de sua madrasta, a segunda Imperatriz do Brasil, D. Amelia, e a 2a. com o Principe D. Fernando de Saxe Coburgo Gotha;* D. João Carlos, *nascido a 6 de Março de 1821, fallecido a 4 de Fevereiro de 1822;* D. Januaria Maria, *nascida a 11 de Maio de 1822, cognominada a «Princesa da Independencia», casada com o Conde d'Aquila, irmão da terceira Imperatriz do Brasil D. Thereza Christina, e fallecida em Nice a 13 de Março de 1901;* D. Paula Marianna, *nascida a 17 de Fevereiro de 1823, fallecida em 1833;* D. Francisca Carolina, *nascida a 2 de Agosto de 1824, casada com o Principe de Joinville, fallecida aos 27 de Março de 1898.*

Do 2º. matrimonio de Pedro I com D. Amelia Augusta Eugenia Napoleona de Leutchenberg, filha de Eugenio de Beauharnais, vice-rei d'Italia, enteado de Napoleão I, D. Pedro II teve mais uma irmã, D. Maria Amelia, *nascida em Paris a 1 de Dezembro de 1831 e fallecida na ilha da Madeira aos 4 de Fevereiro de 1853.*

Casou Pedro II aos 4 de Setembro de 1843 com D. Theresa Christina Maria, *nascida a 14 de Março de 1822, filha de Francisco I, rei das Duas Sicilias, e da Infanta de Hespanha D. Maria Izabel de Bourbon, filha de Carlos IV, rei de Hespanha, fallecida na cidade do Porto (Portugal) a 28 de Dezembro de 1889.*

Filhos de Pedro II: *D. Affonso, n. a 23 de Fevereiro de 1845, f. a 11 de Junho de 1847; D. Izabel, n. a 23 de Julho de 1846; D. Leopoldina, n. a 13 de Julho de 1847, f. em Vienna d'Austria a 7 de Fevereiro de 1871; D. Pedro, n. a 19 de Julho de 1848 e f. a 9 de Janeiro de 1850.*

Princeza Imperial D. Izabel, *casada em 15 de Outubro de 1864 com S. A. o Principe Luiz Filipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu, de quem teve tres filhos: D. Pedro, n. em Petropolis, a 15 de Outubro de 1875; D. Luiz, nascido em Petropolis, a 26 de Janeiro de 1878; D. Antonio, n. em Paris a 9 de Agosto de 1881.*

Princeza D. Leopoldina, *casada a 15 de Dezembro de 1864 com D. Augusto, duque de Saxe Coburgo Gotha, de quem teve quatro filhos: D. Pedro, n. a 19 de Março de 1866; D. Augusto, n. a 6 de Dezembro de 1867; D. José, n. a 21 de Maio de 1869, D. Luiz Gastão, n. a 15 de Dezembro de 1870.*

A minoridade

1831-1840

Pedro I, que já abdicara em sua filha D. Maria da Gloria a corôa de Portugal (3 de Maio de 1826), assignava na madrugada de 7 de Abril de 1831, no paço da Boa Vista, a abdicação da corôa do Brasil em seu filho D. Pedro d'Alcantara, então com 5 annos de edade. O Imperador resolvera instantaneamente abdicar em seu filho, de preferencia a capitular perante as intimações do povo e do exercito, comprehendendo que a sua naturalidade portugueza e o seu caracter altivo de principe creado no regimen absoluto o fadavam a reinar em condições incompativeis com o sentimento de liberdade que agitava os povos da America, se perseverasse em occupar o throno e dirigir os destinos do Imperio que elle fundara.

Pedro II, logo acclamado Imperador, ficava sem pae aos 5 annos, em companhia de suas irmãs D. Januaria (7 annos), D. Paula Marianna (8 annos) e D. Francisca Carolina (6 annos). Pedro I nomeara tutor dos principes a José Bonifacio de Andrada e Silva, seu antigo e primeiro ministro, que foi substituido, em 15 de Dezembro de 1832, pelo Marquez de Itanhaem, nove mezes antes da morte de Pedro I, succedida a 24 de Setembro de 1834 no palacio de Queluz, em Portugal.

Os senadores e deputados reunidos no paço do Senado nomearam no mesmo dia da abdicação uma Regencia provisoria constituida pelo marquez de Caravellas, general Francisco de Lima e Silva e Campos Vergueiro. A 17 de Junho, elegeu-se a Regencia trina effectiva, composta do general Lima e Silva, José da Costa Carvalho (marquez de Monte Alegre) e João Braulio Muniz. De accordo com a reforma constitucional mais tarde decretada, foi eleito Regente do Imperio o Padre Diogo Antonio Feijó, que assumiu o governo a 7 de Abril de 1835, e se notabilisara como ministro da Justiça da Regencia, revelando as energias de um debellador de revoltas. Os motins sangrentos do Pará, a revolução republicana riograndense (guerra dos Farrapos) dilaceravam successivamente o organismo do Imperio de Pedro I. O Regente Feijó abdicou, succedendo-lhe o ministro Pedro de Araujo Lima (19 de Setembro de 1837). A guerra dos Farrapos alastrava. O italiano Garibaldi fôra encarregado pelos revolucionarios de propagar o movimento insurrecional para o norte. Na Bahia, a facção liberal exaltada proclamava a Republica bahiense (Novembro de 1837). Araujo Lima, futuro marquez de Olinda, é eleito regente effectivo a 22 de Abril de 1838. Nesse mesmo anno o Maranhão sublevava-se. A opposição dos liberaes ao governo conservador do 2º. Regente attingira o auge da violencia. Os Andradas conseguiram fazer votar na Camara o projecto de antecipação da maioridade, que cahira no Senado por 2 votos. O Regente decretou, em resposta ao desafio, o adiamento da Assembléa Geral. Então, uma commissão das duas Camaras dirigiu-se ao paço, a reclamar de Pedro II que assumisse immediatamente a magistratura imperial para salvar a nação da anarchia e do desmembramento. Naquella creança de 14 annos, creada por estadistas e moralistas, privada de affagos maternos, orphã de mãe aos doze mezes, separada do pae aos 5 annos, repousavam os destinos do Brasil. Sem aquelle jovem principe em S. Christovão, o Imperio brasileiro provavelmente se teria desmembrado em varias Republicas.

Consultado pelo Regente, o jovem Imperador respondeu: «Quero já». Nesse mesmo dia, 22 de Julho de 1840, foram convocadas as Camaras. No dia seguinte era solemnemente proclamada a maioridade e o Imperador prestava o juramento constitucional.

A politica da Regencia é um prolongado duello com o exercito, no esforço tenaz de fazer prevalecer a ordem civil sobre a dictadura das armas, e uma lucta portentosa contra os factores de desagregação, no empenho victorioso de conservar a unidade do Imperio. Em 18 de Agosto de 1831, o decreto de Feijó, creando a Guarda Nacional, confia á nova milicia a defesa da Constituição, Liberdade, Independencia e Integridade nacionaes, submettendo todos os cidadãos brasileiros, eleitores, de 21 a 60 annos, ao serviço eventual das armas. Aplacadas as campanhas politicas pela extincção das facções extremistas, radical e restauradora, organisaram-se no periodo regencial as duas correntes liberal e conservadora, que atravessariam todo o segundo reinado, adaptando ao parlamentarismo brasileiro a mesma organisação britannica dos torys e wigs. Escola de politicos e de estadistas, a Regencia revelou homens da grandeza de Feijó, foi uma dominadora de revoltas e motins, reconduziu o exercito para a sua missão de esteio da auctoridade e defensor da Patria, evitou o desmembramento da nacionalidade, preparou para o reinado de Pedro II os estadistas e os generaes que iam conquistar para o Brasil a hegemonia do continente.

O Imperador e o Duque de Saxe no acampamento de Uruguayana — Campanha do Paraguay.

EPHEMERIDES DO 2º. REINADO

Declaração da maioridade	23 de	Julho	de 1840
Restabelecimento do Conselho de Estado	23 »	Novembro	» 1841
Promulgação do Codigo do Processo	3 »	Dezembro	» »
Entrada do Exercito brasileiro em Montevidéo	11 »	Outubro	» 1851
Derrota do dictador Rosas em Monte Caseros	3 »	Fevereiro	» 1852
Capitulação de Montevidéo	28 »	»	» 1865
Batalha do Riachuelo	11 »	Junho	» »
Passagem do Humaytá	19 »	Fevereiro	« 1868
Batalha de Itororó	6 »	Dezembro	» »
Batalha de Avahy	11 »	»	» »
Batalha de Campo Grande	1 »	Março	» 1870
Lei do Ventre Livre	28 »	Setembro	» 1871
Lei da Abolição	13 »	Maio	» 1888

O reinado

1840 - 1889

A guerra civil

Subindo ao throno, Pedro II herdava o remanescente das guerras civis originadas das agitações politicas que convulsionaram o periodo da Regencia e que se aplacaram definivamente em 1849. O jovem Imperador encontrou na espada do duque de Caxias o instrumento providencial da pacificação interna e do prestigio militar do Imperio. A revolta politica de S. Paulo foi debellada no combate de Venda Grande e a de Minas no Combate de Santa Luzia (1842). A revolução republicana do Rio Grande do Sul, que durava desde 35, capitulou em 1845. Em 47, rebentou em Pernambuco a revolta Praieira, *de caracter nativista, que exigia a nacionalização do commercio e a expulsão dos portugueses. Ainda uma vez se desencadeiaram os furores da anarchia. A revolta foi reprimida, e os revoltosos castigados pela força das*

A FAMILIA IMPERIAL EM PETROPOLIS NO ANNO DE 1889

Da esq. para a dir. — A Imperatriz, o Principe D. Antonio, a Princesa Imperial D. Izabel, o Imperador, o Principe D. Pedro Augusto de Saxe, o Principe D. Luiz, o Conde d'Eu, o Principe do Grão-Pará D. Pedro.

Periodo da regencia

1a. Regencia (provisoria)	7 de Abril de 1831 — Marquez de Caravellas, General Francisco de Lima e Silva e Campos Vergueiro.
2a. Regencia Trina (effectiva)	17 de Junho de 1831 — General Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho (Marquez de Monte Alegre) e João Braulio Muniz.
1º. Regente do Imperio	7 de Abril de 1835 — Padre Diogo Antonio Feijó.
Abdicação de Feijó e nomeação interina de Pedro de Araujo Lima	19 de Setembro de 1837.
2º. Regente do Imperio Pedro de Araujo Lima	22 de Abril de 1838.
Proclamação da maioridade do Imperador	23 de Julho de 1840.

Balanço demographico e financeiro do 2.º Reinado

População do Brasil em 1831, data da abdicação de Pedro I	6.000.000
População do Brasil em 1889, data da proclamação da Republica	18.000.000
Renda Publica em 1841, primeiro anno do reinado de Pedro II	16.310.575$708
Renda publica em 1889, ultimo do Imperio	147.200.000$000
Despesa publica em 1841	22.772.185$473
Despesa publica em 1889	153.148.442$297

armas. A paz interna estava finalmente assegurada; as aspirações separatistas tinham sido debelladas. Era a victoria do espirito unitario, do espirito de nacionalidade, sobre o regionalismo dispersivo. As victorias do Rio Grande do Sul, de S. Paulo, de Minas e de Pernambuco engrandeceram a influencia do soberano, demonstrando a efficacia de um poder superior ás competições pessoaes.

1850-51

Guerra contra Rosas

Assignada a paz interna, garantida a integridade do Brasil, o Imperio teve de garantir as suas fronteiras internacionaes. Perdida a Cisplatina, com que a politica portuguesa de D. João VI quizera prolongar até o Prata o territorio nacional, a politica internacional do Brasil na America do Sul houvera de amoldar-se a esse facto consummado, collocando-se em sentinella vigilante da independencia do Estado Oriental e do Paraguay. Rosas, dictador da Argentina, afagava o projecto de reconstituir o antigo vice-reinado hespanhol do Prata, annexando essas duas Republicas.

A 1.a grande acção militar do reinado de Pedro II foi a campanha platina, com os objectivos politicos da deposição do tyranno Rosas e libertação de Montevidéo, sitiada, havia annos, por Oribe. De facto, a Banda Oriental não tinha mais um governo responsavel. As nossas fronteiras eram a cada momento ultrapassadas e desrespeitadas. As populações riograndenses soffriam as depredações dos caudilhos. A guerra passou a ser um ponto de honra e a solução unica de um problema que envolvia a propria segurança do Imperio. Sem a guerra, não seria mais possivel realisar a delimitação definitiva com o Uruguay, nem obter a liberdade de navegação no Prata e seus affluentes, estrada fluvial de Matto Grosso. A consummação dos projectos de Rosas importaria para o Brasil no perigo de um estado permanente de rivalidade aggressiva com uma Argentina poderosa. As tropas brasileiras, commandadas por Caxias, e as forças do general argentino Urquiza, adversario de Rosas, unidas ás tropas uruguayas pelo pacto de 29 de Maio de 1851, obrigaram Oribe a render-se no dia 11 de Outubro. Libertado e reposto na sua soberania o Estado Oriental, os alliados emprehenderam a libertação da Argentina do jugo tyrannico de Rosas. A 17 de Dezembro foi transposto o passo de Tonelero. Em 3 de Fevereiro de 1852, na batalha de Caseros, a manobra envolvente de Marques de Sousa derrotou o exercito de Rosas. Buenos Aires foi bloqueada pela armada brasileira. Reconhecendo-se vencido, o tyranno embarcou para Inglaterra. O Brasil resolvera rapidamente pelas armas o que a diplomacia não obtivera. A independencia do Uruguay — creação politica do Brasil — estava assegurada. A Argentina renunciava á sua politica imperialista de expansão. Ajustaram-se as fronteiras com a ex-Colonia do Sacramento. Caxias voltou, glorioso, ao seio da Patria. Parecia que a paz ia para sempre reinar no sul do Continente.

1864-65

Guerra contra o Uruguay

Infelizmente, os acontecimentos vieram depressa desmentir as esperanças pacifistas do Brasil. O governo do Presidente Aguirre, no Uruguay, mostrava-se adverso ao grande Imperio do Continente, que tinha sido o improvisador do Estado Oriental. Os brasileiros residentes no Uruguay queixavam-se de inauditas e frequentes violencias que soffriam das auctoridades uruguayas. Não se respeitava a vida, a propriedade e a honra dos brasileiros. Revivia, aggravada, a questão das fronteiras, de demarcação difficil, o que originava incidentes constantes. A diplomacia imperial esgotou todos os recursos da persuasão, da cordura, da paciencia. Perante o insuccesso das reclamações diplomaticas, o governo imperial recorreu a um ultimo processo pacifico de resolver a contenda imminente: enviou a Montevidéo, como embaixador especial, o Conselheiro José Antonio Saraiva, que, depois de varias tentativas frustradas para obter as satisfações e as providencias reclamadas, apresentou um ultimatum ao Presidente Aguirre. Este devolveu a nota ao embaixador brasileiro. Era a guerra. O Brasil teve que desembainhar novamente a espada em 1864. As tropas brasileiras invadiram o territorio oriental. Tomada a praça de Paysandú, o nosso exercito entrou em Montevidéo a 20 de Fevereiro de 1865. Assumindo o governo provisorio o general Flores, este deu em nome da nação as satisfações que o Governo Imperial exigira de Aguirre.

1865-70

Guerra contra o Paraguay

A invasão do Uruguay, aonde as armas brasileiras tinham ido pugnar cavalheirescamente pela honra da Patria, offereceu pretexto á ambição irreprimivel de Francisco Solano Lopez, dictador do Paraguay, para encetar as hostilidades contra o Brasil. Sem previa declaração de guerra, o dictador paraguayo mandou aprisionar, na passagem por Assumpção, o paquete brasileiro Marquez de Olinda, que conduzia para Matto Grosso o novo governador. O Brasil, que ainda luctava no Uruguay, encontrava-se, por esse acto desleal e ultrajante, perante uma nova guerra imprevista. Não acceitar o cartel de desafio do dictador paraguayo equivaleria a perder os fructos de toda a sua politica e de todos os seus sacrificios militares. Não era possivel manter o meio termo de uma politica de tergiversações com uma nação armada para a guerra, governada despoticamente por um ambicioso, que projectava repetir na America do Sul a carreira de Napoleão e dilatar os seus dominios á custa do Brasil. O Paraguay commandava as communicações fluviaes com as provincias occidentaes do sul do Imperio. Lopez, deflagrando a guerra, collocava o Brasil num dilemma: ou derrotal-o numa guerra de completo exterminio ou perder o seu prestigio hegemonico na America meridional e renunciar por longuissimo periodo ao ajuste e rectificação das suas fronteiras do sul.

Lopez não deu, sequer, tempo a qualquer acção diplomatica, aliás difficil e desairosa. Em Dezembro de 1864, um exercito paraguayo invadia Matto Grosso e atacava o forte Nova Coimbra, heroicamente defendido pelo coronel Porto-Carrero. Por um instante, o Brasil encontrou-se ameaçado de uma colligação. Invadindo a provincia argentina de Corrientes, Lopez provocou, porem, a triplice alliança do Brasil, da Argentina e do Uruguay (1 de Maio de 1865), que veiu dar aos exercitos brasileiros facilidades consideraveis de manobra, permittindo o estabelecimento mais seguro e efficaz de linhas de communicação, para transporte e abastecimento das tropas.

Foram cinco annos de esforços e de sacrificios, que definitivamente sellaram a unidade nacional, fazendo comparticipar todas as provincias no mesmo sentimento patriotico e no mesmo tributo de sangue. As tres raças combateram juntas como no seculo XVII contra a dominação hollandeza. O almirante Barroso, cobriu de gloria a armada brasileira na batalha naval do Riachuelo, considerada o nosso Trafalgar. As armas nacionaes conquistaram os louros que deviam coroar as frontes de Caxias e de Osorio. O Brasil conquistara os seus legitimos limites, adquirira a liberdade de navegação para Matto Grosso e obtinha sellar a paz que ainda hoje perdura e de que beneficiam as gerações actuaes.

1870-89

A obra da paz

A victoria que coroara a guerra contra o Paraguay deu ao Brasil um grande prestigio internacional. O Imperador, que fizera tres guerras necessarias, impostas pelos interesses sagrados da causa publica, tinha mais a vocação de um patriarcha que de um Cesar. A manutenção da paz foi a mais perseverante das suas aspirações. As sciencias, as artes e as letras seduziam-no mais do que as armas. Austero por educação e por sentimentos, elle tornou-se o pae da nação, imprimindo á politica esse caracter moralista que tanto distinguiu a administração brasileira na politica americana do seu tempo. Occupando vitaliciamente o supremo poder, evitou ao Brasil as dissenções, as discordias e as luctas politicas que caracterisavam nas democracias americanas a ambição do poder transitorio. No seu reinado, o progresso subordinou-se a uma evolução que se regulava prudentemente pelas posses da nação. Modesto e economico, vivendo de uma lista civil de que distrahia grandes sommas para fins beneficentes, assustavam-no os programmas grandiosos de reformas. Applicava ao paiz os mesmos processos de economia de sua pessoa. Com elle, o progresso material andava devagar. Sob esse aspecto, o Imperador estava divorciado do espirito americano. Todavia se a civilisação material brasileira, no decurso do seu reinado, não avançava acceleradamente, sob o aspecto da cultura intellectual ella foi brilhantissima. O parlamento do Imperio é um attestado glorioso de cultura humanista. As letras attingem na poesia, no romance, nos estudos historicos, na oratoria o maximo esplendor.

Em 15 de Novembro de 1889, o Exercito cumpriu nos destinos da nacionalidade a mesma missão que desempenhara no 7 de Abril de 1831. A proclamação da Republica não representou, porém, a condemnação da obra de Pedro II. Significou apenas que o povo considerava concluida a tarefa salutar que estivera confiada á monarchia. O Imperador sempre se julgara uma especie de tutor da Nação. A nação sentia-se capaz de viver sem a tutella imperial e depoz Pedro II.

Trinta e um annos passados, o Povo e o Exercito descobrem-se respeitosos perante o feretro d'Aquelle que foi Imperador e Pae dos Brasileiros, morto em Paris, num quarto do hotel Bedford, aos 5 de Dezembro de 1891, com 66 annos de idade.

Allegoria á libertação dos escravos, decretada por S. A. I. a Princeza D. Izabel, regente do Imperio.

No dia de Natal, a senhorinha Laurita Pessoa e as suas amiguinhas da *Pequena Cruzada* offereceram no parque do palacio presidencial, ás crianças pobres do bairro do Cattete, uma linda festa, com arvore de Natal e distribuição de brinquedos. As creanças tiveram uma tarde alegre e feliz: tão feliz e tão alegre como a da sua boa e encantadora madrinha.

A Apotheóse das Patrias aos seus grandes filhos

No dia 22, ao troar dos canhões, Portugal entregava solemnemente ao Brasil os despojos mortaes do ultimo monarcha brasileiro e da sua ultima imperatriz. O cortejo funebre desfilou pelas ruas e praças da cidade republicana, por entre o respeito do povo e a guarnição militar formada. Os sinos das egrejas locavam a finados. As tropas apresentavam as armas em funeral. Os esquadrões de lanceiros e da Guarda Republicana precediam e escoltavam os carros luctuosos que conduziam os ataudes, envoltos na bandeira auriverde da Patria. O representante do Presidente da Republica — que só por enfermidade não compareceu pessoalmente, — o ministerio, commissões do Senado e da Camara, as auctoridades civis e militares assistiram ás exequias e incorporaram-se no cortejo, que desceu do templo de S. Vicente de Fóra até o edificio pombalino do Arsenal de Marinha, onde se realisou a entrega dos esquifes ao commandante do S. Paulo.

Coube, assim, á Republica Portugueza iniciar com a maxima solemnidade as ceremonias, que serão concluidas no Rio, da transladação dos restos mortaes de Pedro II e de D. Thereza Christina. Ninguem pode suspeitar o regimen politico de Portugal de menos cioso das prerogativas politicas da Democracia. Não foi diante dos symbolos imperiaes que as tropas da Republica inclinaram as armas com que voltaram das batalhas da Flandres, mas perante as cinzas d'aquelle virtuoso cidadão coroado, que durante meio seculo fôra o supremo magistrado da Nação Brasileira. Certamente, não serão menos solemnes as ceremonias officiaes que se preparam para receber os despojos do casal de justos que vem dormir no seio da Patria o somno inanimado da morte.

Em vão o fanatismo ortodoxo tentou desvirtuar a significação civica da ceremonia funeral, como se os fantasmas do passado pudessem fazer oscillar nos seus alicerces inabalaveis a estructura da Republica. Trinta e um annos deviam ter apagado as ultimas brasas do fanatismo. E' deploravel que ellas ainda crepitem entre as cinzas!

O que o S. Paulo transporta, através dos mares, não são os espectros da realeza, mas duas reliquias da Patria. Dezoito annos depois da sua morte em Santa Helena, a França mandava buscar, em pleno reinado de um monarcha da casa de Orléans, o cadaver de Napoleão e recebia-o com uma espectaculosa grandiosidade.

Foi em 1840 que a Camara franceza votou a transladação de Bonaparte.

O rei Luiz Filippe confiou a seu filho, o principe de Joinville, official da armada, a missão de ir buscar os preciosos despojos e conduzil-os á França.

Na comitiva do Principe figuravam alguns dos companheiros do esplendor e da desgraça de Napoleão, como os generaes Bertrand, Gourgaud e Las Cases. A fragata Belle-Poule, sahida de Toulon, tocou na Bahia, navegou até James-Town e a 8 de Dezembro de 1840 lançava ancoras em Cherburgo, restituindo á França os despojos do novo Cesar. As cerimonias da transladação foram de uma imponencia majestosa. Se nos lembrarmos que Napoleão deixara a França vencida e arruinada, que fizera jorrar o mais precioso sangue francez por toda a Europa, que fôra, embora sublimemente, um tyranno, teremos de admirar essa viva fascinação que o povo francez e em geral os povos européos teem da gloria, e o respeito que lhes infunde a tradição. O feretro foi conduzido pela via fluvial a Paris num barco-catafalco, armado em templo romano e adornado de aguias imperiaes. Cuvillier, Lehuert, Arnout, Latosse tinham sido encarregados das grandiosas decorações. O povo em delirio acclamava o Imperador morto. E quem reinava em França era um Orléans! Os canhões troavam de quarto em quarto de hora. As fanfarras militares tocavam em coretos, construidos em todo o percurso do cortejo triumphal. A' frente vinha um esquadrão de granadeiros a cavallo. Depois os lanceiros, as musicas, os gendarmes, os marechaes e generaes, a artilharia e, finalmente, o carro gigantesco, como uma montanha de ouro, ornamentado de estandartes, arrastado por dezeseis cavallos brancos, empennachados, as ancas cobertas de pannos de ouro, conduzidos á redea por palafreneiros envergando a libré imperial...

DE SANTA HELENA AOS INVALIDOS
Allegoria de Lemude (1840) á transladação dos despojos de Napoleão.

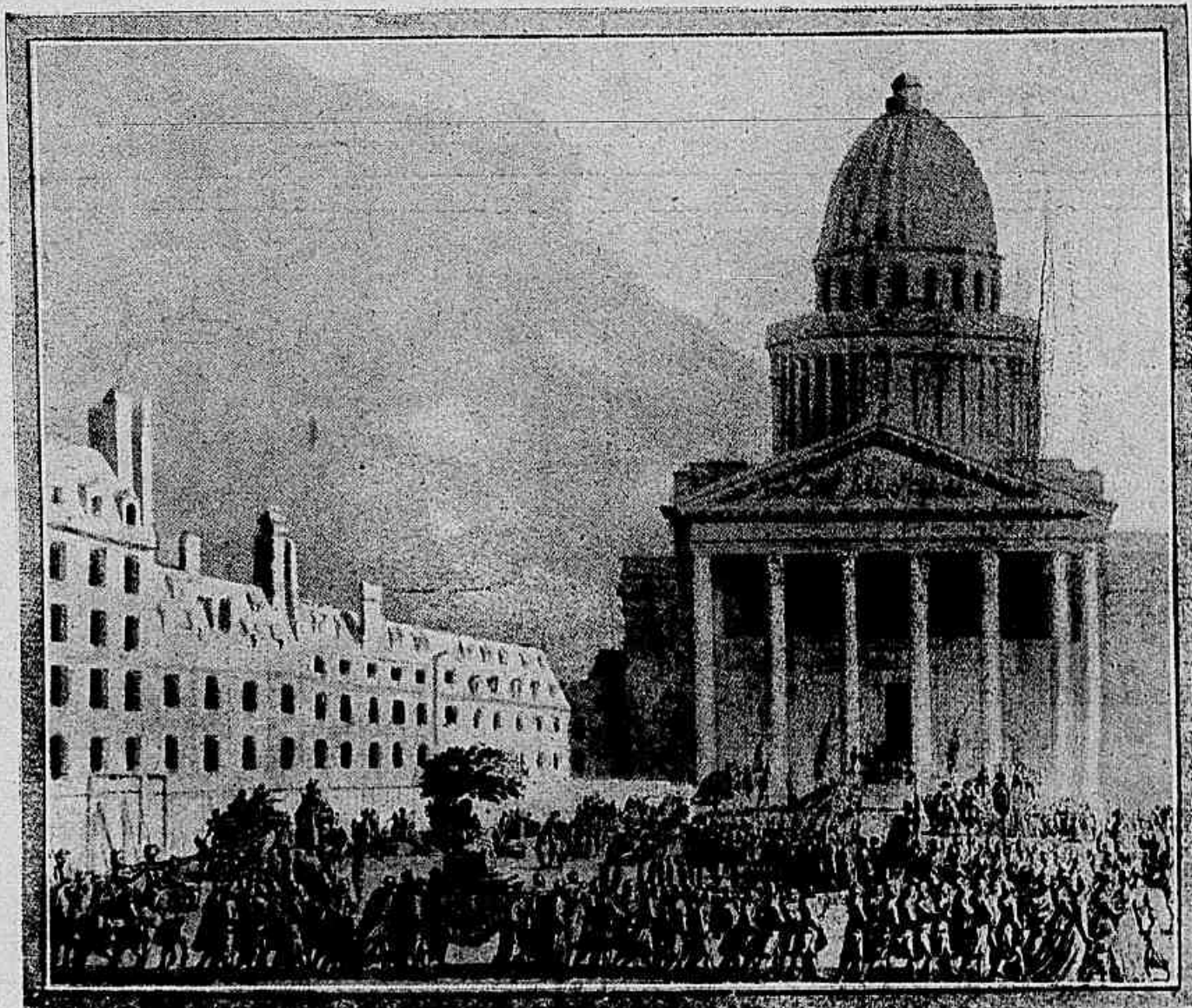
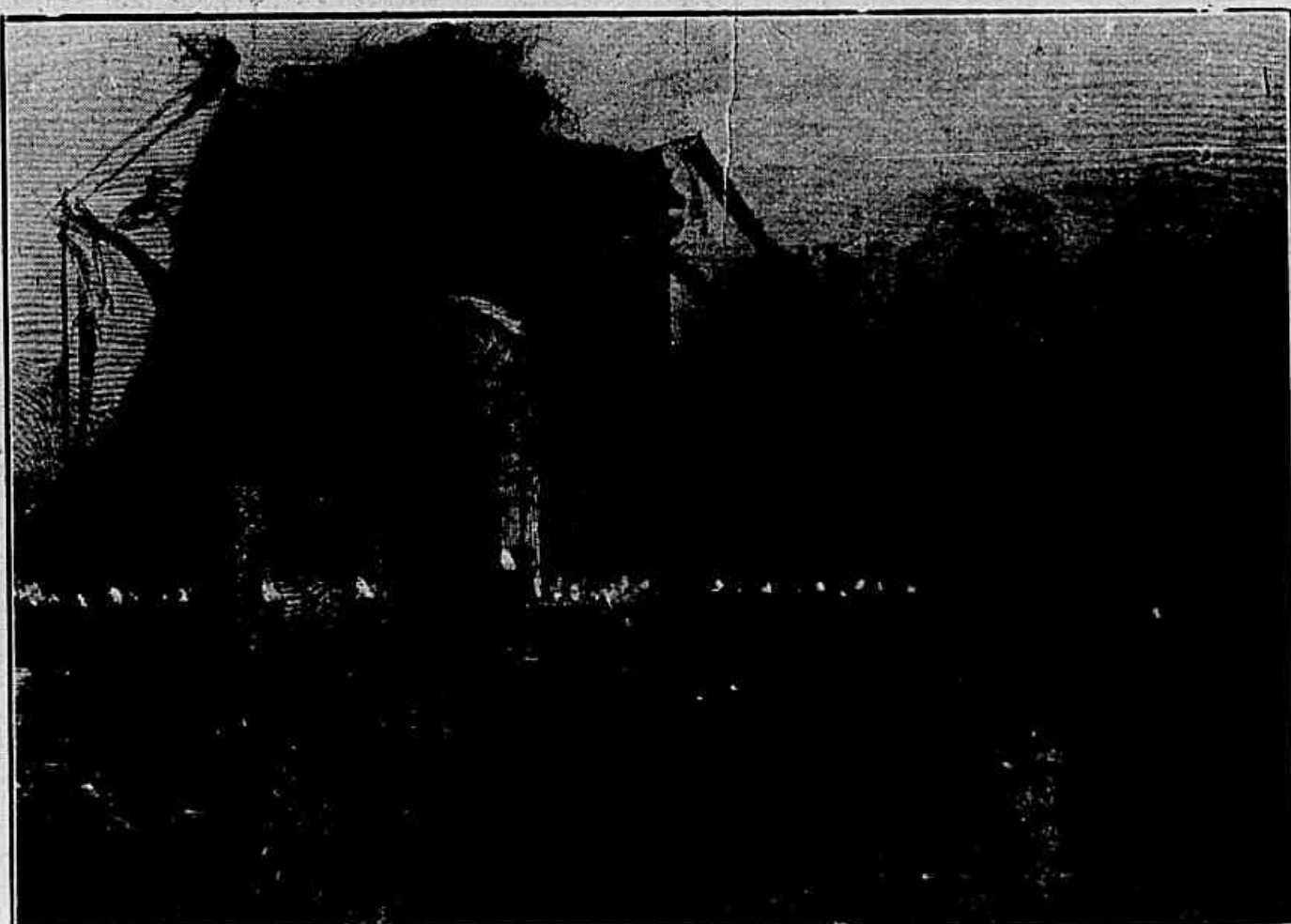
Era, de facto, como nunca se vira, a apotheose!

Quarenta e cinco annos depois, a população de Paris associava-se a outra grandiosissima apotheose. Sob o Arco de Triumpho, rodeado de pyras fumegantes e coberto de crepes, um feretro repousava sobre um catafalco colossal. Mas agora não era um guerreiro, era um poeta, que a França conduzia ao Panthéon, com o mesmo ceremonial imponente, venerando o genio do auctor da Légende des Siècles, dando ao mundo o exemplo civico do orgulho de um povo, reverenciando as suas glorias.

Transporte solemne das cinzas de Jean Jacques Rousseau para o Panthéon. 11 de Outubro de 1794. *Desenho de Girardet.*

Esperemos que, á semelhança dos grandes povos a cujo numero pertencemos, o Brasil saiba conservar a memoria d'esses mortos venerandos acima das paixões politicas e os cerque de um sentimento que adquira a amplidão de uma manifestação nacional. A Revolução Franceza deixou-nos nas festividades civicas da transladação para o Panthéon das cinzas de Voltaire e de Rousseau o exemplo do que pode fazer um Povo animado de um ardente sentimento nacionalista. O dia de amanhã pertence á Patria. Não deixemos que a Politica tome posse d'elle.

Queremos referir-nos, bem entendido, á Politica especuladora de paixões, não áquella outra e véra Politica, arte de governar as Nações, e que se postará amanhã, representada pelos tres poderes do Estado, á cabeceira das urnas sagradas que conteem a cinza de meio seculo da historia patria.

V. N.

Chegada ao Panthéon dos despojos de Voltaire. 11 de julho de 1791. *Desenho de Lagrenée*

O feretro de Victor Hugo debaixo do Arco do Triumpho, na noite de 29 a 30 de Março de 1885. *Desenho de Lepère.*

Mexericos

O espirito yankee

O presidente futuro da republica norte-americana, o camarada Harding, entre as promessas que offereceu ao povo, segundo dizem os telegrammas, apresentou os principios da sua politica internacional, que são cinco.

Já Wilson tinha quatorze principios e parece que estes não chegavam para as encommendas.

Se a questão é de principios e se elles são homens de principios ou principiantes, o certo é que são muito onomatopaicos.

Vejam só este pedacinho de um dos supraditos principios do futuro presidente Harding:

«Accôrdo de intenções para que a Liga das Nações faça todas as negociações afim de solver todas as questões por meio de convenções».

Mal comparando, parece um trecho de musica norte-americana, de jaz-band, obrigada a chocalho, ferrinhos, fundo de tacho e arapóngas.

Os direitos da mulher

Foi publicada por extenso, graças á solicitude da distincta secretaria do Museu, D. Bertha Lutz, a serie de regulamentações que favorecem a mulher e lhe garantem os direitos na vida de trabalho.

Em toda a serie não se encontra o chilique, como attenuante.

E' um problema a estudar. Se durante o trabalho a mulher apanha um chilique, dessesque duram

horas, conforme o gráu do hysterismo, devem ser abonadas essas horas de folga forçada?

Parece-nos que sim. Nas mulheres hystericas o chilique está para cada hora como a hora está para o dia; póde apparecer vinte e quatro vezes seguidas.

A duplicata no Amazonas

Dialogo ouvido na rua do Ouvidor:

— Afinal, quem toma conta d'aquillo: o Taumaturgo ou o Rego Monteiro?

— Homem, com franqueza, aquillo não tem mais conta. A crise é tão grande!

— E' por isso que os dous pretendentes têm amor ao cargo, a crise ao lado.

O autor dessa barbaridade dizem que é o João Secca Telha.

A aviação nacional

Edú Chaves, desta vez, augmentou o brilharéto com o seu vôo arrojado de S. Paulo a Porto Alegre em meia duzia de horas.

Emquanto os telegrammas acompanhavam a marcha do audaz paulista, o povo carioca torcia por elle com toda a gana:

— Acelerado!

Mas os visinhos do Prata, vendo da noite para o dia batido o record da distancia, que um seu patricio desejava alcançar, exclamavam entre dentes:

— Ah! Scelerado!

Applausos á galeria

Não se trata da galeria que assistiu impassivel á balburdia do parlamento, nem tão pouco da ga-

leria theatral que ainda supporta espectaculos por sessões. A galeria ordinariamente aplaude ou reprova, mas a galeria de que tratamos é unicamente applaudida. Depois de longos annos figurar com exito na Avenida Rio Branco, passou-se para a rua do Rosario definitivamente a Galeria Jorge, o unico ponto em que se apreciam exposições da arte ás direitas.

O Jorge Freitas, que não espera por este preconicio, ha de dizer, surpreso, aos artistas:

— Em materia de pintura, tudo está telado!

Gaya-tice

No Conselho Municipal o intendente Felisdoro Gaya vae apresentar uma porção de medidas desmedidas, com o fim de engrandecer e aformosear esta aldêa.

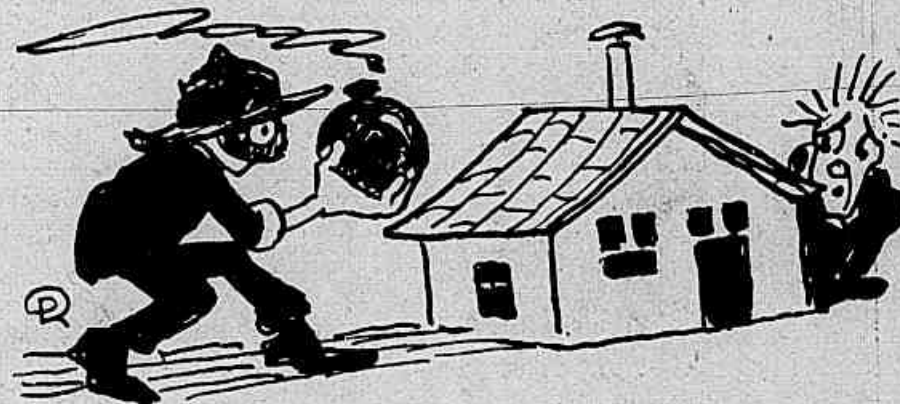
Naturalmente o legislador pretende transformar o Rio em Villa Nova de Gaya.

As explosões

Começaram a apparecer de novo as bombas no Rio e em S. Paulo.

O facto não causaria extranheza entre os estudantes vadios, que já estão acostumados com a caça á rapoza, e só receiam os foguetes dos papás.

Mas, como essas bombas são mysteriosas e as-

sustam sempre quem não tem nada com o peixe, será conveniente não dormir em casa.

Talvez d'ahi venha a solução da crise das habitações.

Cousas amarellas

A Norte-America, receiando o concorrencia do Japão, oppoz medidas repressivas á entrada de navios estranhos em seus portos.

Logo que percebe tripulante japonez a bordo, trata de mandal-o ás ortigas:

— Tóque-o.

E o pobre filho de Tokio, por sua vez se desforra

com o chinez, que, para elle, é sempre peki-nino!

A prova é que faz na Coréa o que o Yankee está a fazer na pequena republica de S. Domingos, onde os dias não são domingos nem dias santos, mas dias de amargura, dias compridos, que nunca mais se acabam...

RAUL

Os films que se esperam

AS TREZ MOEDAS DE OURO

Enscenação da FOX-FILM CORPORATION

Protagonista TOM MIX

A situação de Bob era a mais angustiosa deste mundo. Absolutamente sem recursos; não tendo comsigo um só exemplar de qualquer representação monetaria e sentindo o estomago tão vasio como as algibeiras, contava apenas com o credito para sustentar seu corpo moço e robusto emquanto o destino não lhe estendia a mão misericordiosa, com um emprego, um negocio, emfim um meio qualquer de conquistar o pão quotidiano e o pagamento das dividas já accumuladas.

O estomago vasio o bolso mais vasio ainda... Que ha de fazer Bob?

Mas em vez de um Destino sorridente quem lhe apparece é o Factum soturno e implacavel, sob a forma do dono de sua pensão communicando-lhe que estava suspenso todo o seu credito até o cancellamento de sua conta já avultada e veneravel.

Como resolver tão grave problema? Do nada fzer alguma cousa... Pôr de pé um sacco vasio. Alem do mais seu appetite de homem moço e robusto não se conformava com a situação e quanto mais negro se tornava o horizonte mais insistia o estomago em badalar á hora do almoço.

Para se distrahir desse repique pouco agradavel, Bob sahiu ao acaso e eis que ouve Carley, o picador orgulhoso, o dono de uma opulenta coudelaria, blazonar que daria trez moedas de ouro, trez poderosas e reluzente moedas, áquelle que conseguisse montar um de seus cavallos — um animal excepcional, bravio e fogoso — montal-o e manter-se na sella durante trez minutos. Seria uma moeda por minuto... Mas quem conseguiria realisar tal façanha? — perguntava Carley em tom de zombaria.

— E' commigo -- pensou Bob. Se essa fantazia do Carley não foi para mim o dedo da Providencia é porque não ha justiça na sorte. E' um dever não perder essa occasião.

Enfrenta o picador e accella o desafio. Montará esse bucephalo supposto indomavel.

Sua fama de peão destro e ousado está feita ha muito tempo; mas a fama do cavallo de Carley é tambem tão formidavel que os assistentes têm um movimento de assombro e duvida do exito de Bob. Muitos até rejubilam vendo já o bravo peão a rolar pelo pó na estrada, com sua gloria extincta.

Mas instantes depois um coro de applausos delirantes saudava o valente que conseguira montar o cavallo de Carley e o obrigara a obedecer-lhe ainda com revoltas, mas emfim submisso.

De posse das trez moedas, o primeiro cuidado de Bob é satisfazer ás exigencias do seu appetite de quasi dois dias; em seguida eil-o tentando a fortuna na roleta do bar.

A Providencia intervicra de facto. A sorte, que horas antes, lhe parecia tão cruelmente adversa, abria-lhe agora os braços, com expansões fulgurantes.

Em menos de uma hora, ganhando paradas sobre paradas, Bob tinha diante de si uma quantia mais avultada do que os ganhos de toda a sua vida até então.

Mas, na ancia natural de ganhar mais, Bob excede o limite maximo das paradas e ouve, com surpresa, a declaração de que seu jogo, tendo ultrapassado a tabella, estava considerado nullo. Bob, furioso, arma no bar um conflicto formidavel, lutando só contra mais de uma dezena de homens, vencendo-os.

Em seguida monta seu cavallo favorito e foge, acompanhado pelos fieis Spick e Brook, amigos inseparaveis.

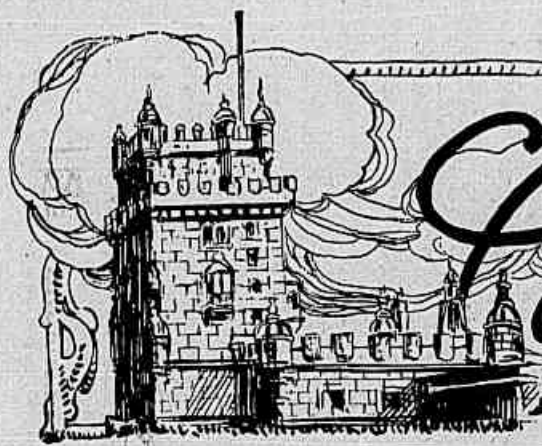
Em caminho, porem, uma nova aventura lhe estava reservada. O automovel de James Reed, presidente da Companhia Oil fôra assaltado por uma quadrilha de salteadores. O industrial e sua filha, a formosa Betty, estão prisioneiros e sujeitos ás mais horrendas affrontas.

Num movimento cavalheiresco instinctivo, Bob e seus dous amigos enfrentam um numero consideravel de homens armados e terriveis, para defender e libertar esses viajantes, que não conhecem, mas que têm a seus olhos o merito immenso dos perseguidos e desamparados.

A luta se trava desegual e magnifica. Mas a victoria acaba sempre por se collocar ao lado dos justos e afinal Bob, vencedor, recebe os agradecimentos de Reed e o mais lindo sorriso de Betty.

E esse sorriso, que fôra para Bob o mais elevado incentivo, dobra-lhe as forças, fal-o vencer traições e lutas tremendas e elle por fim, livre dos cuidados e perigos, vai depôr aos pés de Betty seu amor e sua fortuna, sufficiente para um lar ditoso pelo coração.

Cartas de Lisboa

A. L.

(A uma amiga)

Na vasta scena do mundo os acontecimentos succedem-se com vertiginosa rapidez. Parece que ainda ha pouco, em Paris, ouvi os protestos indignados dos francezes contra a conducta dos gregos. O rei Constantino faltára a todas as suas promessas — officiaes e soldados tinham cahido, victimas d'uma cilada, no primeiro de dezembro de 1916. Tempos depois os paizes alliados depunham Constantino e faziam subir ao throno Alexandre da Grecia, que, pelo seu casamento de amor, fóra de todas as convenções protocolares, d'elle se afastára.

O moço Rei teve de annuir ás altas razões patrioticas que lhe mostráram. Mas, para lhe succeder mais tarde, todos contavam decerto com uma mysteriosa intervenção divina...

E a morte veio — uma morte estupida — que a ferocidade de um animal vingativo tornou n'um tormento indescriptivel. «A paixão do Rei da Grecia!» *Assim chamaram aos vinte e sete dias durante os quaes se debateu hora a hora contra a morte esse forte e bello rapaz que, amoroso, intelligente, energico, não queria morrer.*

Ah, a vida! A vida que elle pedia, erguendo as mãos já transparentes! A vida que lhe fugia do coração atormentado! Rei ou subdito ninguem escapa á sua sorte, e de Paris, n'um comboio especial, em vão partiram os medicos mais afamados.

Junto ao leito do soffrimento, Mlle. Manos *— assim chamam na côrte á legitima mulher de Alexandre da Grecia — velava anciosa a agonia d'aquelle que por ella renunciára ao throno.*

Fraca renuncia; e quanto mais feliz elle não fôra longe da côrte e das suas esmagadoras responsabilidades!

Quem o viu em Paris, nas ultimas corridas de Longchamps, *uma mão á cinta, elegante e risonho ao lado de sua mulher, poude pensar que o rei Alexandre se achava feliz longe do seu reino, na atmosphera unica da capital da França, esquecendo por dias o seu paiz que elle decerto amava, mas que bem mostrára não querer dirigir.*

Na mesma semana morria o Lord Mayor de Cork *depois d'um jejum de setenta dias.*

As photographias mostram-nos Mac-Sweeney *antes do seu martyrio — densa cabelleira desgrenhada — segurando nos braços um bebé e sorrindo para sua mulher, irlandeza patrioticamente feia.* Mac Sweeney *tem no olhar o desvairamento que mais tarde o leva á morte.*

Esse quer morrer, e furioso protesta contra as injecções dadas durante a sua somnolencia, na intenção de o alimentarem.

Alexandre quer viver, debate-se contra a inexoravel morte.

E para ambos ella vem. Rei e republicano, eguaes perante ella, fecham os olhos —um pedindo a vida, o outro desejando o descanço final.

Á mesma hora em que em Athenas seguia o automovel real coberto de flôres levando o caixão do seu Rei, desenrolava-se na Suissa a eterna scena em que a vaidade guia todos os actores. A sala do hotel transforma-se em capella orthodoxa. Uma cruz fixada na parede, ao fundo, alguns quadros religiosos, um altar improvisado, junto do qual ardem dois cyrios, bastam para dar ao banal salão do hotel um aspecto grave. No entretanto, quantas vezes, minha Amiga, eu assisti alli, n'aquelle canto, ao flirt *d'uma ingleza rosada e loira que ria, emquanto mais alem, no proprio sitio onde hoje se ergue o altar, um sexteto composto de falsos hungaros arrastava um caprichoso tango... Mas a vida é assim...*

Os chrysantemos brancos — a fria flôr do outomno — espalham-se sobre a branca toalha do altar, que me parece ser de festim, transformada para as circumstancias em religioso adorno. O mordomo-mór, ha tres annos desoccupado, regula as ceremonias. A pequenina princeza Catharina, vestida de branco, é a primeira que apparece, ao lado de sua tia a gran-duqueza de Hesse, *irmã do kaiser. Segue-as a rainha Sophia. Sob o véu negro vê-se o rosto deformado pela dôr — a eterna dôr das mães. Pálido, na apparencia impassivel, vem depois o rei Constantino. Livido, segue-o o principe Paulo, indigitado como herdeiro da corôa. Começa o* Te-Deum. *O* archimandrita, *vestido de sêda violeta bordada e rebordada a oiro, ostentando uma immensa mitra cravejada de pedras preciosas e embrulhado n'um véu negro, canta as rezas mortuarias. Nos intervallos, as carpideiras, escondidas atraz do altar, gemem lugubremente. A rainha soluça. Lá fóra vê-se a neve branca, a neve immaculada no cimo das montanhas; e o lago dorme tranquillo, reflectindo o Céu acinzentado...*

Basta de melancolia, minha Amiga. Acabo de chegar de França onde um outomno dôce me recordava a Patria. Chego a Portugal nos fins d'outubro, e encontro a chuva, o frio, o inhospito acolhimento do inverno. Os comboios estão em gréve, e logo ao entrar na nossa patria as gares *occupadas militarmente me dão a impressão d'um paiz em guerra. Mas alem, atraz das serras, corre um regato entre campos verdes já salpicados de malmequeres. Toca um sino na egrejinha branca, e o soldado que nos pede os nossos bilhetes é um amavel, sorridente serrano, em quem encontrei logo a pronuncia das nossas aldeias. E recordo-me da minha casa sobre o Douro, da varanda emoldurada de glycinias de acido perfume, do rio que corre em remoinhos entre pedras de granito e d'aquella cantiga dos Reis Magos, delicia da minha infancia. Ah! minha Amiga, vejo só agora que lhe não contei as ultimas modas, as ultimas peças e a transformação lenta — mas segura, da mulher, a caminho da liberdade.*

D. Rodrigo, o nosso amigo que vive enclausurado na estreita prisão das convenções, diz-me pela centesima vez que a mulher assim, apertada entre estreitas leis, é, como sempre foi, rainha e senhora. Rainha, minha Amiga, quando a intelligencia a ergue acima dos homens de quem depende, tutelada como é por elles atravez dos codigos.

Mas não pretendo entrar no perigoso caminho do feminismo, e contar-lhe-hei amanhã a estada dos Reis da Belgica e do Principe de Mónaco em Portugal.

Aparto-me de si com magua e saudade.

CLARINHA

10 de Novembro, 1920

! O tenebroso parceiro. (Do "Sydney Bulletin")

A Paz e o Bolchevismo. (do "420" de Florença)

Lenine ao agitador: — Dize aos teus amigos que só trucidamos capitalistas. (do 'World")

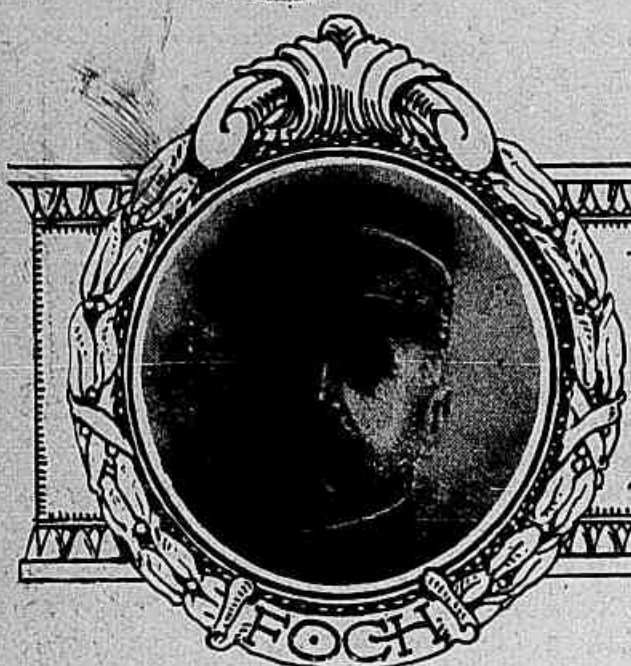
O Cataclismo. (do "Australia Bulletin")

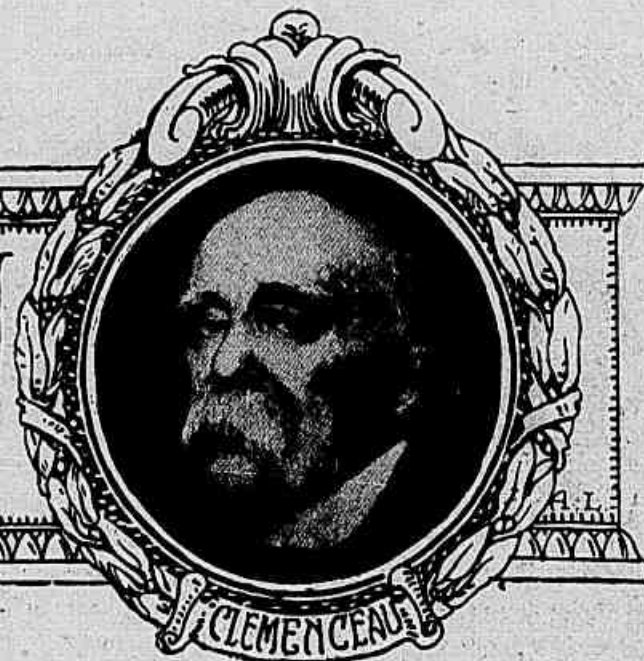
Querendo adiantar de 1.000 annos o relogio da civilização. (do "Pos tand Telegram")

O inimigo do genero humano. (do "St. Louis Post")

O rei morreu. Viva o rei! (do "Sydney Bulletin")

A alliança bolshevista. (do "Jugend" de Munich)

"Lava as mãos se queres alimentar-te aqui." (do "Life")

FOCH ACCUSA CLEMENCEAU

O Vencedor da guerra repudia o tratado de Versailles

FOCH — CLEMENCEAU

"Eis o meu armisticio: agora, podem fazer a paz que quizerem, porque estou em condições de a impor".

FOCH, generalissimo dos exercitos alliados na frente occidental, concedeu a « Le Matin » uma entrevista sobre o tratado de paz, que teve ressonancia em todo o mundo. A gravidade de suas affirmações, revelando um aspecto até agora ignorado das conversas que precederam a assignatura da acta de Versailles, causaram legitima surpresa. A figura monumental de Clemenceau rue sob o peso das declarações do marechal, como se, em vez do bronze que perpetua, fosse feita do barro que se transforma em pó. Não é sem amargura que todos presenceamos o desastre!

— Depois de assignado o armisticio de 11 de novembro de 1918, disse ao presidente de conselho, sr. Clemenceau: «Eis o meu armisticio: agora, podem fazer a paz que quizerem, porque estou em condições de a impôr».

Depois accrescentou: — Ha muito tempo que eu pensava na paz. Em setembro de 1918, escrevi ao sr. Clemenceau, dizendo-lhe: «Approxima-se o fim da guerra. Envieme V. Excia. um funccionario do ministerio dos Negocios Estrangeiros que me ponha ao corrente das condições de paz que V. Exa. prepara, a fim de que os nossos exercitos occupem todas as regiões que deverão servir de garantia á execução do tratado que V. Excia. vai fazer».

O sr. Clemenceau respondeu-me: «O senhor nada tem com isso».

Foch contou depois como sentiu um momento de emoção ao ver entrar no seu vagão os delegados allemães que iam pedir-lhe as condições do armisticio.

No dia 6 de novembro, Foch chegava a Rethondes. No dia seguinte, o comboio allemão parava no mesmo ponto.

— Um instante depois, Weygand entra e previne-me da chegada dos plenipotenciarios allemães. A' frente vem Erzberger que, numa voz bastante fraca, me apresenta os restantes. Traduzem-me as suas palavras. Digo-lhes: «Os seus documentos? Vamos examinar a validade d'elles». Apresentam-m'os. São assignados por Max de Bade. Condiseramol-os sufficientes. Volto-me para Erzberger e digo-lhe: «Que desejam?» «Viemos — responde — para receber communicação das condições em que V. Ex. quer fazer o armisticio».

Respondo-lhe: « Não tenho qualquer communicação a fazer. Se V. Exa. tem qualquer pedido a formular, formule-o». E elle dá novas explicações. Digo-lhe: « Mas V. Exa. pede o armisticio?» Responde-me: Pedimol-o». Replico-lhe: « Vou dar-lhes a conhecer quais as condições em que, por meu intermedio, os governos alliados consentem em conceder o armisticio ».

Reunimo-nos na carruagem contigua, onde era o meu gabinete. O almirante Wemyss á minha direita; o general Weygand á esquerda: na minha frente Erzberger, enquadrado por Oberndorf e Winterfeld. Weigand leu-lhes as condições, que foram traduzidas uma após outra. Via que o moral delles abatia. Winterfeld estava muito pallido. Supponho até que chorava. Depois da leitura, acrescentei: « Meus senhores, entrego-lhes este documento. Teem 72 horas para responder. Até lá podem apresentar-me observações sobre pormenores ».

Então, Erzberger tornou-se pathetico. «Por favor, disse-me elle, sr. marechal, não espere essas 72 horas. Suspenda hoje mesmo ás hostilidades. Os nossos exercitos estão entregues á anarchia: o bolchevismo ameaça-os; esse bolchevismo pode entrar na Allemanha, em toda a Europa central e ameaçar a propria França ».

Não hesito e respondo-lhe: « Não sei em que estado se encontram os seus exercitos: sei apenas a situação dos meus. Não só não posso deter a offensiva, como vou dar ordem para a continuarem com redobrada energia ».

Então Winterfeld usa da palavra. Tinha umas notas na sua frente e preparára cuidadosamente o seu discurso:

« E' preciso, disse-me elle que os nossos estados-maiores se ponham de accordo, que discutam conjuntamente todos os pormenores da execução do armisticio. Como poderão fazel-o? Como poderão communicar entre si, se as hostilidades continuam? Por motivos de ordem technica, peço-lhe que suspenda as hostilidades ».

Respondo-lhe: « Essas discussões technicas serão opportunas dentro das 72 horas. Até lá, a offensiva continúa ».

Os plenipotenciarios retiraram-se. Quanto a mim, envio uma ordem a todos os exercitos alliados, um ultimo appello á bravura e á energia de todos. Todos os commandantes-chefes me dão uma enthusiastica resposta: « Conte comnosco, não nos deteremos ».

Passo adiante sobre o que se passou nesses trez dias. Os allemães tentaram o processo da submersão, submersão por meio da papelada. Weygand recebia-os e transmittia-m'os.

Um pouco mais adiante, o marechal Foch accrescentou: — Na noite de 10 para 11 não dormi muito.

Descansei da meia noite á uma hora; depois, chegaram os allemães. Concedia-lhes 5000 metralhadoras e canhões automoveis. Foi tudo quanto puderam alcançar. A's 5 horas e 15 assignavam, com letras muito grandes, denunciando a raiva que lhes ia na alma. A's 7 horas eu partia para Paris.

"Terminou a minha missão, vai começar a sua" disse Foch a Clemenceau ao entregar-lhe o armisticio assignado.

A's 9 horas estava em casa do sr. Clemenceau. Não foi muito amavel. Resmungava, perguntava que cedera eu aos allemães... Disse-lhe que ás 11 horas era preciso que os canhões troassem para annunciar o fim das hostilidades. Elle queria que isso se fizesse ás 4 horas da tarde, quando subisse á tribuna da Camara. Disse-lhe que desde a noite ultima os exercitos alliados estavam parados por minha ordem, que ás 11 horas seria disparado o ultimo tiro de espingarda e que toda a gente o saberia. Nesta occasião entraram no gabinete do chefe do governo os srs. Barthou, Nail e outras pessoas, os quaes me apoiaram. Autorizou, então, que as salvas fossem dadas ás 11 horas.

Disse-lhe eu: « Terminou a minha missão. Vai começar a sua ».

Vi por diversas vezes o sr. Clemenceau, a quem entreguei tres notas. No dia 7 de Abril, parece-me, consegui ser recebido em conselho de ministros. Baldadamente, pedira que me ouvisse a delegação franceza á conferencia da Paz. Recusaram-m'o. Recordo-me muito bem desse conselho de ministros. Fui ao conselho com os srs. Jules Cambon e Tardieu. Em primeiro logar, perguntei se não havia acta. Parece que não tinham esse habito. Então, como eu tivesse escripto as minhas observações, entreguei uma copia d'ellas a cada ministro, e, depois, pedi a palavra e desenvolvi o meu thema: «sem garantias, não ha segurança».

O sr. Poincaré foi a unica pessoa, devo reconhecel-o, que me apoiou. A' sahida, disse ao sr. Tardieu, deante do sr. Jules Cambon:

— Talvez um dia haja um tribunal para nos julgar, porque a França nunca comprehenderá como da victoria nós fizemos sahir a ruina. Nesse dia, quero apresentar-me com a consciencia tranquilla e os meus papeis em regra.

Fiz mais uma tentativa. Foi na sessão plenaria de 6 de maio, em que foi entregue ás potencias alliadas o tratado de paz, concluido durante a noite. Os portuguezes — não me recordo quem — protestaram. Depois, levantei-me e desenvolvi mais uma vez a minha these. Ouviram-me, mas ninguem disse uma palavra e a sessão foi encerrada.

Enquanto no salão continuo se tomava o chá, dirigi-me ao sr. Clemenceau e disse-lhe:

— Tive a honra de formular uma pergunta: desejaria ter uma resposta.

Vi, então, que o sr. Clemenceau conversava um momento, animadamente, com os srs. Wilson e Lloyd George. Em seguida voltou e declarou-me:

— A nossa resposta é que não ha resposta.

Repliquei-lhe:

— Sr. presidente de conselho, estou perguntando a mim proprio se amanhã devo acompanhar V. Exa. a Versailles. Estou diante do mais grave caso de consciencia da minha vida. Repudio o tratado e não quero sentando-me ao lado de V. Exa. tomar a minima parcella de responsabilidade.

O sr. Clemenceau mostrou-se descontente e insistiu para que não deixasse de ir. A' noite, mandou-me o sr. Jean Dupuy, que me falou com verdadeira commoção. Então, reflecti: « Os governos alliados vão apresentar-se diante dos allemães para lhes impor um tratado. E' razoavel que compareçam sem os seus exercitos, sem o chefe dos seus exercitos? Não tenho o direito de o fazer. Seria enfraquecel-os na presença do inimigo ».

Em Versailles fiquei ao lado do sr. Klotz. Quando terminou a ceremonia da entrega do tratado disse-lhe: « Sr. ministro das finanças da Republica franceza, com similhante tratado V. Exa. pode apresentar-se aos «guichets» do imperio allemão. Verá em que moeda lhe pagam». O sr. Klotz respondeu-me com azedume: «Não tenho esse habito».

« Ha-de habituar-se » repliquei-lhe eu.

E era a esses homens, concluiu o marechal Foch fitando tristemente o seu cachimbo, era a esses homens que eu tinha dito:

— Façam a paz que quizerem, que eu me encarrego de a impor »

E, como o jornalista fizesse notar que o presidente do conselho se não mostrava muito grato ao marechal, este respondeu:

— Que quer? não sei se elle me estimava, mas a verdade é que nunca m'o demonstrou.

Como o general foi nomeado chefe dos exercitos alliados

Em seguida o marechal contou que, tendo sido nomeado commandante chefe do exercito de manobra, que ainda não existia, assistiu a um conselho de guerra que se effectuou em Londres, em 14 de Março de 1918. Nesse conselho, pediu aos inglezes que collaborassem com effectivos na formação do referido exercito.

— Em nome do governo inglez, que alli estava representado principalmente pelo sr. Lloyd George — continuou Foch — o marechal Haig respondeu-me que era impossivel. Quiz replicar-lhe com vivacidade. «Cale-se, disse-me com energia o sr. Clemenceau, sou eu quem falla em nome do governo francez e, por minha parte, declaro que acceito a resposta do marechal Haig.»

No dia seguinte, quando o conselho estava prestes a terminar, pedi a palavra e desta vez não m'a tiraram. Declarei que se preparava uma terrivel offensiva. E acrescentei: « Sei o que são as batalhas dos exercitos alliados. Estive no Marne e na Italia. As ligações devem ser feitas assim; as combinações devem realisar-se deste modo; são estas as precauções a tomar, etc, etc. Declaro-lhes que nada está preparado para resistir á offensiva, e que ella pode occasionar um desastre.»

Alguns dias passados, em Compiégne, e depois em Doullens, recordaram-se de mim.

Em Doullens encontravam-se lord Milner, o marechal Haig, os srs. Poincaré, Clemenceau, Loucheur e o general Pétain. Eu não estava satisfeito. Segundo as minhas informações, o general Pétain estava prestes a retirar sobre Paris, o marechal Haig para o mar. Era abrir as portas aos allemães; era a derrota.

Apoiado por lord Milner, o marechal Haig disse que se tornava necessario um chefe responsavel e a unidade de commando. Foi proposto o meu nome.

« Podiamos, disse o sr. Clemenceau, dar ao marechal Foch o commando dos exercitos que operam em volta de Amiens. » O marechal Haig oppoz-se, declarando que só havia uma solução sensata: dar-me o commando dos exercitos alliados na frente occidental. O sr. Clemenceau inclinou-se e assim se fez.

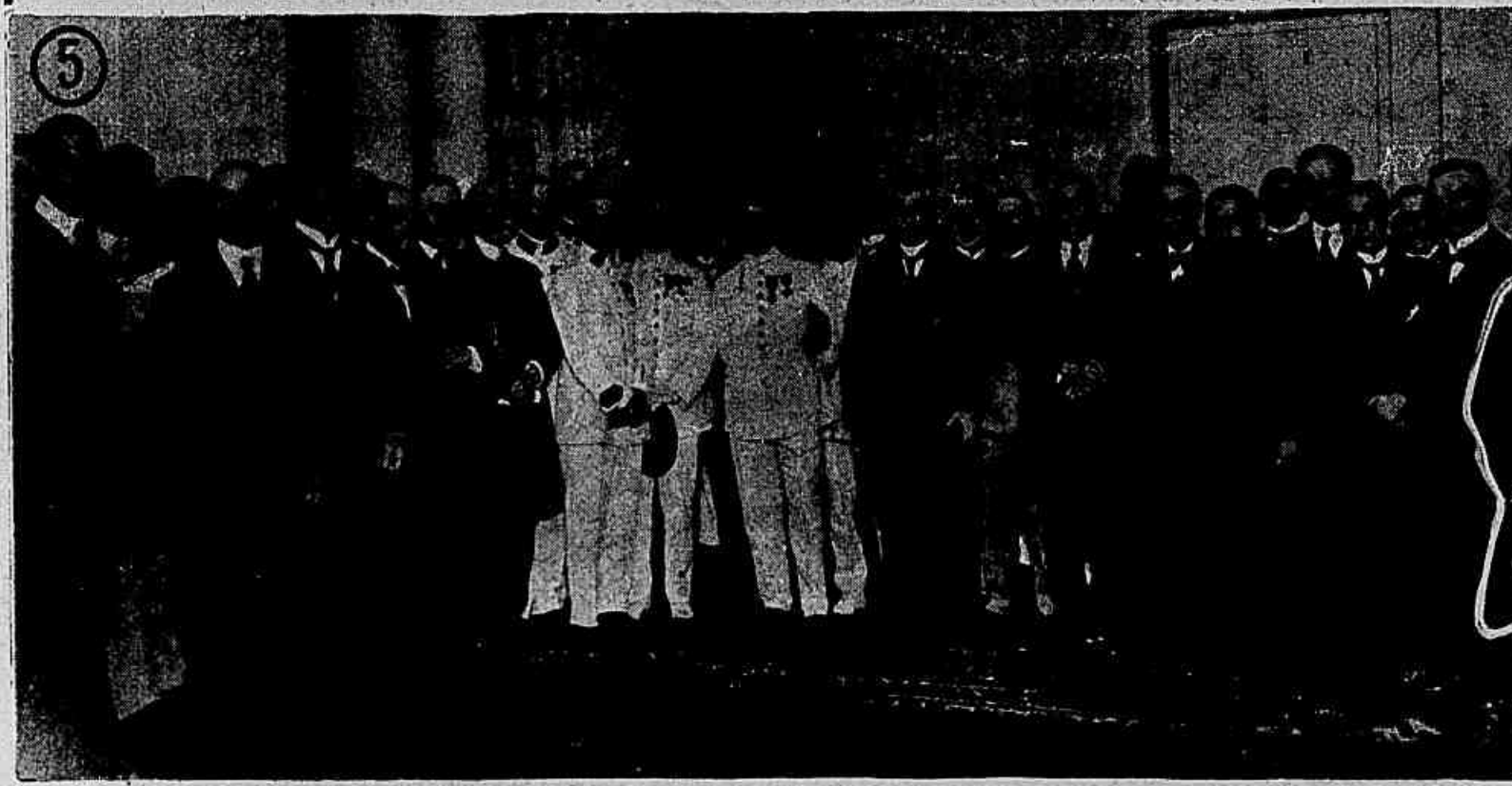
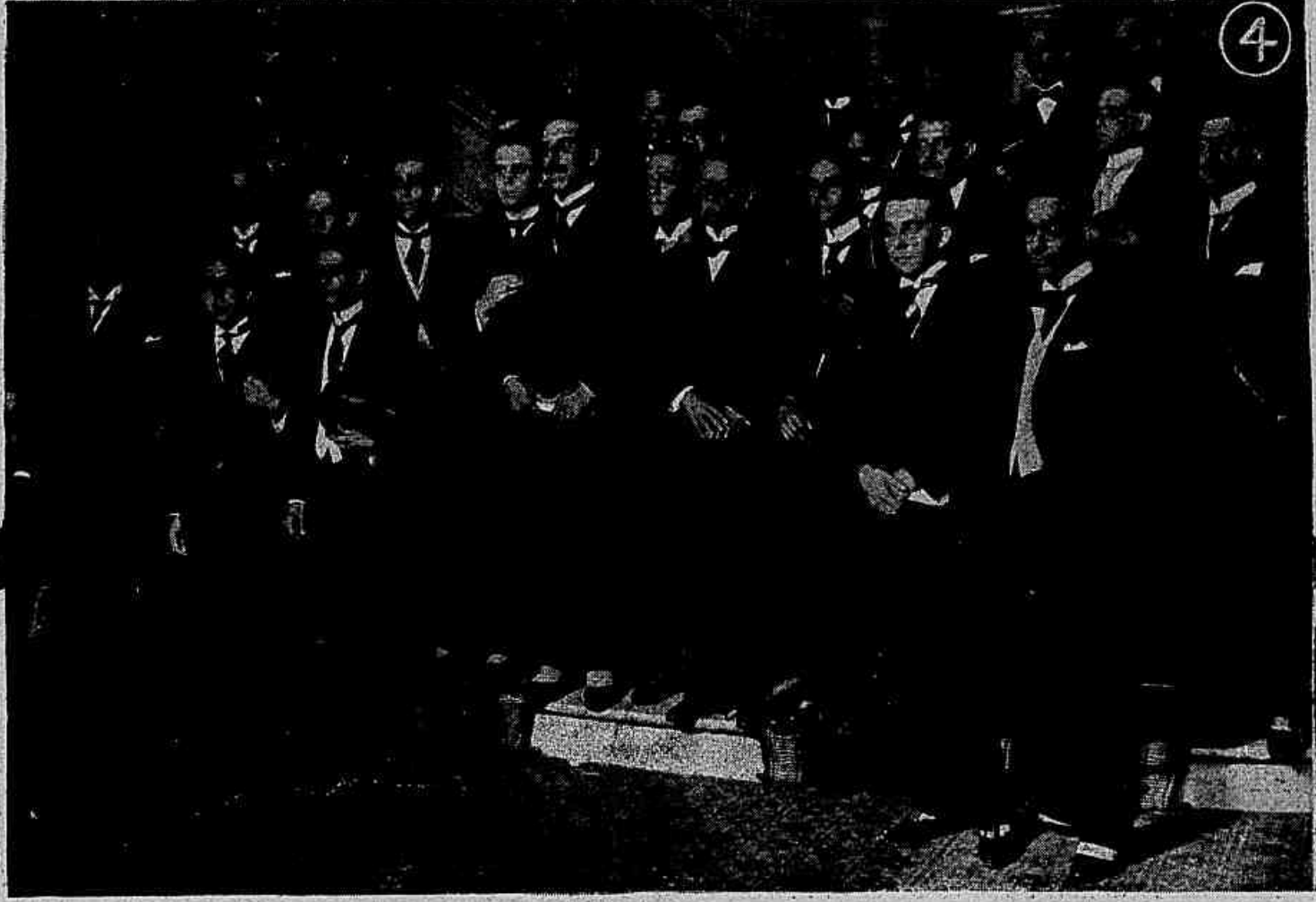
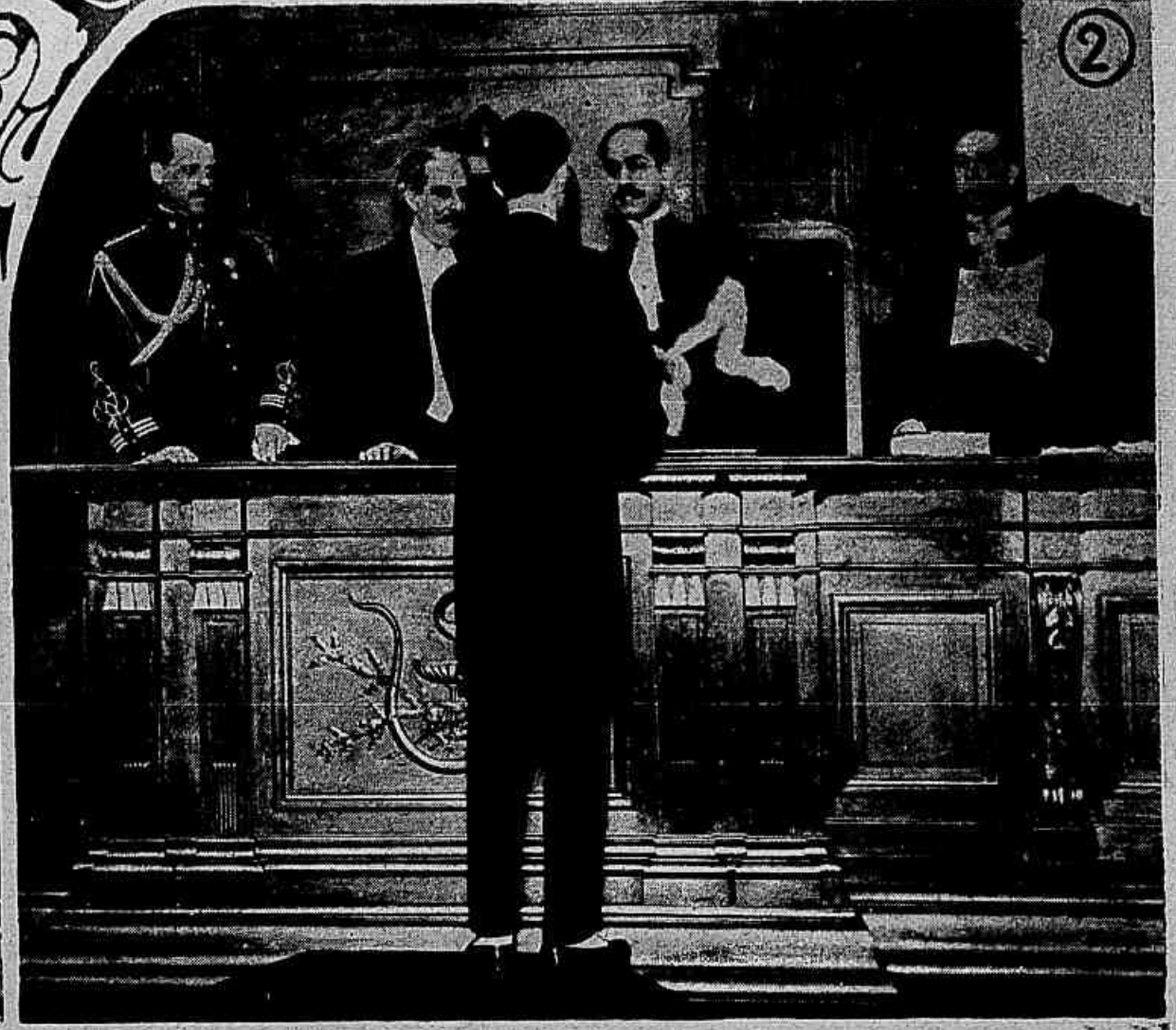
Ao almoço, o sr. Clemenceau disse-me:

— Então, já tem a situação que queria!

Perdi a paciencia e respondi-lhe:

— O que, sr. presidente!? Então, o senhor dá-me uma batalha perdida; pede-me que dê um remedio a isso; acceito, e V. Exa. acha que foi um brinde que me offereceu? E' precisa toda a minha ingenuidade para acceitar o commando em taes condições.

A clareira da floresta de Compiégne onde estacionava o vagão do Marechal Foch, em que foi assignado o armisticio de 11 de Novembro de 1918.

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

1 e 2 — Aspectos da collação de grão na Faculdade de Medicina.

3 e 4 — A collação de grão na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes.

5 — Recepção da Colonia na Embaixada de França.

6 — Nova directoria da Academia Fluminense de Lettras, que tomou solemnemente posse no dia 30 de Dezembro.

7 — Grupo de bacharelandos e lentes da Faculdade Livre de Direito do E. do Rio, por occasião da ceremonia da collação de grão.

8 — Senador Octacilio Camará, fallecido no dia 29 de Dezembro.

Semana Elegante

Anno-Bom

No parque de Eugenio de Barros, domingo, á tarde.

Dia luminoso, dourado.

A sra. Naddia de Barros e a senhorinha Eudéa de Barros acolhem seus convidados.

E' a gentileza, o charme de sempre.

— Que alegria!

— Maior do que a dos pobresinhos que estão lá fóra...

— A difficuldade para entrar!

Pois não admirava. Um grande trecho da rua Voluntarios achava-se tomado pela multidão de homens, mulheres e creanças do povo — os paes e os filhos da pobreza — que se comprimiam e vozeavam, á espera de que a festa começasse.

De ha tres annos a esta parte, a boa sra. Annita de Barros instituiu o Anno-Bom dos Pequeninos Necessitados.

E, ha tres annos, ao primeiro dia de sol de janeiro, os portões do parque de Botafogo se abrem, de par em par, recebendo, numa caudal, todas as creanças a quem nunca sorrira siquér a esperança de qualquer conforto.

São meninos rôtos e descalços, meninas, ás vezes tocando pelos quinze annos, que apparecem quasi semi-nuas, as roupas enxovalhadas, rasgadas, o olhar triste.

Em geral, as meninas pedem uma boneca — o tamanho não importa, a questão é que seja uma boneca, pois sempre desejaram ter uma e jamais pensaram poder obtel-a.

Os meninos, esses atiram-se ás espadas, aos tambores, aos minusculos petrechos bellicos.

O mundo continúa, pois, com as suas caracteristicas normaes.

E a observação foi feita, alli mesmo, pelo illustre mestre dr. Martins Pereira.

— Que está a meditar, sr. dr.?

— Estou a dizer-me a mim mesmo que as cousas vão como sempre...

Mas a condessa Candido Mendes, cuja distincção é um mixto de perfeita elegancia e de intelligencia viva insistiu:

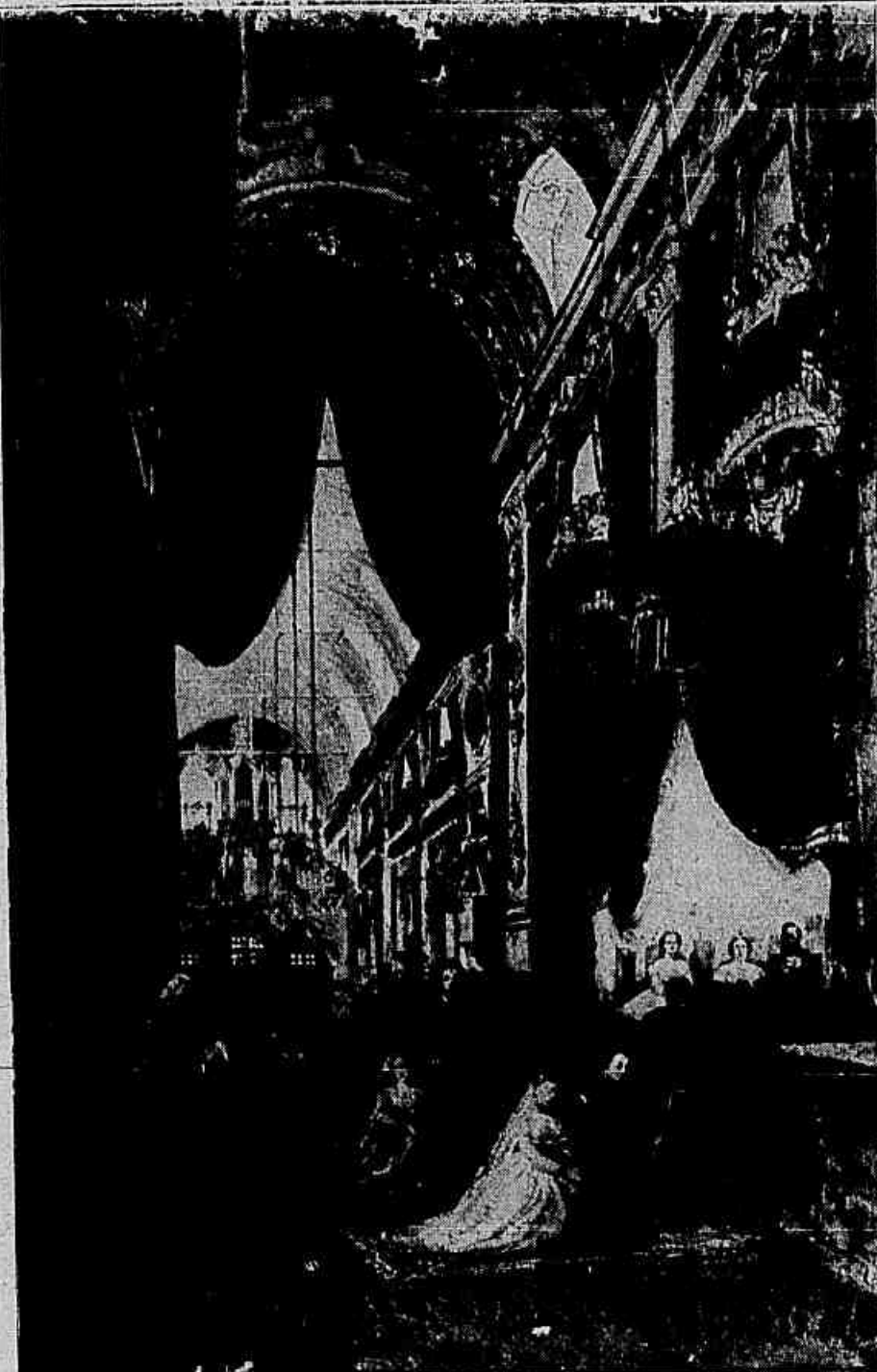
— Alguma charada?

— Não, sra. condessa, tudo que ha de mais simples: não repara que as meninas preferem carregar as bonecas e os rapazes se armam das espadas?...

— Vae falar da meiguice das mulheres e da força dos homens? interrompeu a senhorinha Zúzú Guaraná.

— Um pouco isso, senhorinha.

« Mas o que eu pretendia haver dito é que as meninas continuam a querer ser mães e os rapazes ainda se deixam seduzir pelas armas...

O illustre mestre estava numa roda de senhoras e moças, a quem fôra servido, num dos intervallos da exhaustiva faina, um copo de gelado e sorvetes.

O casamento de S. S. A. A. a Princeza Imperial e o senhor Conde d'Eu (Quadro de Pedro Americo)

D'ahi, as ininterruptas perguntas, as reticencias que o provocavam.

— E o srdr. não sabe que as mulheres tambem possuem, aliás em as demonstrações exhibicionistas dos homens, o sentimento do heroismo?

— Na ultima guerra, houve até batalhões femininos...

— Não se falando no trabalho glorioso das cruzes vermelhas!

Felizmente, o dr. Eugenio de Barros appareceu em soccorro do seu illustre collega.

— Puzeram-me num pé só, sem que eu, ao menos, houvesse dito não estar de accordo com ellas!

E a senhorinha Cacilda de Sousa:

— E' que fomos obrigadas a lembrar ainda uma vez que nós tambem somos fortes...

— Chegaram a ameaçar-me com os batalhões femininos!

— Mas recordámos logo a dedicação das cruzes vermelhas...

Mas o dr. Arthur Guaraná, que viéra para o grupo:

— O que todos nós deviamos louvar, neste momento, é o heroismo da constancia feminina em fazer o bem...

« E dessa constancia, desse formoso heroismo, a festa de hoje, nesta linda casa, é um nobre exemplo.

E a sra. Diniz Junior:

— Ha a lamentar-se a ausencia da grande bemfeitora, da mãesinha dos pobres...

O dr. Eugenio de Barros explicou então que, mesmo da Europa, sua distinctissima esposa se esforçára por que a festa se realizasse com a amplitude e o aspecto de todos os annos.

— Em sua ultima carta, havia um trecho assim: « Não esqueçam os pequeninos. O meu pezar maior em estar longe d'ahi é não poder abraçal-os e beijal-os á entrada do novo anno e de não poder auxilial-os na distribuição dos brinquedos, a que Eudéa e Naddia, estou certa, darão todo o seu cuidado ». Como vêem, a preoccupação não a desacompanha...

Aqui, das mãos das gentis Pollete Strasse, Simone e Helena Von Hervan, recebiam um côrte de fazenda. Alli, acarinhados pelas sras. Rego Barros e Arthur Guaraná, enchiam as mãos de bon-bons ou biscoitos. Mais adeante, a sra. Diniz Junior e as senhorinhas Zúzú Guaraná, Annita Porfirio de Miranda, Cacilda de Sousa, Nair e Silvia Monjardino entregavam-lhes os cobiçados brinquedos.

Eram milhares. O desfile abrangeu cinco horas.

A ausencia de D. Annita não permittira a recepção mundana, que dera á festa dos annos anteriores um aspecto magnifico, mas os pobresinhos vieram, como sempre, em multidão.

Esse é aliás o maior encanto, a nota mais commovedora, no Anno-Bom da casa illustre e acolhedora de Voluntarios da Patria.

MARQUEZ DE DENIZ.

Noticiario Elegante

Noticiario elegante

ANNIVERSARIOS

No dia 8 — as senhorinhas Branca Cezar Rabello, Alice Bento Porto, Leda Deschamps Cavalcanti e Hilda Joaquim de Barros; o commandante Alfredo Braga Mello; o major Eduardo de Albuquerque; a sra. Anna Dantas Pereira da Rosa.

No dia 9 — as senhorinhas Stella Frederico Borges, Hilda Cavalcanti e Mary Stockler; a galante Elsa Faria Junior; o commandante João Carlos Cordeiro da Graça; o dr. Hildebrando Cordeiro.

Senhora Gemma de Moura, cujo anniversario passa a 12 do corrente.

No dia 10 — a sra. Alberico de Moraes; a senhorinha Diva Leal da Costa; o senador José Eusebio; os drs. Estellita Lins e Amilcar Botelho de Magalhães.

No dia 11 — as senhorinhas Alba Martins Costa, Ruth Cezar de Magalhães e Claudia Ribeiro Esse; a distincta cantora senhorinha Marieta Campello; o eminente economista e professor dr. Vieira Souto; o general Caetano de Albuquerque, ex-presidente de Matto Grosso; o dr. Henrique Borges Monteiro.

No dia 12 — as senhorinhas Guiomar de Lima Costa, Samaritana de Maia Lobo, Edila Alonso de Niemeyer; os drs. José Rodrigues Barbosa e José Maria de Figueiredo Ramos; o conhecido e estimado homem de lettras dr. Roberto Gomes, illustre inspector escolar, cuja obra theatral tanto brilho dá ao seu formoso renome e á litteratura nacional; o sr. Alvaro Toledo Bandeira de Mello.

No dia 13 — as sras. Cecilia Dias da Costa, Gastão Maranhão e Ildefonso Escobar; a senhorinha Hilda Iglesias; os drs. Murtinho Nobre, Luiz Octavio Barcellos, Henrique de Magalhães e Nazareth Menezes; o commandante Cardoso de Menezes.

No dia 14 — a sra. Mazzini Bueno (nascida Lauro Muller) cujos dotes verdadeiramente primorosos a tornam uma das figuras mais distinctas de nosso grande mundo; as senhorinhas Djanane Albuquerque Lins e Nair Borgado Leite; os drs. Sergio Barreto e Alberto Moreira Machado; o illustre deputado Bento de Miranda, que se ha imposto, por seu talento, cultura e operosidade, ao melhor conceito e sympathia dos seus pares.

NOIVADOS

— a senhorinha Helena Yolanda Lopes e o sr. José Francisco Lopes da Rocha Junior;

— a senhorinha Rosina de Freitas e o dr. Octavio de Oliveira Botelho;

— a senhorinha Maria Alexandrina Ribeiro e o sr. Neptuno Augusto Pinto Pacca;

— a senhorinha Lucia de Macedo Santos e o commandante Oswaldo Osiris Storino;

— a senhorinha Carlinda Barbosa e o sr. Carino Alberto do Espirito Santo;

— a senhorinha Maria Altair de Almeida e o sr. Candido José da Rocha Leão;

— a senhorinha Zélia Porto Dias e o sr. Mario Bandeira;

— a senhorinha Noemia Pereira de Oliveira e o sr. José Marcellino de Vasconcellos Ramos;

— a senhorinha Abigail Rodrigues e o dr. Alberto Portella.

CASAMENTOS

— a senhorinha America Malcher Bacellar e o dr. Sidney Alvaro de Carvalho;

— a senhorinha Julieta Camara Pinheiro e o sr. João Luiz da Costa;

— a senhorinha Carmen de Souza Teixeira e o sr. Romeu de Ambrosio;

— a senhorinha Nina Iracema Gomes e o sr. Amaral Ornellas;

— a senhorinha Maria de Lourdes Calaza de Oliveira Meneses e o dr. Alberto Brandão Segadas Vianna;

— a senhorinha Lilia Lyra Tinoco e o sr. Raul Pinto Seidl;

— a senhorinha Helena Teixeira e o sr. Carlos Bittencourt.

— a senhorinha Ophelia Christopharo e o dr. Arthur de Vasconcellos.

OS QUE VIAJAM...

Barroso Netto, o festejado artista, professor do Instituto de Musica, seguiu para a Europa, a bordo do *Arlanza*.

Seu embarque esteve concorridissimo.

VERANISTAS

Para Petropolis: — as sras. viuva Izabel Bicalho e Guilhermina Guinle;

— o ministro Homero Baptista, o commendador Amoroso Lima, o almirante Foutoura, o deputado Macedo Soares, o coronel Senna Pereira, os drs. Carvalho Mourão, Santos Werneck, Moura Muniz, Renato Rocha Miranda, Sancho Pimentel, Alceu Guimarães, Pareto Junior, Cesar Rabello, Joaquim Tavares Guerra e Carlos Guinle e o sr. Henry Benford.

Senhorinha Léa D'Arinos Pimentel

Para Poços de Caldas: — o dr. Thomaz Gomes Viégas.
Para Cambuquira: — o industrial Moreira de Mesquita.
Para Theresopolis: — o dr. Silva Araujo (Carlos Eduardo); a sra. e senhorinhas Acacio Leite.
Para Paraisopolis: — s. ex. o dr. Bueno de Paiva, vice-presidente da Republica, que se fez acompanhar de s. exma. familia.

DIPLOMATICAS

Foram veranear, em Petropolis, a sra. e o ministro Tolmes, do Perú, a sra. e o ministro Ramos Montero, do Uruguay, e os addidos militares Lisson, do Perú, e Alvelo, do Chile.

* * *

Em viagem de férias, partiram, no *Limburgia*, para Sant'Iago, a sra. e o ministro Cruchaga Torconal.

* * *

No *Darro*, partiu, quarta-feira, para La Paz o distincto secretario chileno Eduardo Garland de Roel.

* * *

A sra. e o embaixador Alexandre Conty, que vivem cercados das maiores sympathias do nosso grande-mundo, offereceram, no dia 1.º, uma linda recepção á sociedade carioca. O magnifico palacete de Paysandú esteve repleto e brilhante.

* * *

Acha-se no Rio, de passagem para o Havre, onde vae servir, o consul Jayme do Nascimento Brito.

* * *

O illustre embaixador Edwin Morgan subirá, dentro de pouco, para Petropolis.
S. ex. aguardava, apenas, a passagem pelo Rio do Secretario d'Estado Colby, afim de poder deixar esta cidade.
Este anno, o brilhante diplomata vae residir na *Villa-Itararé*, antiga residencia do saudoso principe de Belfort, a cujo bom-gosto a elite carioca deveu tantas festas magnificas, sobretudo as que se realizaram, durante o estio, na casa admiravel em que se installará o embaixador dos Estados-Unidos.

CARNET

«*Meu amigo:*

Fugi do Rio, no dia 31.
Preferi passar o Anno-Bom em Petropolis. Espero haja tido agradaveis impressões dos *réveillons* do *Palace-Hotel*, do *Assyrio*, do *Fluminense* e do *Botafogo-Regatas*.
Eu por mim estive no *Tennis*.
Lindissima festa, meu amigo!

E, para que V. possa ter idéa do que foi esse *réveillon* encantador, movimentado, esplendente, dou-lhe aqui uma lista de algumas pessoas que a elle estiveram presentes:
— sra. Alberto de Faria filho, custosa e original toilette negra, bordada de ouro e azul; sra. Altamiro Bravo, de negro, admiravel vestido perlado de branco; sra. Lafayette Pereira, vestido negro-perolas, fundo rosa-velho; sra. Franklin Sampaio, de rosa, bordados ouro; sra. Silva Porto, de negro, applicações de ouro; sra. Dóra Brandão, de rosa, gaze lilás; sra. Costa Pinto, negro e argento; sra. José Hygino, de branco; sra. Eduardo Pederneiras, rosa, bordados ouro; sra. Antonio de Sousa Bandeira, de negro; sra. Armstrong, tambem de negro; sra. Kanitz; sra. Gervasio Seabra; sra. Braz Monteiro de Barros, azul, bordados argento; senhorinha Tétis Stamato Pézas, de vermelho, graciosa cintura «*en feuilles*»; senhorinha Véra Bravo, linda toilette branca, rendas e lhama argento; senhorinha Esther Proença, de rosa; senhorinha Lafayette Pereira, branco, applicações em argento; senhorinha Laura Brandão, tulle branco, fundo rosa; senhorinha Yvonne Masset, malva; senhorinha Teixeira Soares, tulle rosa, fundo da mesma côr, vivo; senhorinha Helena Leal, rosa e ouro; senhorinha Silvia de Azevedo, verde; senhorinha Rosa Kanitz, azul; senhorinha Mercedes Leal, «*fraise littré*»; senhorinha Isabel Leal e senhorinha Dulce Kanitz, toilettes rosa.

Se me não engano, esses nomes, colhidos no turbilhão das cousas seductoras que nos envolviam e deliciavam, podem dizer o que foi, em distincção, graça e belleza, a formosa festa do *Tennis*.

MARIA EUGENIA».

Na Legação do Mexico

Os convivas do banquete offerecido pelo sr. Ministro do Mexico (o 1º. á esquerda) ao sr. Ministro das Relações Exteriores.

EXPOSIÇÃO DE HISTORIA E ARTE RETROSPECTIVA

Havendo sido inaugurada pelo illustre sr. Epitacio Pessôa, presidente da Republica, acha-se aberta, desde terça-feira, a exposição de historia e arte retrospectiva da monarchia.
A concorrencia vem sendo enorme, a ella não faltando as figuras mais brilhantes do nosso grande-mundo.
O exito dessa exposição, que é dos maiores, se deve em grande parte ao illustre dr. Rêgo Barros, cujo *savoir-faire* é simplesmente primoroso.

EM BENEFICIO

Na proxima quarta-feira, será levado a effeito, no *Lyrico*, um bello festival, em beneficio da benemerita creche sra. Araujo Penna.

SPORTSMEN

O *Flamengo* annuncia, para hoje, um grande baile, em commemoração da sua victoria no campeonato de football.

EDUARDO HEARN

O Aero-Club Brasileiro offereceu, segunda-feira, no *Assyrio*, um concorrido e bello chá-dansante ao arrojado aviador argentino Eduardo Hearn, *raidman* Buenos Ayres Sorocaba.

NO CHALET MURTINHO

D. Laurinda Santos Lobo deu, sabbado, uma linda recepção, afim de commemorar o feliz anniversario de sua exma. mãe, a sra. Leonor Murtinho Guimarães.

* * *

A senhorinha Rosalita Candido Mendes offereceu, terça-feira, uma recepção ás suas amiguinhas.

EXAMES

Concluiu, com as melhores notas, o curso do Instituto de Musica a gentilissima senhorinha Lucilia Anthero Pinto de Almeida, que tem sido cumprimentadissima.

RECEPÇÕES DE ANNIVERSARIO

No dia 30 — a sra. Adelaide Leite Garcia e a senhorinha Leticia Barroso Nunes;
No dia 1.º — a senhorinha Zita Coelho Netto;
No dia 2 — a senhorinha Amelinha de Mello Franco.

* * *

Sabbado, em sua elegante residencia de Real Grandeza, o illustre casal Fenelon Bomilcar da Cunha deu uma encantadora recepção ás amiguinhas de sua filha Beatriz, cujo anniversario se commemorava.

M. DE D.

"A Capital Federal"

O sr. Eduardo Vieira, esforçado e competente director da Companhia do S. Pedro, teve a ideia de desencantar dos archivos do theatro brasileiro a burleta de Arthur Azevedo A Capital Federal, *cujo exito, ha vinte e cinco annos, assumiu proporções verdadeiramente excepcionaes.*
Para essa opereta, aproveitou Arthur uma revista, O Tribofe *— que já the valera um vasto triumpho popular — substituindo nella o que era rigorosamente*

Laïs Areda

actual e do genero, por uma acção seguida e novas personagens, mais logicas e bem observadas — do tempo. No decorrer destes cinco lustros, está claro que alguma coisa envelheceu, se perdeu até, do que constituira a grande razão do agrado da peça. Muito, porém, ficou: a segurança dos traços caricaturaes, o bom preparo e medida dos episodios, a graça dos dialogos e esta qualidade, infelizmente cada vez mais rara no nosso theatro comico — a qualidade litteraria.
Os dois grandes papeis da peça, criados triumphantemente pela sra. Pepa Ruiz e o sr. Brandão, tiveram agora apreciavel desempenho da sra. Lais Areda, joven artista e quem deve estar reservado um radioso futuro, e sr. Arthur Oliveira, comico que não falha nunca.

"Je t'aime"

E' a ultima comedia de Sacha Guitry. O autor afortunado de Nono, le Veilleur de nuit, la Prise de Berg-op-Zum *e tantas outras peças que deliciaram Paris, compoz agora, ao que sugerem alguns criticos, tres actos sem efabulação, sem quasi nenhuma acção e rigorosamente, exclusivamente . . . pessoaes. E' bem de suppor que, se outro qualquer autor tivesse o mesmo capricho, não conseguiria levar o publico a acceitar-lh'o com sympathia. Sacha Guitry, porém, habituou-se a ser o enfant gâté das plateias parisienses. Nas suas peças, não respeita especie alguma de regras ou convenções theatraes. Conduz a acção como lhe apraz ou não a conduz absolutamente, substituindo-a pela vivacidade e travessura dos dialogos; tem uma moral, ou uma falta de moral, intransigentemente sua; e, interprete, elle proprio das suas obras, representa-as como muito bem entende. Assim, o assumpto de* Je t'aime, *que Sacha representa com sua esposa actual, sra. Yvonne Printemps — como representou diversas outras comedias com a primeira esposa, sra. Charlotte Lyses — pode ser resumido ao seguinte: «Eu te amo. Tu me amas». A sociedade é hypocrita; os parentes, uns maçadores; os amigos, uma sucia de pulhas. Amemonos, portanto, e mandemos bugiar tudo o mais».*

Yvonne Printemps

Uns criticos acham a peça encantadora; outros consideram-n'a demasiado bohemia e superficial; o publico enche o theatro. E é esta ultima de certo a opinião que mais interessa ao autor.

Carnaval

Os theatros populares annunciam para muito breve as costumadas peças carnavalescas. Constituem estas uma feição especial do genero revista, feição cuja originalidade está . . . na entrada em scena das diversas «sociedades».
Faz-se isso geralmente no ultimo acto ou quadro, como chave de ouro, como definitivo elemento de bom exito. Os tres principaes clubs carnavalescos apparecem, representados por damas que mais ou menos os frequentam e preferem, respectivamente. Primeiro, vem o Club dos Tenentes, por ser o mais antigo. Canta as suas coplas, dizendo-se heroe de mil façanhas, detentor de mil triumphos: o numero termina em dansa, a claque applaude. Vem depois, com o seu sequito de maxixeiras, a representante dos Fenianos, a qual faz a mesma coisa que a precedente e a quem os homens do «aguenta a mão» igualmente prodigalizam as manifestações do seu enthusiasmo profissional. Chega então a vez dos Democraticos. Quando o «Compadre» annuncia a chegada do Club popularissimo, o pessoal lá de cima delira; e o que a artista diz ou canta é completamente abafado pelas palmas e berros dos discipulos do saudoso Basilio. Segue-se um maxixe geral e cae o panno.
Das primeiras vezes, o publico acompanhava com phrenesi esse duello a tres, das sociedades; e estas, tomando a homenagem a serio, contribuiam, pelos modos, para o guarda-roupa dos numeros respectivos e mandavam gente sua, para manter o prestigio e por questão de capricho. Nos ultimos annos, porém, dir-se-hia que o numero, por de mais estafado, não interessa a ninguem. E todavia os autores continuam.

A companhia Vilches

A primeira dama da Companhia, sra. Irene Lopes Heredia.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

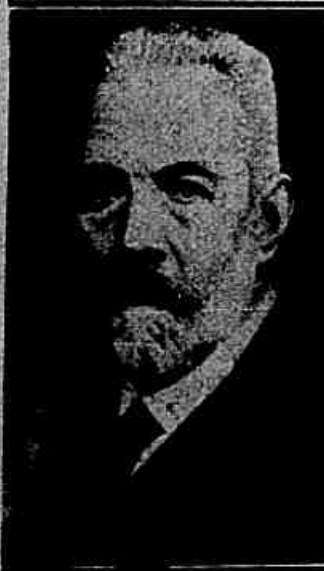
RIO DE JANEIRO, 8 DE JANEIRO DE 1921

O Corpo Diplomatico Estrangeiro na recepção presidencial de 1º de Janeiro no palacio do Cattete

A Amazonia com dois governadores!

O governador do Amazonia, dr. Cesar Rego Monteiro, a quem foi dada posse eque assumiu o governo do Estado.

O «segundo» governador, general Thaumaturgo de Azevedo, que parece não ter ainda desistido de governar.

Vultos que desapparecem da scena do mundo

Bethman Hollveg, chanceller do Imperio da Allemanha por occasião do de'lagramento da guerra européa, que falleceu no dia 1.

O cardeal Gibbons, arcebispo de Baltimore, chefe da Egreja Catholica na America do Norte e decano do Sacro Collegio, que os telegrammas annunciam estar na agonia.

Como foi recebida a transformação da REVISTA DA SEMANA

O ousado emprehendimento a que esta Empresa se abalançou, aperfeiçoando a Revista da Semana, *dotando-a com a capacidade e o programma onde cabe a missão informativa e educadora de um grande semanario illustrado, foi coroado pelo mais extraordinario exito. Razão tinhamos em confiar na cultura e na justiça do publico, ao qual submetteramos o julgamento da nossa obra. A* Revista da Semana *viu fixada a sua tiragem quasi no duplo da sua phase anterior. Este exito, que redunda no maior elogio ao publico, não se restringiu ao Rio de Janeiro. Das capitaes dos Estados chegam-nos noticias as mais animadoras, acompanhadas de pedidos que já não podemos satisfazer por se achar esgotada a tiragem, embora consideravelmente augmentado, do nosso primeiro numero. O estimulo que nos traz este acolhimento excepcional reverterá em novos e ininterruptos aperfeiçoamentos.*

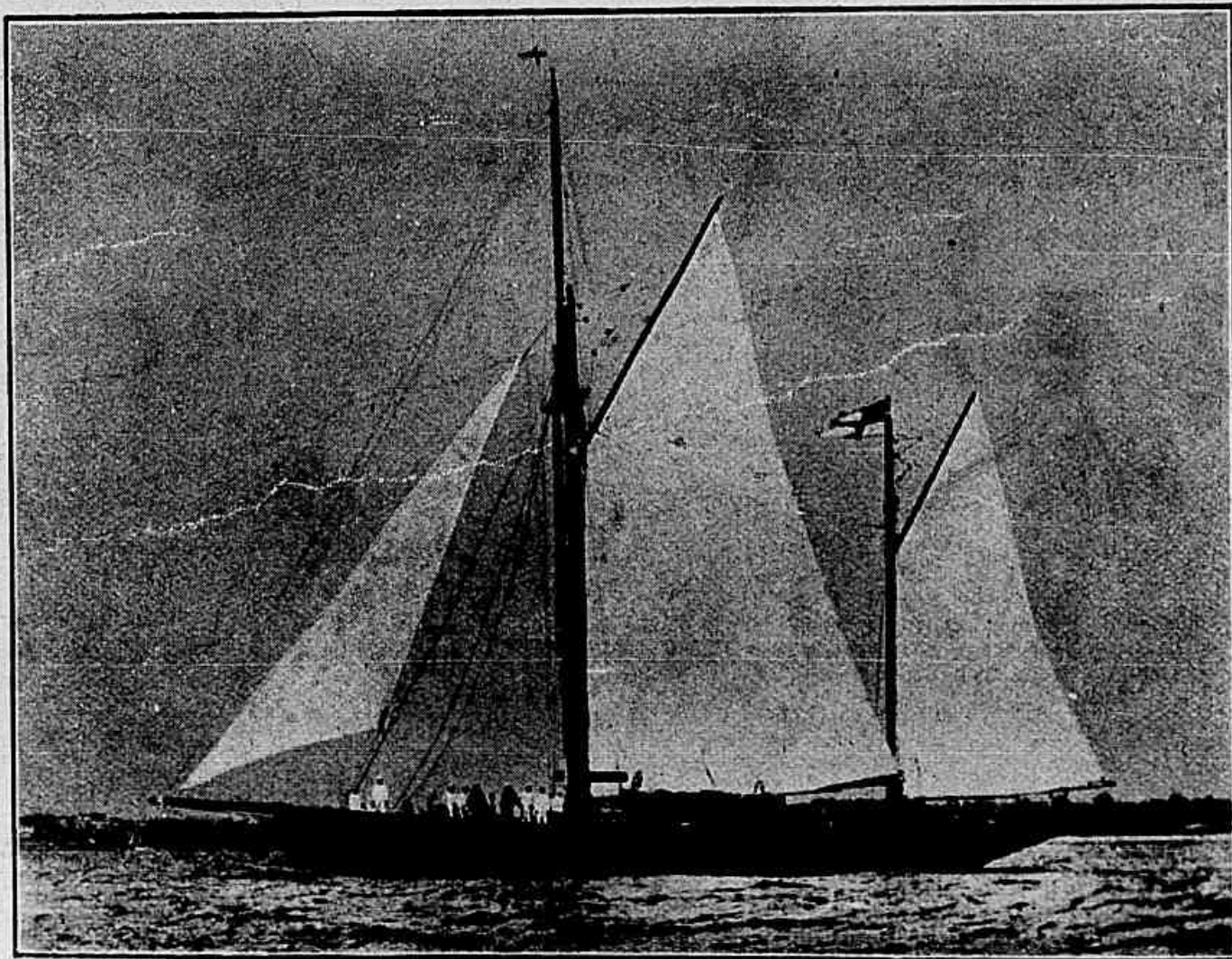
A' imprensa diaria, que recebeu com os mais penhorantes elogios a nova phase da Revista da Semana, *aqui deixamos consignados os nossos agradecimentos calorosos.*

Na vida d'esta Empresa, a primeira semana de 1921 foi de anciosa expectativa. Jogaramos uma carta audaciosa, realisando de chofre uma transformação radical na imprensa illustrada brasileira. Geralmente, essas transformações só se operam gradualmente. Assim manda a prudencia. O publico comprehendeu o que arriscavamos para bem servil-o e recompensou-nos generosamente. Aquelles que nos prophetisavam o insuccesso, allegando que o Brasil ainda não comportava uma grande Revista nos moldes dos semanarios de França, de Inglaterra e dos Estados-Unidos, enganaram-se. Desde agora, a Revista da Semana *tem a perspectiva de uma tiragem annual superior a* um milhão de exemplares *e, ao mesmo tempo que se valorisou consideravelmente para o annunciante, que vê o seu annuncio duplamente vulgarisado, dotou-se com os elementos indispensaveis ao cumprimento da sua missão, quebrando os moldes constrangentes e antiquados do hebdomadario illustrado nacional.*

S. A. o Principe D. Pedro, filho primogenito de SS. AA. a Princeza D. Izabel e o senhor Conde d'Eu, que acompanha os feretros de seus augustos avós.

Premio Manoel Feliciano

Dr. Americo Gonçalves Valerio, recem-formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, após um curso em que obteve a medalha de ouro (Premio Manoel Feliciano)

A volta ao mundo num minusculo hiate!

O hiate «Frida», tripulado por seis officiaes da Real Armada Sueca, e que disputa o premio de um armador da Suecia, offerecido ao hiate que, em menor espaço de tempo, realisar a circumnavegação do globo. Tendo partido de Karlshroma no mez de setembro, o commandante do «Frida», que entrou no Guanabara no dia 2 de janeiro, espera estar de volta á Suecia em meados de 1922.

As Metamorphoses da Mulher Elegante

Como a Parisiense, rainha da Moda, se apresentou em Longchamp no periodo de doze annos

— 1908 — — 1911 — — 1913 — — 1920 —

Olavo Bilac

PASSOU no dia 28 de Dezembro a data anniversaria da morte de Olavo Bilac. Não podia decorrer esquecida a data funebre nesta casa, situada na pequena praça que tem o seu grande nome, e onde a sua memoria é cultuada com o duplo fervor da admiração e do affecto, ambos inconsolaveis da sua perda.

Ainda não se calou o echo do rumor funereo produzido pela queda da lyra de ouro de entre as mãos enregeladas do poeta genial.

Só os embaraços inevitaveis na factura de um primeiro numero impuzeram á ultima hora a exclusão de um artigo primoroso de Benedicto Lopes na edição da *Revista da Semana* do dia 1. Dessa pequena e sentida chronica destacamos a joia desta quadra inédita do grande lyrico, deixada cahir, como penna de aguia em vôo, na pagina de um album :

Alma infeliz! Entre as estrellas erra
E vaga, em vão, a ideia vascillante...
Pobre de ti e do teu sonho errante!
O céo engana tanto como a terra...

Clarinha

O pseudonymo que assigna as *Cartas de Lisboa*, cuja publicação iniciamos neste numero, vela um dos nomes mais illustres de senhora da sociedade portugueza. D. Carlota de Serpa Pinto Moreira, casada com um distincto brasileiro, é filha do celebre explorador da Africa, e ajudante de campo dos reis D. Luiz e D. Carlos, visconde de Serpa Pinto. Afilhada de baptismo do rei D. Carlos e da rainha D. Amelia, a illustre collaboradora da *Revista da Semana* é um dos espiritos mais cultos e brilhantes dos salões lisboetas. No seu magnifico solar do Douro e na sua residencia de Lisboa, como antigamente na sua maravilhosa quinta das Cannas, em Coimbra, os artistas e os homens de letra sencontram sempre o acolhimento captivante com que D. Carlota de Serpa Pinto distingue o talento e a intelligencia. Não sendo uma escriptora profissional, os seus escriptos representam despretenciosos prolongamentos da sua conversa scintillante. Ella pertence, pela arte eximia da conversação, a uma sociedade desthronada pelo *bridge*. E porque é, de natureza, uma das expressões mais requintadas da elegancia, os seus escriptos conservam essa graça feminina, esse donaire, esse *quid* inimitavel que distinguem a prosa ou o verso escriptos por mãos de anneis.

Contra a natureza

QUEM não visitou ainda a Gruta da Imprensa, á margem da Avenida Niemeyer, desconhece um dos logares mais impressionantes de belleza e pittoresco, dos arrabaldes do Rio. O mar alli é profundo e sempre agitado. As ondas batem impetuosamente a rocha, conquistando-a a cada assalto e cobrindo-a duma vasta espuma victoriosa. E foi, sem duvida, esse continuo arremetter das aguas infatigaveis que escalavrou, carcomiu a pedra e a foi abrindo, de maneira a formar no seu seio uma vasta caverna sob um alpendre rendilhado, e onde se concentra um cheiro intenso e humido de maresia, halito represo da immensa vida oceanica...

Olhos que se demorem na contemplação de tal scenario forçosamente acabarão vendo alli um refugio dilecto de sereias e tritões, quando a agua deixe de ser propicia á fantasia dos seus folguedos ou o simples desejo — igual ao dos simples humanos — de variar irresistivelmente os conduza para terra. Aquelle enorme tecto negro é digno de abrigar uma festa de deuses. Adivinha-se alli um ambiente sagrado. E essa impressão de maravilha, em que entra alguma coisa de mystico, de puramente religioso, não vem senão da rudeza primitiva do logar, da sua grandiosidade selvagem, da sua physionomia barbara, sublimemente natural!

Pois bem: desde que os nossos olhos encantados, seductoramente atrahidos, se aproximem, que é que vêem? Na rocha augusta, no seu divino flanco alguem, com ferro criminoso, abriu um rectangulo em fórma de cartão de visita e nelle traçou, como numa taboleta de botequim suburbano, as palavras Gruta da Imprensa. Depois, não contente com isso e para mais accentuar o aspecto de cartão de visita, fez como qualquer commis-voyageur da velha guarda incorrigivel: dobrou-lhe a pontinha. E, ao que parece, o autor de tal attentado... está ainda impune!

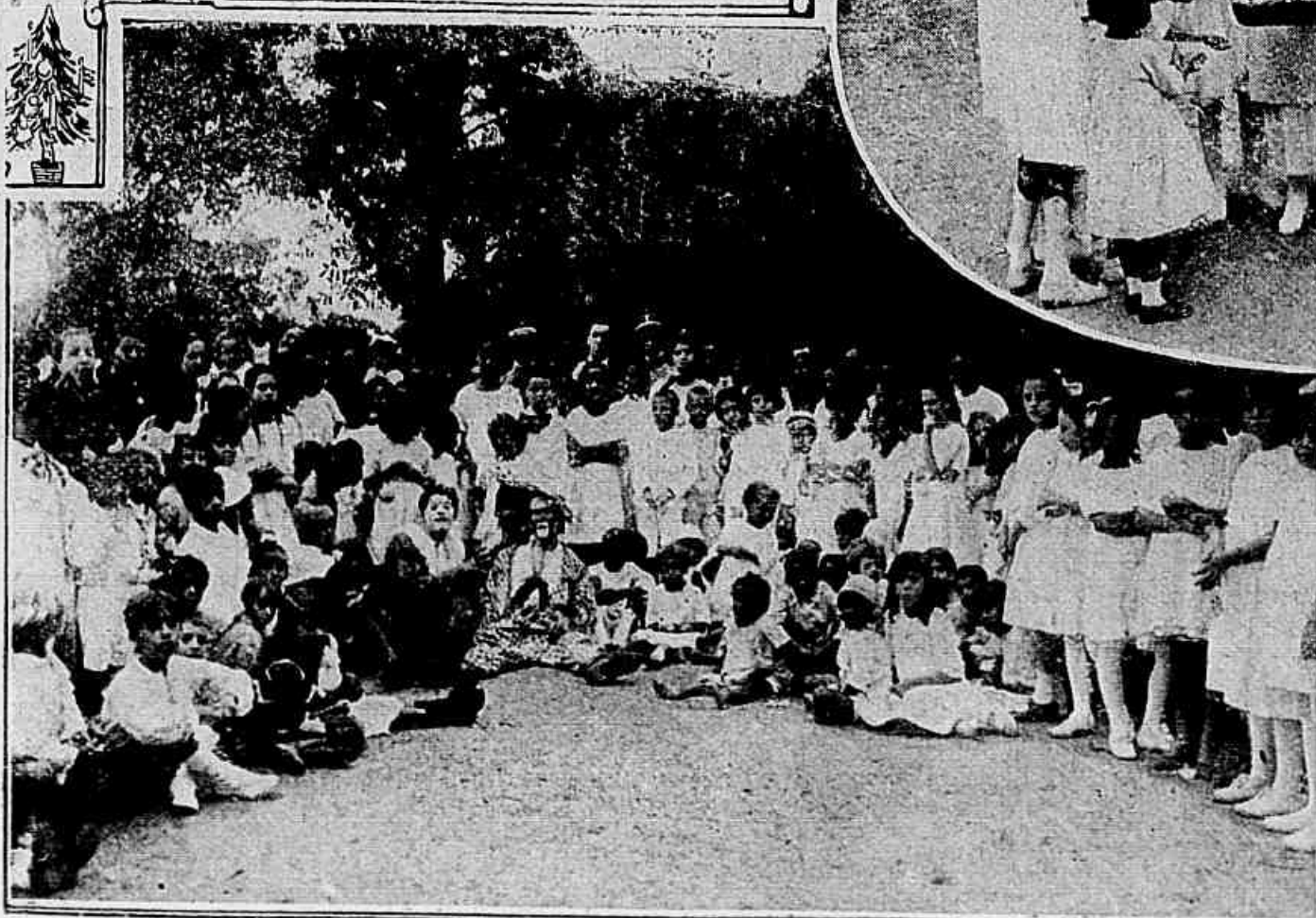
Um esculptor de 11 annos

COMMUNICA-NOS o sr. Felix Amelio, de Pouso Alegre, revelação de um estatuario de 11 annos, filho do distincto belletrista sr. Joaquim Queiroz, que actualmente dirige o *Grupo Escolar Padre José Paulino*.

O menino prodigio, que se chama João José, modela em barro, sem nenhuma preparação escolar. Este esculptor infantil, imagem surprehendente da precocidade da nossa raça, nunca teve um mestre de esculptura ; obedece a uma vocação innata e é esculptor como Mozart foi musico desde a infancia, por um dom natural subconsciente. A pequena figura que elle modelou em barro, ninguem saberia fazel-a entre os habitantes da pequena cidade mineira de Pouso Alegre. Na sua terra natal, o jovem João José Queiroz é, desde agora, uma celebridade. Façamos votos por que elle seja, na edade propria, não só um grande artista em Pouso Alegre, mas um grande esculptor no Brasil.

O jovem esculptor João José de Queiroz, de Pouso Alegre (*Minas Geraes*) e a sua primeira maquette em barro.

A Senhora José Ortigão offerece uma festa de Natal ás creanças pobres

O intrepido aviador argentino Eduardo Hearne que voou de Buenos Aires a Sorocaba.

A ultima estrophe

A' hora em que apparecerem estas linhas deve ter acabado completamente a aventura dannunziana. Todas as fontes de informação deixam deprehender, sem equivoco possivel, que o poeta e os seus legionarios se retirarão de Fiume tranquillamente, resignadamente — apenas resmungando um pouco contra a Italia que não apoiou, não officializou tal emprehendimento. Resmungando, dizemos, porque mesmo o tom em que o poeta invectivava a Patria tem, nos ultimos dias, diminuido consideravelmente de vigor e de nobreza. As suas palavras, que ainda ha pouco mais de uma semana eram de bom e classico anathema, gradualmente desceram e se amesquinharam até a descompostura. O cantor altissimo xinga a Italia, patria ingrata. Scipião dos Abruzzos, não lhe recusa os ossos, mas chama-lhe nomes feios. E este desfecho prova bem tristemente como são vagos e vãos os sonhos dos poetas que se mettem a querer praticamente alterar a ordem das coisas...

Esta derradeira estrophe da epopeia de Fiume é grotescamente desastrada. Não pela inutilidade do esforço de D'Annunzio, no primeiro momento tão sympathico e sensacional, mas pelo orgulho com que elle o apresentou aos olhos do mundo e os repetidos compromissos que tomou, de o manter formoso e grandioso até final. D'Annunzio, soldado e conquistador de provincias, voltava aos tempos de esplendor em que, romancista, dramaturgo e poeta em pleno prestigio, atravessava a Italia entre constantes aclamações. Os feitos militares restituiam-lhe a velha admiração conquistada pelo genio literario. Essa admiração, na sua feição geral, popular, passara; durante uma longa phase critica, D'Annunzio fôra pelos seus compatriotas apupado, corrido — e já então elle amaldiçoara a Italia, resolvendo emigrar para a França e passar a escrever unicamente em francez... Foi a guerra que o reconciliou com a Italia e gradualmente o reintegrou no culto dos italianos. D'Annunzio soldado, D'Annunzio aviador, D'Annunzio ferido e cego por uma bomba... A sua figura e o seu prestigio de dia para dia mais avultavam e resplandeciam! A victoria dos Alliados immortalizou-o, a tomada de Fiume divinizou-o. Nunca mais — acreditava-se geralmente — elle desceria de taes culminancias. O poeta mesmo, ha bem pouco, annunciava o proposito inabalavel de vencer ou morrer em belleza... Em ultimo caso, escreveu elle, com aquella mão que segurava a sua penna — a mão que traçara as maravilhas de colorido, plastica e sonoridade da Città morta e da Gioconda — premeria o botão electrico duma explosão immensa, arrasadora, por entre cuja poesia e fumo a sua pessoa desappareceria dentre os vivos... Era tragico mas, como tudo o que é realmente tragico, grandioso. A aventura terminaria num lance pathetico, de pura sublimidade... Em vez disso, porém, acaba por uma retirada, a cuja pacatez e passividade alguns apodos aos dirigentes da Italia não dão senão uma nota de pitoresco e de ridiculo...

Tal a derradeira estrophe do poema dannunziano de Fiume. E assim passa a gloria do mundo...

A senhora Nadia de Barros e a senhorinha Eudéa de Barros dão ás creanças pobres um alegre Anno Novo

Nos jardins do palacete de Voluntarios da Patria, a illustre familia Eugenio de Barros reuniu, como de costume, as creanças pobres da freguesia da Lagôa em distribuição de brinquedos, roupas e bonbons. No grupo vêem-se, alem das pessoas da familia Eugenio de Barros, monsenhor Rocco, secretario da Nunciatura, a senhora Diniz Junior, senhorinha Zuzu Guaraná, professor Antonio Maria Teixeira.

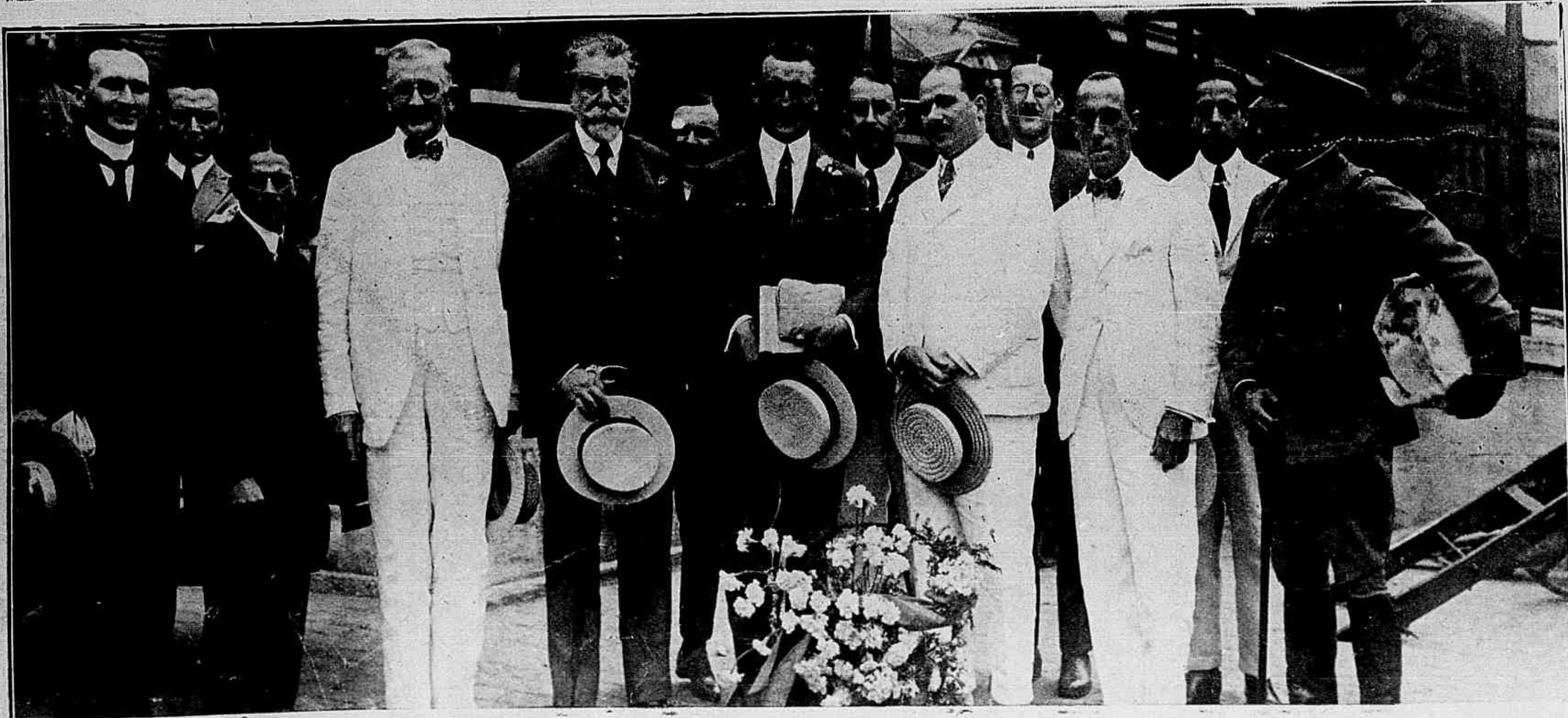
O telegramma da victoria

Como um documento para a historia da aviação nacional, archivamos o texto do telegramma da Agencia Americana, que annunciou á população do Rio, meia hora depois da aterragem de Edú Chaves no aerodromo de Palomar, o desfecho triumphal da façanha aeronautica do illustre aviador paulista:

«Buenos Aires, 29 (A. A.) Urgente — O grande piloto brasileiro Edú Chaves fez, com toda a felicidade, a sua aterrissagem, á 1 hora e 2 minutos, no Campo de Aviação de Palomar.

A colonia brasileira recebeu com enthusiasmo indescriptivel o notavel piloto, acclamando-o prolongadamente.

Edú foi recebido em verdadeiro delirio».

O aviador argentino E. Hearne por occasião de sua chegada ao Rio no dia 29 de dezembro. A' esquerda o dr. Amilcar Marchesini, presidente do Aero-Club Brasileiro, o commandante Virginius De Lamare e o tenente Salinas, director technico do raid Buenos Aires-Rio. A' direita o sr. Consul da Argentina e sr. Henrique Haslocher.

O Instituto La Fayette e a educação da Mulher

POR muito que digamos não poderemos dizer tudo a respeito da bella organização que vem de fazer o Instituto La-Fayette, com a creação do seu departamento feminino. Pode-se affirmar, comtudo, que o conhecido educandario vem preencher uma lacuna, dotando o Brasil de um internato, externato e semi-internato que resolverá plenamente o problema da educação da mulher.

Bastará, para se ter a confirmação d'isso, ler a introducção que apresenta essa feliz iniciativa e que transcrevemos:

1 — Fachada do palacete do departamento feminino, á rua Conde de Bomfim 186. 2 — Aspecto do aprazivel recreio das maiores, vendo-se o campo de «tennis» e o rinque. 3 — Alumnas do Jardim da Infancia no bailado das borboletas, por occasião do encerramento das aulas na séde do Instituto. 4 — Grupo de alumnas em exercicios de gymnastica sueca, tão preconizados pela hygiene.

Na evolução humana, ao passo que crescem naturalmente as obras uteis á communidade, tende a desapparecer a instituição que não mostre o que encerra de util e duradouro.

O notavel progresso alcançado pelo Instituto La-Fayette em menos de cinco annos de existencia, constituindo um desses casos que raramente se reproduzem, demonstra que elle está fadado a cumprir uma alta missão educativa.

Sendo já evidentes os reaes serviços que presta á educação da mocidade masculina, apresentando uma matricula de 71 alumnos em 1916, de 252 em 1917, de 407 em 1918, de 570 em 1919 e de 960 em 1920, o que o torna o estabelecimento de ensino de maior frequencia do nosso paiz, é chamado agora pelos proprios chefes de familia para se empenhar de modo especial na educação da mulher, tal o avultado numero de pedidos de matricula para internato feminino, ultimamente dirigidos á sua Directoria.

Dahi a creação do nosso novo departamento, sob a direcção technica e administrativa da sra. La-Fayette Cortes, cuja pratica de magisterio e cujas qualidades de educadora, ao par de um programma pedagogico verdadeiramente scientifico e de todo um conjuncto de alegria, conforto, hygiene e gosto esthetico, que presidiu á organização desse moderno educandario, garantem um ambiente altamente propicio á formação da alma feminina.

Sabido que o feminismo não resolve o problema social e antes o deturpa e o arrasta para um terreno perigoso, é evidente que temos de educar a mulher sob a ascendencia do sentimento, dando-lhe os elementos praticos e scientificos para manter a sua subsistencia e resistir aos duros embates da vida, em face do egoismo masculino e da desorganização ephemera da phase actual da sociedade.

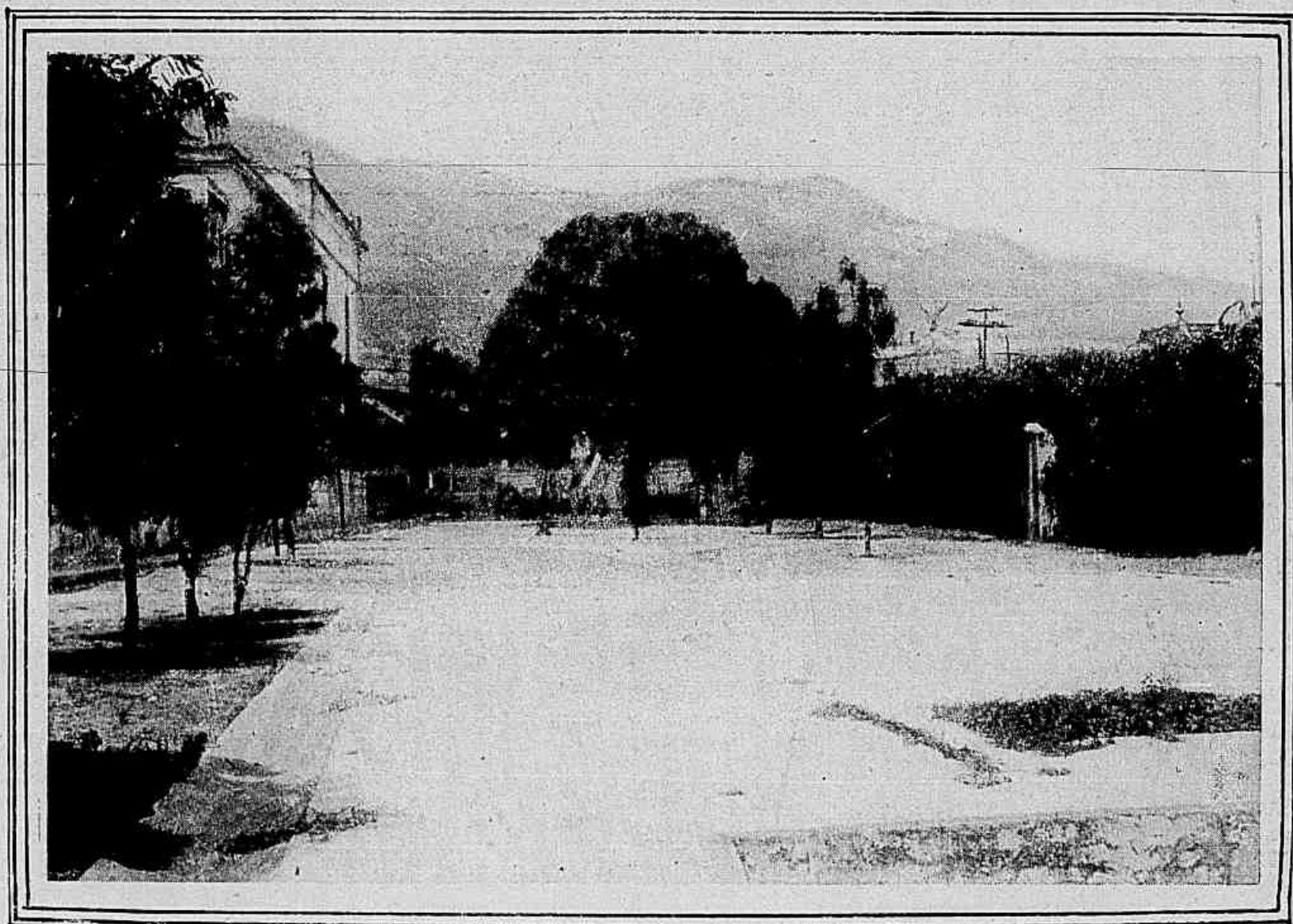
Maior do que qualquer outra, por certo, resulta a grave responsabilidade da educação presente da mulher, para que lhe seja possivel conservar e apurar a sua delicadeza de sentimento e desempenhar a sua missão elevada de mãe, de esposa e de irmã no seio da familia, preparando-se ao mesmo tempo para os cargos que, fóra do lar, dentro da actividade commercial e industrial, poderá exercer em circumstancias difficeis, mas seguramente com mais proficiencia, mediante uma orientação pratica e uma cultura scientifica assimilada em complexidade crescente.

Educar a mulher não é encher-lhe o cerebro de uma erudição eivada de erros, que conduz ás mais funestas consequencias, dando desenvolvimento á vaidade e ao pedantismo que deformam a alma e prejudicam o caracter. Educar a mulher é illustrar-lhe o cerebro á luz da sciencia positiva, engrandecendo-lhe, elevando-lhe, aperfeiçoando-lhe o coração, para que ella conserve sempre o amor ao lar, quaesquer que sejam as circumstancias que a rodeiem.

Da grande sciencia, da sciencia verdadeira é que temos de tirar os largos ensinamentos para combater a vaidade, a pedanteria e a futilidade, tão intoleraveis na alma feminina; e se a mulher é superior ao homem em sentimento, se para que ella conserve essa superioridade deve ser dotada da modestia, da candura e da simplicidade dos grandes typos humanos, porque não havemos de educal-a integralmente, fortalecendo-a pelos exercicios physicos adequados á delicadeza do seu sexo, abrindo-lhe o cerebro á grandeza da sciencia e o coração aos thesouros da cultura do sentimento, formando-lhe a alma ao influxo de uma educação que seja o conjuncto do incomparavel patrimonio moral da humanidade?

Para o bom desempenho dos seus attributos de mãe, não poderá a mulher prescindir de um preparo scientificamente orientado.

Que o Instituto La-Fayette está apparelhado para cumprir esse alto programma, prova o exame attento da sua organização pedagogica, da competencia e da idoneidade do seu corpo docente, da coherencia dos seus principios e da firmeza da sua acção.

LA-FAYETTE CORTES, director.

O MOMENTO INTERNACIONAL

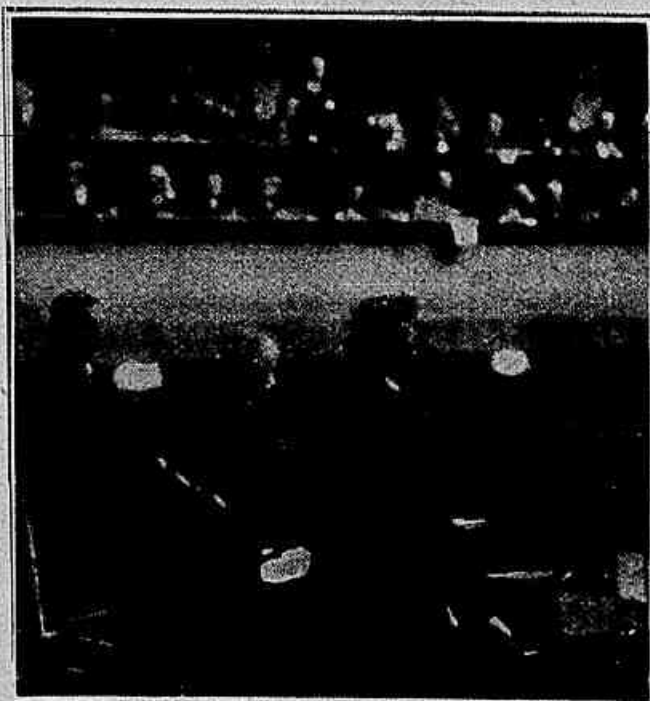
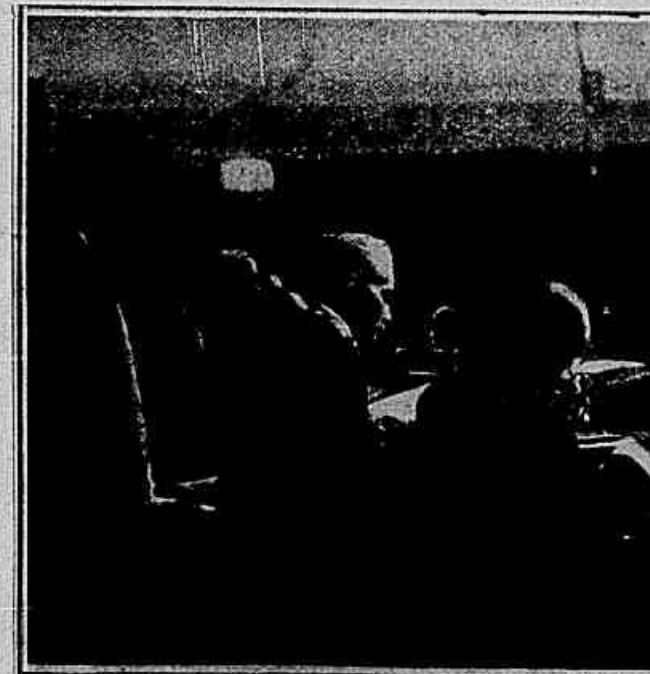
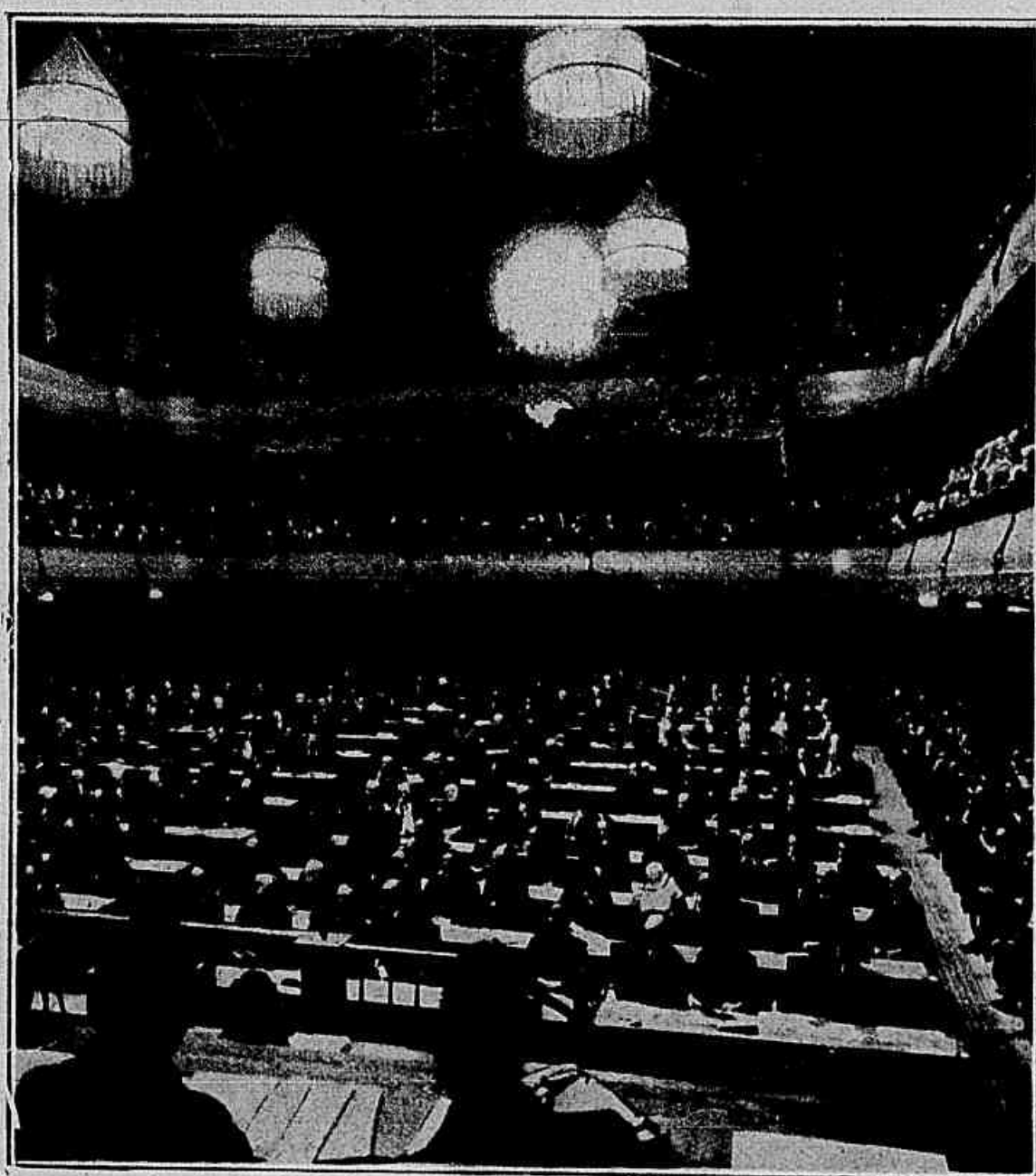
D'Annunzio desappareceu da scena politica. A Italia, soffrega de paz, padecendo as consequencias terriveis da guerra, respira de allivio. O poeta de La Nave foi um máo psychologo, ao transportar, para o governo de Fiume, como para um palco scenico, a technica da *t r a g e d i a*. O governador do Quarnero foi, intransigentemente, um poeta até que as conveniencias realisticas do Estado desfizeram a sua ficção épica, replicando ao seu poetico delirio com as rudes intimações de um soldado. O desenlace do drama, por maiores esforços que o poeta tenha feito para lhe imprimir a majestade classica e tragica da morte, foi prosaico. D'Annunzio proclamara querer morrer pela Italia. A sua imaginação exaltada engendrara um desfecho grandioso para a sua aventura. Fiume preferia morrer do que viver despegada do tronco italiano. O tratado de Rapallo, que reconhecia a autonomia de Fiume, internacionalisando o seu porto e delimitando as suas pequenas fronteiras, representou para o poeta o repudio dos seus sacrificios. A mãe Italia engeitara Fiume que D'Annunzio lhe defendera, preservando-a da gula yugo-slava. D'Annunzio rebella-se, então, contra a Patria ingrata, recusa-se a obedecer á lei do Tratado, declara que defenderá o seu Estado com as armas na mão. Ninguem podia prever ao drama politico de Fiume um tão pathetico desfecho: D'Annunzio em guerra contra a Italia! Ninguem, porém, poderá accusar o poeta de haver desenrolado sem logica o seu drama. Sómente, foi uma logica theatral e não politica. Na hora suprema, o dialogo grandiloquo, concebido pelo poeta, e que exigia um parceiro da mesma estatura, travou-se com um soldado prosaico, terminante, resolvido a acabar depressa com a representação do drama dannunziano. O general Caviglia não é um poeta. Desilludido e enfastiado, reconhecendo que o heroismo de Fiume ficara abalado com o fragôr do bombardeamento, o regente de Quarnero abdicou, isolando-se altivamente dos seus compatriotas, dos seus legionarios e dos seus subditos, preferindo o isolamento a pactuar com o adversario, embora italiano. Fiume capitulou. Elle ficou rebelde e obstinado, poeta até o ultimo momento.

A mallograda aventura do grande artista acabou de convencer os politicos da incapacidade dirigente dos homens de imaginação. A arte e a belleza não podem governar o mundo. Viu-se que a belleza tambem é louca e sanguinaria porque é orgulhosa — e o orgulho foi sempre a fonte funesta onde os tyrannos beberam a inspiração das suas tyrannias. Em vão D'Annunzio quiz resuscitar na Italia a alma romana. Os acontecimentos revelaram que elle tinha, porém, mais de Marco Aurelio que de Julio Cesar. Ou é a Italia que prefere o pão e o circo aos louros da guerra...

A politica alliada continua dirigida contra a Russia bolshevista e a Allemanha derrotada. A França, que é a leader da corrente mais impetuosa de reacção, não

Pelo Mundo fóra

O sequito de uma elegante de Londres! Instantaneo tirado em Hyde Park de uma moça millionaria com seus dez cães de luxo, de um valor de cincoenta contos!

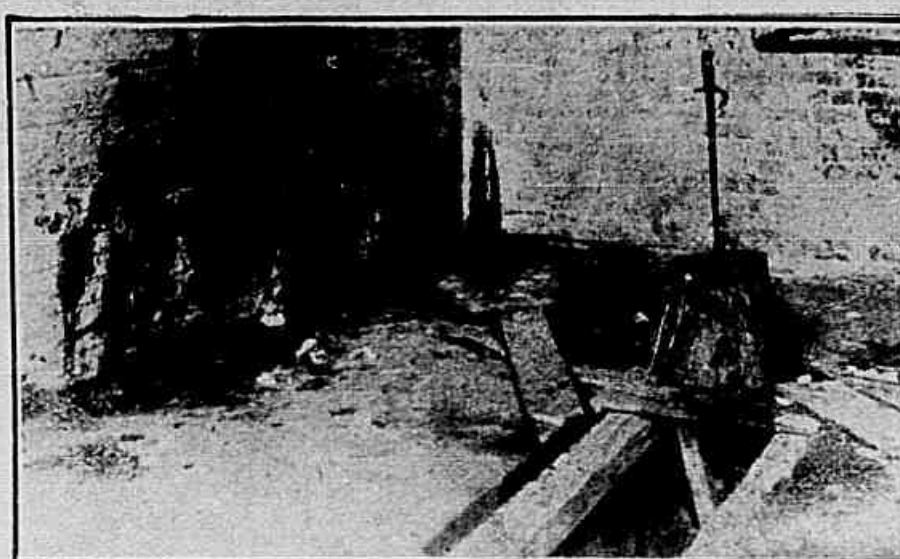
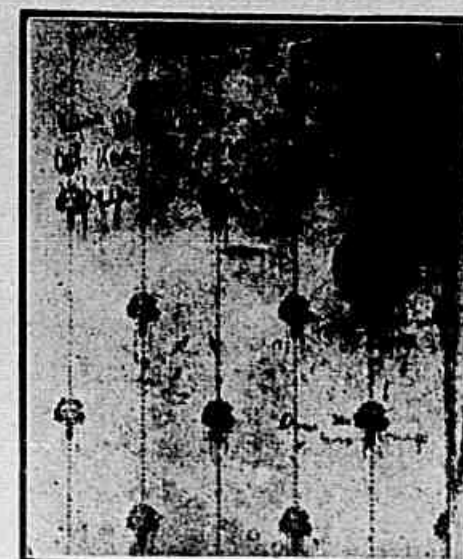
A assembléa da Liga das Nações, reunida em Genebra

O presidente da Confederação Helvetica sauda a assembléa da Liga na sua sessão inaugural.

O presidente da Liga, o estadista belga Hymans.

A sala da Assembléa historica da Liga das Nações, reunida em sessão. Photographia tirada da tribuna presidencial.

Continuação do "Momento Internacional".

perdeu ainda a esperança de jugular o maximalismo. Até hoje, a grande Republica tem conseguido, pelo menos apparentemente, resistir mais do que a Italia e a propria Inglaterra á propaganda dissolvente do communismo slavo. O camponez de França é um pequeno capitalista. Um revolução onde não ha nada a ganhar não poderá contar com a sua corporação.

Mas com o operariado não se dá o mesmo. O Congresso Socialista de Tours provou que a corrente anti-reaccionaria, antimilitarista e francamente internacionalista é cada dia mais forte. O ministro do Interior, de França, Stegg, declarou na Camara que o governo, para impedir que os estrangeiros vão a França pregar a guerra civil, estava decidido a apresentar ao corpo Legislativo um projecto de lei estabelecendo a pena de 6 mezes a 3 annos de prisão para todas as pessoas que atravessassem a fronteira franceza sem passaporte. O mesmo ministro revelou á Camara que, só em 1920, tinham sido expulsos de França 11.000 estrangeiros. Tudo isto significa que a França, victoriosa, precisa de revogar, 2 annos depois da victoria, as seculares conquistas da sua gloria — a Revolução, para se defender do perigo... inevitavel. As bases da civilisação contemporanea são inconfundivelmente economicas. A machina é a dona do mundo — e a machina só obedece ao operario. Viu-se no Congresso de Tours, onde compareceu a leader feminina bolshevista, Clara Zelkein, grande parte da assembléa approvar a adhesão do communismo francez á Terceira Internacional de Moscou.

Quanto aos elementos menos radicaes, depois da fusão dos reconstructores com os filiados da resistencia socialista, publicaram uma proclamação affirmando a necessidade de evitar a todo transe novas guerras. A proclamação annuncia que o partido comparecerá ao congresso de Vienna, e assim o proletariado francez vae concorrer para o advento da era nova.

O HORROR BOLSHEVISTA

A sala de torturas no carcere de Ekaterinoslav, como a encontrou o general Wrangel. As victimas eram submettidas a inenarraveis supplicios antes de exterminados. Os cadaveres eram lançados á vala aberta no meio do aposento. Para estas tarefas sinistras, os soviets empregam carrascos chinezes.

Inscripção encontrada num dos sinistros carceres bolshevistas, antecamaras da morte. A victima, uma mulher, escreveu na parede: "Como custa a morrer!".

N.º 1—Vestido em linho verde, bordado com pontos passados em linha azul marinha.

N.º 2 — Vestido em *crépon* cinzento guarnecido com botões e bordado com sedas de diversos tons.

N.º 3 — Bluza em setim encerado terminada por uma faixa ao lado .Fica bem sobre uma saia plissada.

Notas sobre a Moda

AS MANGAS

São as mangas que dão a nota na moda actual: parece que foi com ellas que a imaginação dos costureiros se mostrou mais inventiva. E' a Idade Media naturalmente que domina. Tal casa faz longas mitaines descendo sobre a mão, com pequenos balões cortados em forma e pregados muito abaixo do lugar normal das cavas, ou então mangas muito largas, apertadas nos punhos, egualmente em forma.

Uma outra mostra mangas alargadas nos cotovelos, depois apertadas em baixo, mas apezar de toda esta largura adivinha-se sempre a linha do braço, como a do corpo nas suas proporções naturaes; e é uma das coisas mais caracteristicas da moda actual.

Tal outra faz unicamente compridas mangas de abadessa flexiveis e amplas: estas mangas são usadas tanto nos manteaux como nos vestidos.

Vê-se tambem muitas mangas feitas em dois tecidos e de dois tons differentes: ás vezes, é uma manga curta prolongada por uma comprida mitaine franzida ou então uma manga larga com um alto enfeite união ou bordado, de uma outra côr. Naturalmente a predilecção pelas modas da Idade Media faz reviver os crevés, os soufflets, as mangas fendidas e mil outras fantasias.

Alguns vestidos da noite mostram mesmo mangas largas em tecidos transparentes, filó bordado ou renda.

Conselhos sociaes

A COSTURA

E' indispensavel que toda a mulher saiba coser, seja para si, seja para dirigir o trabalho dos outros.

O manejamento da agulha está tão intimamente ligado á existencia feminina que pareceria extraordinario vêr-se uma mulher incapaz de pregar convenientemente um botão ou coser uma bainha desmanchada. Entretanto, ainda ha pouco tempo, as mulheres n'uma situação social elevada se acreditariam deshonradas se pudesse suppor-se que ellas sabiam servir-se d'uma agulha.

Hoje não se tem mais este preconceito; não sómente inscrevem-se os trabalhos de costura nos exames impostos ás moças, mas todas as creanças nas familias recebem sob este ponto de vista uma instrucção pratica bem completa. Este ensino deve comprehender a arte de coser, remendar, cerzir, talhar e bordar.

Moda Infantil

N.º 1 — Vestido de linho azul guarnecido com tiras enviezadas de linho verde vivo, botões cobertos com o linho verde.
N.º 2 — Vestidinho ou avental em linho vermelho ou azul de aço.

Nossa alimentação

Como devem ser trinchadas as aves, peixes e outras comidas

Os frangos, os faisões, os perús, os patos, e ganços, trincham-se de egual maneira.

Começa-se pela coxa, cravando o garfo no grosso d'esta; separa-se depois a mesma do corpo, com a faca, atravessando-a, afim de desarticular a junta. Cravando o garfo na ponta da aza procura-se com a faca a articulação, cortam-se os tendões e puxa-se: a aza e a polpa desligam-se facilmente. Começa-se então a trinchar do outro lado, depois despoja-se a ossatura das lascas brancas. A aza e o peito são os bocados escolhidos.

Os pombos, perdizes, gallinholas, abrem-se ao comprido, depois separa-se cada metade em duas partes.

O filete de vacca corta-se ao travez e em pequenas fatias, sendo as do meio preferidas ás das extremidades.

O lombo de vacca corta-se levantando o filete, que se separa em fatias pequenas, e transversalmente, ou seja no sentido opposto á fibra e aos fios da carne.

O gigot deve ser trinchado (á ingleza) no sentido do osso ou (á franceza) horizontalmente. As fatias devem ser miudas. O gigot de cabrito serve-se da mesma forma.

Os peixes abrem-se ao meio, a todo o comprimento da espinha, dividindo-se em seguida em bocados. O lado das costas é preferivel ao do ventre.

MENU

SOPA DE CRÊME DE ALFACE
LINGUADOS Á HOLLANDEZA
BATATAS COZIDAS
FILET ASSADO
ESPINAFRES
CRÊME DE CHOCOLATE

SOPA DE CREME DE ALFACE

Põe-se n'uma panella 100 grammas de manteiga e tres colheres de farinha de trigo ou maizena; junta-se depois um litro de caldo de gallinha, de preferencia; deixa-se ferver. Refoga-se em agua fervendo dois pés de alface e depois poem-se para cozinhar em leite; depois de uma hora de fervura, côa-se o leite. Em seguida engrossa-se o caldo com o leite e gemmas, correspondendo uma colher de leite e uma gemma por pessôa. Serve-se com torradas.

LINGUADOS A' HOLLANDEZA

Toma-se alguns linguados já preparados e lavados, e cortam-se ao meio ou em pontas: põem-se depois numa fregideira de forno, temperando-os com manteiga ou azeite, salsa picada, sumo de limão e sal sufficiente: tapam-se em seguida com um papel untado com manteiga e mettem-se em forno brando: quando estiverem cozidos, mas não córados, tiram-se e escorre-se-lhes o môlho todo para uma caçarola, juntando-lhe uma bôa colher de agua de peixe (ou agua simples se não houver peixe, uma cebola cortada em rodellas, umas fatias de cenouras, uns pés de salsa, uns grãos de pimenta, meia folha de louro e meio quartilho de vinagre fervido e reduzido a metade. Leva-se tudo isto ao fogo, fervendo por espaço de 15 minutos: depois tira-se do fogo e passa-se por um coador fino; tomam-se em seguida seis ou oito gemmas de ovos, batem-se com uma colher de páu, e a pouco e pouco vae-se-lhe juntando o môlho que fizemos, mexendo sempre com a colher. Estando bem ligado, leva-se ao fogo, juntando-lhe um bocado de manteiga e mexendo sempre com a colher: logo que engrosse, tira-se antes de ferver, põe-se por cima do linguado e serve-se.

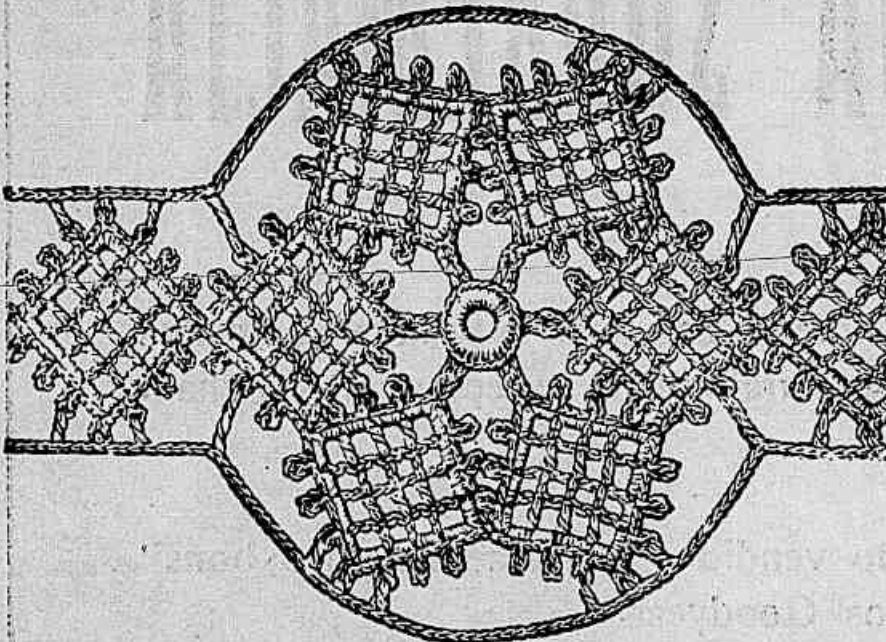
PUDIM DE CHOCOLATE

2 copos de leite
2 colheres de chocolate em pó ou ralado
2 colheres de maizena
2 gemmas
1 clara
5 colheres de assucar
1 fava de baunilha

Põe-se para ferver o leite com a baunilha; depois do leite morno mistura-se tudo e vae ao fogo em uma panella; quando ficar em ponto de mingáu, põe-se uma clara batida, fóra do fogo, mistura-se bem e despeja-se na fórma de gommos. Faz-se á parte um crême com um copo de leite, uma colher de maizena, duas gemmas e baunilha, adoça-se á vontade e vae ao fogo para engrossar. Depois de prompto e frio, despeja-se em volta do pudim de chocolate, depois que sahir da fórma e se arrumar no prato.

O homem é mais fiel ao segredo de outrem do que ao seu proprio: a mulher, ao contrario, guarda melhor o seu segredo do que o alheio.

LA BRUYÈRE.

Entremeio de crochet

Este estremeio, de muito facil execução, é de um effeito original. Fica muito bem em toalhas de mesa e stores.

A renda e o bordado

Assistimos a uma volta muito accentuada para a renda. Vê-se ainda poucas rendas verdadeiras, salvo algumas chantilly. Usam-se sobretudo as rendas de seda, genero blonde espagnole e as guipures, grossas, genero veneza, mas na maior parte das vezes tintas da mesma côr que o tecido. Vê-se rendas ferrugem, verde ou azul, tratadas como fazendas, nas quaes se mette a tesoura como em qualquer outro tecido.

O bordado continúa com o primeiro logar nas guarnições. Os bordados de contas são sempre os mais sumptuosos. Em aço ou em tons um pouco attenuados, vê-se mesmo sobre lãs. Em madreperola, em crystal e sobretudo em coral, encontra-se sobre os vestidos de noite. O coral rosa ou vermelho parece ser a novidade mais caracteristica: só o vidrilho lhe faz concorrencia. Este emprega-se não sómente em bordados, como em muito longos rosarios ou immensos colares que são enrolados na cintura, fixados seja no hombro seja no pulso, fazendo um barulho muito particular em cada movimento.

Toucas e bolsas

Essas duas toucas têm a vantagem de poderem servir de bolsa. São de estylo hollandez; a primeira é feita com entremeios de *filet* e fitas côr de laranja *liserées* de preto franzidas sobre seda côr de laranja; bouquets de fructas amarellas e pretas e grandes cordões de ouro.

A segunda é em *crêpe de Chine* ou em *voile* branco bordado de seda amarella e terminada por um babado de fita branca *liserée* de amarello, cordão de *crochet* em seda amarella.

Consultorio da Mulher

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do Dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas que lhe sejam dirigidas sobre os tratamentos da pelle e do cabello e hygiene da mulher. — Dirigir correspondencia para a rua Paysandú, 111. Rio de Janeiro.

MARIA JOSÉ VIEIRA — *Os effeitos duradouros são o premio da persistencia. Aconselho-a a usar a* Loção de Embellezar a Pelle *como fixativo do* Pó de Arroz, *applicando-a tambem ao deitar-se, e continue a fazer a massagem do rosto, pela manhã, com o* Crême de Massagem.

MME. MIRIAN — *Deve usar a* Loção Adstringente, *tanto para fixativo do* Pó de Arroz *como para a applicação do* Poziomka. *Este rouge pode graduar-se á vontade, a ponto de substituir a côr natural da pelle. Para isso passe primeiro no rosto um pouco de algodão com duas gottas de* Poziomka. *Em seguida com outro algodão molhado na* Loção Adstringente *espalhe o rouge, fixando o tom que lhe fique bem. Applique então o* Pó de Arroz Hygienico. *Para fortalecer o busto banhos com leite quente e massagens circulares com* Creme de Massagem. *Para o cabello, lavagem semanal da cabeça com* Shampoo Powder *e fricção diaria com o* Tonico n.º 9.

LUCAS — *Porque não existe á venda e em uso nos barbeiros o meu* Tonico n.º 9 ? *Naturalmente porque o não pedem os clientes. O meu* Tonico *é quasi só conhecido pelas senhoras. O sr. é uma excepção. Creio que se avisar o seu barbeiro do seu desejo em usal'o, elle o mandará comprar aos meus depositarios ou na casa* Ramos, Sobrinho & C., *ambos na rua da Quitanda.*

AGRADECIDA — *A applicação da minha* Tintura *deve ser feita do seguinte modo: Na vespera lave a cabeça com* Shampoo-Powder. *Vinte minutos antes da applicação humedeça as raizes do cabello com um pouco de algodão ou uma pequena esponja molhada em* Agua Oxygenada Evans, *misturando-lhe umas gottas de Amonia. (Bem entendido, só deve humedecer com a* Agua Oxygenada *a parte embranquecida do cabello). Applique então a* Tintura *misturando-a em partes eguaes com* Agua Oxygenada Evans. *Algumas horas depois pode lavar a cabeça. Geralmente a ruga é rebelde, mas acaba por ceder a um tratamento perseverante e a uma boa hygiene da pelle.*

MADAME DE MAINTENON — *Reconheço que a epilação pela pedra pomes muitas vezes irrita a pelle. Precisa de ser executada com muita paciencia e a pelle bem untada de* Crême de Massagem. *Não devo nem posso, porem, recommendar-lhe outro processo. Não faltam depilatorios á venda, mas nenhum é efficaz. O cabello renasce mais abundante e forte. Só a electrolyse é tratamento radical, mas a sua applicação só é viavel no rosto. O crescimento de sua filha, aos 20 annos, é já um problema difficil. O esqueleto está formado. Experimente a gymnastica sueca e o uso interno de phosphatos.*

MARIETTA TERENCE — *A caspa desapparece com as lavagens semanaes da cabeça com* Shampoo-Powder *e a applicação diaria do* Tonico n.º 9. *Para os cravos e panos a* Loção dos Cravos. *O modo de applicar encontra na* pag. 9 *do prospecto que acompanha cada frasco da* Loção.

VIOLETA CORREIA — *No prospecto de meus preparados encontra as instrucções para o tratamento hygienico da pelle. Pode obtel-o gratis na* Casa das Fazendas Pretas.

MARIANNA DE B. E. — *Lave a cabeça de 8 em 8 dias com* Shampoo-Powder, *applicando na lavagem todo o conteudo da caixa. Passe diariamente os seus cabellos com a escova ligeiramente humedecida com o* Tonico n.º 10.

OSCAR — *O meu* Tonico n.º 10 *torna o cabello sedoso e brilhante. Substitue as brilhantinas, hoje condemnadas como nocivas á saude do cabello.*

MORENA SECRETA — *Mande-me seu endereço para lhe enviar um prospecto com as instrucções para o tratamento da pelle.*

SELDA POTOCKA

Os celebres preparados de Mme. Selda Potocka acham-se á venda, no Rio, nas melhores perfumarias e nos grandes estabelecimentos : RAMOS SOBRINHO &C. *(Rua da Quitanda)*, PERFUMARIA SILVA *(Rua do Theatro)*. CASA DAS FAZENDAS PRETAS, CASA BAZIN, PHARMACIA ORLANDO RANGEL, PERFUMARIA AVENIDA *(Avenida, esq. Assembléa)* PHARMACIA GRANADO *(Rua Primeiro de Março, 14)*. — A' BRASILEIRA, *(Largo de S. Francisco)*. — 1.º BARATEIRO, *(Avenida Rio Branco)*. — PHARMACIA ARAUJO PENA FILHO, *(Rua da Quitanda)*. — *Em Petropolis, no estabelecimento de modas de* MME. PONGETTI *(Rua 15 de Novembro, 285)*. — *Em S. Paulo, na* CASA LEBRE. — *Em Bello Horizonte,* NARCISO & C. *(Rua da Bahia, 1221)*. — *Em Juiz de Fóra,* ARAUJO SANTOS & CARVALHO *(successores de* CYRILLO CARVALHO & C. — *Em Victoria,* CRUZ SOBRINHO & C. — *Na Bahia,* MANSO & C. — *No Recife,* A ROSA DOS ALPES. — *Em Maceió,* J. LAGES. — *Em Ouro Preto,* J. B. MENDES. — *No Rio Grande do Sul,* PALAIS ROYAL. — *Em S. Luiz do Maranhão,* A MARIPOSA e NOTRE DAME. — *Em Porto Alegre,* CASA QUEIMADA. — *Em Campos,* CASA LAMY. — *Em Campinas,* CASA CAZUZA. — *Em Fortaleza,* XAVIER PINTO & IRMÃO. — *Em Aracajú,* AO PREÇO FIXO. — *Em Pelotas,* A' TORRE EIFFEL. — *Em Ribeirão Preto,* VALERIANO T. DOS REIS. — *Em Lavras (E. de Minas)*, A BRASILEIRA. — *Em S. José do Rio Pardo,* A CENTRAL. — *Em Barbacena,* A FILIAL (SOUZA MARQUES & C.). — *Em Ponte Nova,* A BRASILEIRA. — *Em S. José do Paraizo,* SALLES & IRMÃO. — *Em Minios,* LOJA JACINTHO. — *Em Mococa,* J. MOREIRA e SALLES AZEVEDO & C. — *Em Bagé,* J. L. VAZ & C. *(Rua General Osorio)*. — *Em Cachoeira de Itapemirim,* A NOVA ESPERANÇA. — *Em Parahyba do Norte,* A RAINHA DA MODA. — *Em Curytiba,* A CARIOCA. — *Em Corumbá,* NICOLA SCAFFA. — *Em Palmyra,* PHARMACIA CENTRAL. — *No Pará,* PERFUMARIA CENTRAL. *Em Santos,* MIGUEL GUERRA. — *Em Uruguayana,* BEREHEGARAI. — *Em Franca,* BENJAMIN STEMBERG. — *Em Conde de Araruama,* RIBEIRO & FILHOS. — *Em Caxias,* GUIMARÃES SILVA & C. — *Em Barretos,* CONDE & ALMEIDA. — *Em Bebedouro,* RICARDO M. MACHADO. — *Em Leopoldina,* WERNECK & C. — *Em Taubaté,* JOAQUIM AUGUSTO CABRAL. — *Em Sobral,* EUCLYDES SABOYA & C. — *Em Cruz Alta,* CASA MONTENEGRO. — *Em Uberabinha,* TEIXEIRA COSTA & C. — *Em Cuyabá,* CASA MARTINIANO. — *Em Theophilo Ottoni,* J. PONGIRUM. — *Em Sta. Luzia de Carangola,* PHARMACIA DUTRA. — *Em Uberaba,* JOÃO GABARRO & CARVALHO. — *Em Therezina,* APHRODIZIO THOMAZ DE OLIVEIRA. — *Em Patrocinio,* SALAZAR & C. — *Em Santa Victoria do Palmar,* CASA PREÇO FIXO. — *Em Quissaman,* CARNEIRO & SOUZA.

Depositarios geraes para todo o Brasil : COSTA PEREIRA & C. — *Rua da Quitanda, 55.*